## DANIELA WEINGÄRTNER

## OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS NA COMUNIDADE DA VELHA CENTRAL, EM BLUMENAU - SC

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Música.

Orientadora: Dra. Vânia Beatriz Müller

#### W423s Weingärtner, Daniela

Os sentidos das práticas musicais na comunidade da Velha Central, em Blumenau-SC / Daniela Weingärtner. - 2018.

157 p. il.; 29 cm

Orientadora: Vânia Beatriz Müller

Bibliografia: p. 129-134

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2018.

 Comunidade. 2. Igreja luterana - Blumenau. 3. Emoções. I. Müller, Vânia Beatriz. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Música. III. Título.

CDD: 307 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Alice de A. B. Vazquez CRB14/865 Biblioteca Central da UDESC

### DANIELA WEINGÄRTNER

# OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS NA COMUNIDADE DA VELHA CENTRAL, EM BLUMENAU – SC

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Música.

Banca Examinadora	
Orientadora:	
	(Dr. Vânia Beatriz Müller - UDESC)
Membros:	
	(Dr Luis Ricado Silva Queiroz – UFPB)
	(Dr. Tatyana de Alencar Jacques)

Dedico este trabalho à Cristiane Holetz Weingärtner, minha mãe, por toda sua entrega à música da comunidade e por todo o seu carinho e amor.

#### **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela vida, pelo dom da música e pela oportunidade de experimentar o que é ser comunidade.

Aos meus pais, Cristiane Holetz Weingärtner e Roberto Weingärtner, pelo apoio e por sempre acreditarem em mim. Vocês são a minha inspiração e meu orgulho.

Às minhas irmãs, Adriana Weingärtner e Michele Rassweiller, pelo incentivo constante e pelas valiosas contribuições neste e em todos os estudos e projetos de minha vida.

À minha orientadora e amiga, professora doutora Vânia Beatriz Müller, por sua generosidade ao compartilhar pensamentos, ideias e proporcionar tantas avassaladoras reflexões.

À Comunidade Luterana da Velha Central por todas as experiências proporcionadas e pela confiança em minha pesquisa.

Às pessoas que me ajudaram a coletar dados e imagens na comunidade, como a Raquel e a Rosimeri. Muito obrigada pelos registros e informações compartilhadas.

Aos grupos de música da comunidade – Grupo Laudate, Grupo de Violões, Grupo de Flauta Doce, Coro do Caminho, Coro Jovem e Banda da JEVECE – pelas vivências e pela generosidade ao compartilhar.

Aos meus amigos pela paciência e inspiração constante durante todo esse período de mestrado.

Ao Grupo de Pesquisa Musicar por todas as conversas e pela generosidade em compartilhar, acolher e contribuir com minha formação.

À minha tia, Heidi Weingärtner Gielow, pela leitura cuidadosa e generosa desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC, professores e colegas de mestrado, por toda a sabedoria e pelas experiências compartilhadas.

À CAPES pela bolsa de estudos proporcionada durante o período do mestrado.

À Banca pela generosidade e disponibilidade em contribuir com esse trabalho.

Há sinais de paz e de graça neste mundo que ainda é de Deus. Em meios aos poderes das trevas manifestam-se as forças dos céus.

Palavra que diz liberdade, anúncio de paz e perdão,

abraço que aceita e sustenta — são luzes na escuridão.

(*Há sinais de paz e de graça* – LC 592 – Lindolfo Weingärtner)

**RESUMO** 

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos das práticas musicais para a comunidade da Velha Central, em Blumenau – SC, e, nessa direção, pretende compreender

como o musicar faz comunidade. O trabalho é uma etnografia de uma comunidade que é

luterana e, entre suas várias atividades, faz muita música. O olhar está voltado para o grupo

social e as relações que são perpassadas pela música. Assim, a noção de Comunidade, a partir

das ideias de Sawaia, Bauman e Maffesoli, é central neste trabalho e é trazida como contraste

ao Utilitarismo, conceito abordado enquanto um dos pressupostos do neoliberalismo

(PELANDA, 2001; ORDINE, 2013). A prática musical faz parte do ethos dessa comunidade e

é através das vivências compartilhadas, das emoções vividas em comum e dos habitus

(BOURDIEU, 2009) que o sistema de valores que move essa comunidade é reafirmado. As

aulas de música, ensaios dos grupos de louvor e os cultos são descritos nesta etnografia,

buscando apresentar esse grupo social e seus processos de ensino aprendizagem. Entendendo a

música como ação, a partir do conceito musicar, cunhado por Christopher Small, busco

compreender os sentidos dessas práticas musicais que são performance, educação musical,

louvor, empoderamento e pretexto para o encontro.

Palavras-chave: Comunidade. Musicar. Igreja Luterana.

**ABSTRACT** 

This research aims to investigate the meanings of musical practices for the Velha Central

community, in Blumenau - SC and, in this way, intends to understand how musicking makes

community. The work is an ethnography of a community that is Lutheran, and between various

activities, makes a lot of music. The focus is on the social group and the relationships are

permeated by music. The notion of community, based on the ideas of Sawaia, Bauman and

Maffesoli, is central to this work and is brought as a contrast to the Utilitarism, one of the

pressuppositions of neoliberalism (PELANDA, 2001; ORDINE, 2013). Musical practice is part

of the ethos of this community and it is through the shared experiences, the emotions lived in

common and the habitus (BOURDIEU, 2009) that the value system that moves this community

is reaffirmed. Music classes, praise groups and worship are described in this ethnography,

seeking to present this social group and their music education processes. Understanding music

as action, from the concept of musicking, by Christopher Small, I seek to understand the

meanings of these musical practices that are performance, musical education, praise,

empowerment and pretext for the meeting.

**Keywords**: Community. Musicking. Lutheran Church.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Celebração do dia das Mães – 14 de Maio de 2017	38
Figura 2: Festa da Comunidade – Dia das Mães – 14 de Maio de 2017 - 1	40
Figura 3: Festa da Comunidade – Dia das Mães – 14 de Maio de 2017 - 2	41
Figura 4: Festa da Comunidade – Dia das Mães – 14 de Maio de 2017 - 3	41
Figura 5: Vista de Cima da Região da Igreja do Caminho – Blumenau Velha Central	43
Figura 6: Horário Semanal – Igreja do Caminho	46
Figura 7: Calendário da Comunidade – Junho de 2018	46
Figura 8: Esquema – Circulação de pessoas entre os grupos musicais da Comunidade	50
Figura 9: Sala do Culto Infantil	56
Figura 10: Mutirão 2016 - 1	61
Figura 11: Mutirão 2016 - 2	63
Figura 12: Aula de Música no Ensino Confirmatório - 1	74
Figura 13: Partitura - Buscai Primeiro – Flautas Doce	75
Figura 14: Partitura - Buscai Primeiro – Grupo Laudate	76
Figura 15: Aula de Música no Ensino Confirmatório - 2	78
Figura 16: Encontro de Flautas Doce - 2017	80
Figura 17: Partitura - Dizei aos Cativos – Encontro de Flautas Doce 2017	82
Figura 18: Partitura - Dizei aos Cativos - Soprano 2 Encontro de Flautas Doce 2017	83
Figura 19: Partitura - Dizei aos Cativos - Contralto 2 - Encontro de Flautas Doce 2017	83
Figura 20: Crianças do Projeto de Flautas Doce – Natal de 2000	85
Figura 21: Grupo Laudate - 2004	85
Figura 22: Grupo Laudate – Comunidade Blumenau Centro – 25 de Março de 2018 -	
Domingo de Ramos	87
Figura 23: Partitura - Quão Bondoso Amigo é Cristo – Melodia e Contracanto	88
Figura 24: Partitura - Pai Nosso Sertanejo – Grade Laudate	89
Figura 25: Recital – Grupo de Flautas Doce - 2016	90
Figura 26: Celebração de Dia das Mães – 14 de maio de 2017 – Coro Jovem, Grupo Lauda	te e
Comunidade Cantando	92
Figura 27: Culto Dominical – Canto de Invocação	103
Figura 28: Partitura – Tu vieste à margem do Lago	104
Figura 29: Partitura – Até aqui me trouxe Deus	105
Figura 30: Culto Dominical – Grupo Laudate e Grupo de Violinos	107

Figura 31: Jovens da Comunidade – Sábado de Manhã	112
Figura 32: Encontro da JEVECE	112
Figura 33: Acampadentro JEVECE 2018	113
Figura 34: Comunidade Após Culto Dominical - 2017	116
Figura 35: Saída da Celebração de Dia das Mães – 14 de Maio de 2017	116

#### LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Comunidade Evangélica de Blumenau

DC – Diário de Campo

HPD – Hinos do Povo de Deus (Hinário da Comunidade)

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

LC – Livro de Canto – Sole Deo Glória (Novo livro com hinos da comunidade)

OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas

# SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	21
1	CAMINHOS DA PESQUISA	25
1.1	PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES	28
1.2	ETNOGRAFIA DA MINHA COMUNIDADE: DESAFIOS DO PROCESSO	34
1.3	A COMUNIDADE DA VELHA CENTRAL	37
2	COMUNIDADE	51
2.1	HABITUS E ETHOS	52
2.2	COMUNIDADE: UM LUGAR QUE A GENTE GOSTA DE ESTAR	58
2.3	O MUSICAR E SEU ASPECTO COMUNITÁRIO	63
3	VIVÊNCIAS MUSICAIS	69
3.1	AULA DE MÚSICA NO ENSINO CONFIRMATÓRIO	71
3.2	GRUPO LAUDATE	84
3.3	CULTOS: UM MUSICAR COLETIVO	90
4	OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS NA COMUNIDADE	97
4.1	A MÚSICA COMO MANIFESTAÇÃO DA FÉ	99
4.2	AS MULHERES E A MÚSICA	106
4.3	MÚSICA COMO PRETEXTO PARA O COLETIVO	111
4.4	MÚSICA E O <i>ETHOS</i> DA COMUNIDADE DO CAMINHO	114
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO A - SUMÁRIO DO LIVRO DE CANTO	131
	ANEXO B – LIVRO DE CANTO 150 – BUSCAI PRIMEIRO	133
	ANEXO C – LIVRO DE CANTO 155 – DEUS É MEU AMPARO	135
	ANEXO D – LIVRO DE CANTO 176 – DIZEI AOS CATIVOS, SAÍ	137
	ANEXO E – ARRANJO DO HINO LC 176 – DIZEI AOS CATIVOS, SAÍ	139
	ANEXO F – LIVRO DE CANTO 258 – PAI NOSSO SERTANEJO	143
	ANEXO G – ARRANJO DO HINO LC 258 – PAI NOSSO SERTANEJO	145
	ANEXO H – LIVRO DE CANTO 479 – GRAÇAS DOU POR ESSA VIDA	149
	ANEXO I – LIVRO DE CANTO 511 – ALMA BENDIZE	151
	ANEXO J – LIVRO DE CANTO 567 – CANÇÃO DO CUIDADO	153
	ANEXO K – LIVRO DE CANTO 590 – QUÃO BONDOSO AMIGO É CRIST	ГО 155
	ANEXO L – PARTITURA DA MÚSICA OUERO VERO O SOL NASCENDO	) 157

## INTRODUÇÃO

Nasci em uma família em que a prática musical era frequente e quase sempre relacionada com a Igreja Luterana. Minha mãe atuava como professora de música e regente e meu pai tocava trompete nos cultos da igreja. Assim, desde muito cedo tive contato com música e ela se tornou parte da minha perspectiva de fé. Comecei meus estudos musicais ainda criança, dentro da Igreja Luterana em Blumenau. Aos seis anos, quando sabia minhas primeiras notas na flauta doce, já ajudava a conduzir o louvor nos cultos. Tenho lembranças fortes dessa época e da importância que tinha, para mim, tocar no culto, em especial junto com tantas outras pessoas, as quais eu considerava da família. Eu fazia aulas de flauta doce, cantava no coro infantil e tocava junto com músicos mais experientes, e essas vivências serviram de estímulo para o desenvolvimento de minha musicalidade. A partir daí, aprendi outros instrumentos, participei de cursos e de grupos musicais, quase sempre relacionados à Igreja Luterana. Foram mais de dez Seminários de Música em Rodeio 12 (cursos de música promovidos pela Igreja Luterana) e muitos encontros de Coros e Instrumentistas. Hoje, atuo, também profissionalmente, na música da Igreja Luterana. Assim, o interesse pela temática desta pesquisa é, também, um reflexo de minhas vivências pessoais e profissionais. Trata-se de uma pesquisa participante, num ambiente onde vivo desde minha infância e com pessoas que fazem parte de minha história de fé e de minha história com a música.

A presente dissertação trata da prática musical da Comunidade Luterana, localizada no Bairro da Velha Central, em Blumenau – SC, e tem como objetivo a compreensão dos sentidos das práticas musicais para a comunidade. Através da descrição das práticas musicais, procurei compreender os modos e processos de educação musical, entendendo, ainda, os modos como o luteranismo está presente nas práticas musicais. Além disso, a investigação procura apontar quais valores são comuns na comunidade, observados na cotidianidade de suas relações sociais, bem como a compreensão da sua identidade comunitária e, ainda, da formação e manutenção de seu *ethos*. Reflito, ainda, sobre os mecanismos de contágio dos *habitus* dessa comunidade e a música nessa relação. A questão que rege essa pesquisa é: Quais os sentidos das práticas musicais da Comunidade da Velha Central e como o musicar faz comunidade?

A Igreja Luterana que observo está localizada no bairro da Velha Central, que fica na região mais periférica da cidade de Blumenau - SC. Trata-se de um bairro bastante diverso socialmente, mesclando famílias de diversas classes sociais. Apesar de ser uma área urbana, diversas propriedades ainda abrigam roças e criações de animais, como resquícios de uma época em que o bairro era rural. O sotaque alemão presente, em especial, na fala dos mais idosos,

reafirma a germanicidade que perpassa as relações, os *habitus* e as atividades do bairro da Velha Central.

A Igreja do Caminho (nome dado à Igreja da Velha Central) é o principal cenário desta pesquisa. Porém, como pesquiso os sentidos das práticas musicais que ali acontecem, olho em especial para as pessoas e as relações construídas entre elas, o que extrapola os muros da igreja. O musicar da comunidade, tomando emprestada a noção que Small tem de prática musical, é intenso, variado e envolve muitas pessoas. A força teológica, social e comunitária que esse musicar tem me despertou curiosidade e interesse em compreender a música e os sentidos desse musicar que é performance, louvor e educação musical. A música tem, em geral, um papel fundamental na vida e no desenvolvimento humano. Assim, buscando me aprofundar nas relações entre as pessoas e a música da comunidade, optei por realizar uma etnografia.

A escassez de pesquisas de educação musical de cunho etnográfico, em especial em comunidades luteranas, serve como estímulo para essa pesquisa. Toda educação se refere ao humano e vem para atender as expectativas e demandas sociais (QUEIROZ, 2017a). Assim, visto que estamos envoltos em uma conjuntura neoliberal (PELLANDA, 2001) que segue a lógica utilitarista (ORDINE, 2013), pensar e pesquisar os sentidos do musicar de uma comunidade me parece fundamental.

Esta pesquisa é resultado do olhar e da escuta de uma etnógrafa aprendiz, da área de Educação Musical, que olha para a própria comunidade, com um misto de encantamento e curiosidade. A intenção é compreender os valores subjacentes às práticas musicais da Comunidade do Caminho, contribuindo, localmente, para a legitimação do trabalho musical religioso e, consequentemente, promovendo a reflexão e o empoderamento dos músicos e da educação musical oportunizada ali, a partir do olhar atento e crítico para a própria prática musical. De maneira mais ampla, a intenção desse trabalho é chamar atenção para os valores que fazem parte de uma comunidade e como estes podem estar relacionados ao musicar. A noção de que o musicar possa estar na gênese e fazer parte do *ethos* de um grupo contribui para a reflexão sobre as potencialidades que a música e as aulas de música têm de construir (ou reconstruir) valores humanos, promovendo um *ethos* social mais solidário do que aquele que faz parte da realidade atual, e contribuindo para a construção da noção de comunidade.

O primeiro capítulo da dissertação se refere aos caminhos desta etnografia, apresentando alguns trabalhos sobre comunidade e reflexões sobre a observação do que me é familiar. Parto, ainda, da descrição de uma festa da comunidade para apresentar ao leitor algumas características e sentidos que movem essa comunidade.

Os primeiros meses de pesquisa funcionaram como pré-campo, quando comecei a fazer meus primeiros diários de campo, registrando impressões e relações por mim observadas. A ideia era desenvolver a escrita e o olhar etnográfico pois, como nativa, percebi a falta de detalhamento na descrição daquilo que me é altamente familiar. Pesquiso no quintal de minha casa, tomando emprestada a noção de Nettl (2005) sobre as pesquisas *at home*, e olho com curiosidade para esse campo; contemplando minha própria comunidade, pretendo trazer o leitor para a comunidade da Velha Central.

Comunidade é um conceito chave desse estudo e ele é apresentado no segundo capítulo a partir das ideias de alguns pensadores e a partir do olhar da própria comunidade. Parto das ideias de Bauman sobre a palavra 'comunidade', perspectiva esta que, embora romantizada, parece fazer parte do imaginário da Comunidade da Velha Central. Trata-se de um olhar idealizado sobre ser e estar em comunidade. Trago, ainda, as ideias de Maffesoli (2006) e Sawaia (2009), que falam de comunidade como o estar junto, pertencer e conviver.

Uma comunidade se reconhece como tal a partir do reconhecimento das práticas comuns e dos valores que regem a vida e as ações nesse determinado espaço. Nesse sentido, há um *ethos* por trás da comunidade e ele é moldado, aprendido e reafirmado quando os indivíduos estão em comunidade, compartilhando experiências e afetividades. São mecanismos de contágio (MAFFESOLI, 2006) que reafirmam as estruturas estruturantes (BOURDIEU, 2009) da comunidade. As ações e os costumes assimilados como forma de estar no mundo fazem parte da construção e manutenção desse *ethos*, assim como são frutos desses valores e visões de mundo. Essas relações e sistema de valores que movem este grupo social existem a partir das práticas que, neste estudo, são compreendidas a partir da noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu.

Entre as práticas diversas que ajudam a reafirmar o *ethos* social da Comunidade do Caminho está a prática musical, ela que é também fruto da relação entre as pessoas. O olhar para o fazer musical, neste estudo, considera o conceito de musicar cunhado por Christopher Small (1989; 2002). Musicar tem em si a noção de que a música é verbo e existe na ação, e todos os que são movidos por essa música fazem parte do musicar. Assim, essa perspectiva ajuda na reflexão central desta etnografia, que pretende entender como o musicar faz comunidade e quais os sentidos atrelados a ele.

O terceiro capítulo discorre sobre os modos e processos de ensino e aprendizagem musical na comunidade, trazendo à tona os aspectos religiosos e motivacionais implicados nessas aprendizagens. São considerados, portanto, os momentos de aulas de música, tão diversos nessa comunidade, mas também as demais práticas musicais, acreditando que todo musicar tem potencial educativo. Reflito, portanto, sobre os processos de aprendizagem

musical, em um contexto onde a música é manifestação da religiosidade, é parte da noção de coletividade e é, também, performance.

São contemplados, neste capítulo, diferentes processos de ensino e aprendizagem de música. São descritas as aulas de música no Ensino Confirmatório, onde todos os jovens fazem aulas de música, com enfoque na flauta doce e no Livro de Canto da IECLB; os ensaios do Grupo Laudate, onde são tecidas importantes relações de aprendizagens ligadas à prática musical em conjunto; e os Cultos, onde acontece o musicar no coletivo e aprendizagens de diversas naturezas (teológicas, comunitárias, musicais...). Aqui, ficam claras as naturezas diversas dos processos de Educação Musical tecidos na Comunidade do Caminho, entendidos, nessa dissertação, como partes integrantes do musicar e, portanto, referindo-se muito mais às diferentes vivências musicais do que a métodos e processos de ensino formal de música.

A música, em especial quando feita em grupo, gera uma série de significados, que envolvem o próprio sentido intrínseco à música, as relações tecidas entre os músicos que compartilham desse musicar, memórias diversas e tantas outras coisas. Nesse sentido, o quarto capítulo se propõe a discutir e apresentar alguns sentidos atrelados a esse musicar. Trata-se de uma comunidade que canta em grupo, utilizando hinários com músicas de vários estilos e origens, que possui aulas de música em grupo, que investe financeiramente no trabalho musical e tem, em seu discurso, orgulho das práticas musicais que ali acontecem. Entre os múltiplos sentidos (individuais e coletivos) existentes no musicar do grupo social que observo, trato do sentido religioso, da prática musical como pretexto para o social, do empoderamento e do musicar como forma de construção da noção de comunidade.

Esta etnografia olha para uma comunidade e, sem pretender julgar ou classificar as atividades educativo-musicais ali desenvolvidas, quer apresentar o musicar e seus significados intrínsecos a partir do olhar e da escuta de uma etnógrafa aprendiz.

#### 1 CAMINHOS DA PESQUISA

O anseio de pesquisar a música e os sentidos da prática musical na comunidade da Velha Central e como essas práticas musicais fazem comunidade e, a partir disso, também os processos de aprendizagem musical, me fez refletir sobre os caminhos a seguir. Trata-se de uma pesquisa em Educação Musical e, portanto, meu foco está na música e em seus processos de transmissão e apropriação. Porém, ao olhar para a Igreja do Caminho, fui aos poucos percebendo o quanto a música está, intrinsecamente, imbricada com a vida social, afinal de contas "Nenhuma música pode ser percebida como música em um vácuo social" (GREEN, 2012, p. 63)

A música da Comunidade do Caminho acontece de diferentes maneiras. Existem processos de educação musical formal, como é o caso das aulas de música no ensino confirmatório e oficinas de instrumentos. Existem também os momentos de performance, em cultos, ensaios dos grupos musicais e em encontros dos grupos de trabalho¹ da comunidade. Há, ainda, diversas manifestações musicais espontâneas, no pátio da igreja ou nas festas da comunidade. E essas diferentes formas de fazer música se integram à vida e à rotina da comunidade e se misturam com os valores da comunidade.

Como diz Queiroz (2017a), "A educação musical é um fenômeno da cultura e, como tal, está entranhada às demais dimensões que constituem sua inserção na sociedade contemporânea." (p. 164). Nesse sentido, "toda educação atende anseios, necessidades e definições culturais e, portanto, qualquer proposta educacional nasce para servir às demandas que lhes são apresentadas social e culturalmente." (p. 167).

As práticas musicais emergem da sociedade e da cultura que as cercam e, a partir desta perspectiva, a vida da comunidade da Velha Central foi observada. Aspectos como a fé que une aquelas pessoas e características intrínsecas à comunidade fazem parte desse estudo. Outros aspectos ligados à sociabilidade, como a presença feminina e o papel das vivências comunitárias na vida dos jovens, foram considerados. Isso porque, como chama a atenção Cook (2006), a área da música percebeu, já no século XX, a "necessidade de interpretar tanto a música no seu

.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> As diversas atividades desenvolvidas na igreja são denominadas, pelos próprios nativos, como Grupos de Trabalhos. São diversos grupos com focos de trabalho específicos que iniciam com um momento mais celebrativo e em seguida tem outras atividades, dependendo do foco de interesse. Os encontros são semanais, quinzenais ou mensais, dependendo do grupo. No caso da Comunidade do Caminho, os Grupos de Trabalho são: os dois grupos de OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), o Grupo de Casais, o Missão Criança, a JEVECE (Juventude Evangélica Velha Central), o Grupo Hosana (que é um trabalho com os Idosos da Comunidade), o Grupo Flores do Caminho (Grupo de atividades manuais), o Ensino Confirmatório e o Culto Infantil.

contexto social e cultural mais amplo, quanto os valores intelectuais e éticos inerentes no ato da interpretação." (COOK, 2006, p. 10). A música está entranhada de relações humanas e, na gênese dos processos de educação musical da comunidade, estão os valores que constroem o *ethos* da comunidade.

Para dar conta do que a comunidade apresentava e de parte das diferentes relações humanas com a música, este estudo se apropriou metodológica e teoricamente de conhecimentos da Antropologia, Sociologia e Etnomusicologia. Tais estudos visam ampliar a discussão que é de Educação Musical.

"A função dos intérpretes da cultura, no nosso caso os pesquisadores da educação musical, é buscar o significado intrínseco a cada cultura e não ditar as diretrizes de como um universo cultural e/ou as práticas de ensino de música deveriam ser." (QUEIROZ 2017a, p. 170). É nesta direção que essa pesquisa investiga os sentidos da prática musical da comunidade da Velha Central e os processos de ensino e aprendizagem de música. Assim, ao buscar interpretar a vida e a música da comunidade da Velha Central, pretendo buscar os significados ali existentes através da participação da vida dessa comunidade e de uma imersão no campo de pesquisa. Neste sentido, esta pesquisa é uma etnografia:

[...] é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como ferramenta do conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros textos, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 1989, p. 4).

A pesquisa visa a descrição e a interpretação dos sentidos das práticas musicais da Comunidade do Caminho. Assim, procurei realizar uma descrição densa das atividades musicais e das vivências da comunidade observada. Durante todo o processo de pesquisa, a opinião e os relatos dos nativos foi considerada. Trata-se de uma comunidade Luterana que, entre suas diversas atividades, faz muita música.

A partir das observações, de registros de áudio e vídeo, das conversas com os nativos e do convívio com esse grupo social, valores e subjetividades relacionadas ao fazer musical dessa comunidade surgiram. Isso porque, segundo Geertz (1989, p. 15), a etnografia "[...] é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixálo em formas pesquisáveis".

Clifford Geertz (1989, p. 208), ao falar da cultura de Bali, diz que a briga de galos "Não significa uma imitação da pontuação da vida social balinesa, nem uma representação dela, nem mesmo uma expressão dela – é um exemplo dela, cuidadosamente preparado". Nesse sentido, a compreensão de Geertz sobre essa cultura permite um paralelo com a comunidade Luterana, uma vez que o culto luterano é rito por excelência e, como tal, é um exemplo da vida dessa comunidade. Os cultos são, também, muito musicais, o que contribuiu significativamente para a compreensão da música dessa comunidade. Isso porque a descrição densa das diferentes práticas, inclusive musicais, permite a compreensão dos sentidos do fazer música para essa comunidade. Nesse sentido, os cultos, assim como as brigas de galos citadas por Geertz, não são reflexos da comunidade, mas são partes essenciais dela, que funcionam como agentes na criação e manutenção da vida e das relações ali existentes. (GEERTZ, 1989, p. 211)

A partir da imersão na comunidade, os caminhos foram se apresentando, e a partir das leituras e vivências, busquei sempre aprofundar as descrições e interpretações dos sentidos da prática musical da Velha Central. Isso porque, como diz Geertz (1989, p. 15), "Há ainda, em adiantamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica". Por isso, a comunidade foi observada em profundidade e questões subjacentes ao fazer musical se mostraram como fundamentais para a compreensão dos sentidos das práticas musicais da comunidade. Como sou parte dessa comunidade e, portanto, me emociono, oro e louvo, utilizei gravações audiovisuais como ferramentas para me auxiliar a traçar as relações da comunidade com a música.

A pesquisa se dá na relação com os membros da comunidade luterana da Velha Central, que foram observados em suas atividades na igreja, tanto aquelas relacionadas à fé, quanto aos momentos de convívio informal entre as pessoas. Os ensaios dos grupos musicais, os encontros dos grupos de trabalho, as aulas e oficinas de instrumentos musicais, a participação em celebrações e cultos, além de outros momentos de encontro foram observados. A partir da observação participante e do convívio com a comunidade, busquei registrar as relações interpessoais, os sentidos e os processos de educação musical implícitos nas práticas musicais. Além disso, o que não foi compreendido através da imersão na comunidade, foi perguntado, através de entrevistas e conversas. Com a intenção de preservar a identidade dos interlocutores desta etnografia, tanto nas falas e impressões como nas descrições realizadas por mim, todos os nomes foram substituídos por pseudônimos.

Oliveira (1996, p. 15) diz que "Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque [...] o objeto sobre o qual dirigimos nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo.".

Assim, se torna difícil etnografar a própria comunidade, já que isso tem implicações na densidade e no grau de detalhamento das descrições. Percebi, durante todo o processo de pesquisa, que a objetividade e a síntese são próprias de quem conhece profundamente a comunidade estudada. Perceber a não imparcialidade na pesquisa – afinal de contas, a forma de olhar e de me relacionar com o campo é entranhada de minhas vivências—, reforça o papel das referências teóricas, que servem como lentes para a observação e como base para os encontros etnográficos.

### 1.1 PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES

Para contextualizar a presente pesquisa e construir uma perspectiva pela qual olho para a comunidade que pesquiso, investiguei a produção acadêmica, em âmbito nacional, considerando artigos, monografias, dissertações e teses produzidas no meio acadêmico, na área de música, sobre práticas musicais em comunidades religiosas. A busca dos trabalhos foi realizada através do banco de teses e dissertações da CAPES, dos anais de Associação Brasileira de Educação Musical e da Revista da ABEM e na Revista OPUS. Além dos trabalhos obtidos nestas buscas, outras produções foram incorporadas, ajudando a traçar o contexto a partir do qual olho para essa comunidade. Isso porque, para olhar para uma comunidade religiosa, ou para qualquer campo de pesquisa, é fundamental conhecer outros estudos com contextos e perspectivas semelhantes.

A investigação da presente pesquisa está voltada para uma comunidade Luterana, localizada no Bairro da Velha Central na cidade de Blumenau. Discuto os múltiplos processos de educação musical vinculados ao musicar da comunidade. Nesse sentido, este trabalho tem uma abordagem sociocultural dentro da área de Educação Musical, esta que vem ampliando suas discussões sobre práticas musicais extraescolares.

Lucy Green (2012) se refere às relações entre a sala de aula e a música informal, defendendo a relevância das práticas musicais informais para o desenvolvimento musical de jovens estudantes. A autora é uma referência da área e consolida as vivências não escolares como musicalizadoras e trata da relevância dessas práticas para os processos de educação musical na escola. Lucy Green (2012) diz, ainda, que a "Música tem significados à medida que as pessoas entendem como tal em primeiro lugar; caso contrário não conseguiríamos distinguir música de qualquer outra coleção de som e silêncio" (p. 63). Os significados apresentados por Green são percebidos em dois aspectos: os significados inerentes, que, como o próprio nome já

sugere, referem-se às questões intrínsecas à música, e os significados delineados, que se referem aos "conceitos e conotações extramusicais que a música carrega, isto é, suas associações sociais, culturais, religiosas, políticas ou outras." (GREEN, 2012, p.63).

Se a música se refere e se relaciona também ao social, as práticas musicais não escolares são de grande relevância. Souza (2008), no mesmo sentido, contribui para a compreensão da importância das práticas musicais não escolares, trazendo a noção de que a educação musical é, também, fruto do cotidiano.

A literatura que investiga o cotidiano como um espaço moral e social, acredita nele como um lugar onde se constroem, em detalhes, as relações com os outros, no qual se constitui o "mundo vivido" e onde o patrimônio comum da humanidade é criado e sustentado. Ela também presume que é através das ações e interações que se fazem as continuidades das experiências (SOUZA, 2016, p. 12).

O cotidiano na presente etnografia se refere muito à vida na comunidade. As relações pessoais são ali criadas, reafirmadas ou sustentadas. As experiências compartilhadas e ensinadas são de suma importância também, para a manutenção das práticas religiosas, sociais e musicais. O cotidiano da comunidade é musicalizador, mas é, também, um cotidiano onde crenças e paradigmas são ensinados e aprendidos. As pessoas e os sentidos que residem nas práticas musicais da Comunidade do Caminho são foco dessa pesquisa. Portanto, dialogo com a dissertação de Müller (2000), que trata dos sentidos das práticas musicais de crianças em situação de rua, em Porto Alegre. O caráter social das práticas musicais, observado pela autora, nos leva a repensar o papel da educação musical e seu potencial de inferência na formação humana.

Para os alunos da EPA, tanto quanto a música não é algo para ser observado e sim vivido, ela também não ocupa uma posição de *status* que a classifica como superior dentre os elementos que compõem suas vidas, exigindo, por isso, momentos "adequados" para fazer música. Nesse sentido, a concepção da música como algo inerente às suas vidas os faz crer que ela é para ser vivida, seja em que contexto for e com quaisquer gêneros de música (MÜLLER, 2000, p. 172).

A música, para as crianças em situação de rua, segundo Müller, é para ser vivida e é inerente à vida de cada um desses jovens. Essa perspectiva aponta para um "aspecto vivencial da música", uma vez que a música é um processo em que as experiências de estar criando ou participando desse musicar fazem parte (SMALL, 1989). Assim, a prática musical pode ter em si uma série de sentidos atribuídos.

Diversas são as perspectivas e os sentidos atribuídos à prática musical na Igreja da Velha Central e, tratando-se de uma comunidade religiosa, valores próprios da espiritualidade acabam vindo à tona. O trabalho de Gomes (2012) ajuda a apresentar um panorama das práticas musicais em comunidades religiosas, com foco nas experiências e seus sentidos e significados,

sociais e religiosos. O trabalho trata das celebrações do mês de maio em uma comunidade rural, da zona da mata. Essas celebrações são, segundo a autora, importantes meios de congregação dos fiéis. Centralizadas na reza do terço, as celebrações são, ainda, acompanhadas de um vasto repertório musical. Entendendo a música como memória que canta, os cânticos funcionam como veículos dos elementos simbólicos que perpassam a vida dessa comunidade.

A noção de que cânticos veiculam elementos simbólicos é uma perspectiva também encontrada em outras manifestações culturais. No caso da Igreja do Caminho, muito do que se canta é sobre a fé e sobre os valores que fazem parte da Igreja Luterana (IECLB). Mas, além dos valores religiosos, é possível que as experiências compartilhadas, o imaginário vivido em comum e as subjetividades sejam veiculadas, em alguma medida, através da música. Nesse sentido, a perspectiva do trabalho de Gomes ajuda a traçar um pouco dos elementos simbólicos que residem e são reafirmadas através da prática musical.

Ao olhar para uma comunidade religiosa, torna-se necessário compreender os preceitos religiosos que fundamentam os ritos desse grupo. No caso da comunidade da Velha Central, os paradigmas luteranos estão incorporados nas vivências da comunidade e, por isso, busquei também trabalhos da área de Teologia Luterana que se referem às práticas musicais no contexto comunitário. O livro de Ewald (2010) discute, por um viés teológico, as relações entre a música — tida como prática contemporânea e milenar —, liturgia, pregação e comunidade. O livro conta com importantes discussões sobre as práticas musicais, sendo elas, em geral, fundamentadas nos princípios teológicos. Schalk (2006) apresenta um estudo sobre a importância dada à música pelo reformador Martin Luther. O trabalho reúne vários escritos do reformador, assim como uma descrição de suas ações em prol da música. O livro traz, ainda, trechos de pregações e demais registros escritos em que o reformador Lutero chama a atenção para a importância da música, do ensino da música e do investimento financeiro nesta área, uma vez que seus posicionamentos e ações em prol da música apontavam "para uma ênfase em música como uma arte prática e de performance com uma função direta, crucial e importante na vida e no culto da igreja." (SCHALK, 2006, p.22). É grande a importância dessa obra para a música luterana, uma vez que nela encontramos parte do que fomentou o trabalho musical e do canto comunitário praticado até hoje no contexto luterano.

O trabalho de Eberle (2008), da área de Teologia, também dialoga com a presente pesquisa, uma vez que fala do ensaio de um Grupo de Louvor, que são grupos formados por instrumentistas e cantores em diferentes estágios de seu desenvolvimento musical. Segundo a autora, os Grupos funcionam como agentes de formação teológica, uma vez que se discutem valores e sentidos das músicas ensaiadas e, ainda, de formação musical, já que inúmeros

processos de coaprendizagem são gestados nesse contexto. A autora trata, ainda, das vivências comunitárias como significativas nesse contexto de aprendizagem, perspectiva central para essa dissertação, sendo que acredito que, ao olhar para a música e para os processos de educação musical, faz-se necessário compreender as relações comunitárias que a cercam.

Uma das questões que se relaciona fortemente com a prática musical em contexto religioso é a escolha de repertório. Muitos são os valores veiculados a partir das músicas, e questões como escolhas estéticas, complexidade musical e perspectivas religiosas podem ser reveladas a partir disso. Apesar desta etnografia não se referir diretamente aos processos de escolha de repertório, os valores veiculados e atribuídos ao repertório perpassam as experiências musicais da comunidade e são subjacentes ao canto comunitário. Steuernagel (2015) discute os parâmetros necessários para a escolha de repertório para o canto comunitário, trazendo à tona critérios que são musicais, teológicos e sociais. Segundo o autor:

[...] se não houver uma intencionalidade crítica na escolha do repertório empregado para a expressão artística e cultural do povo de Deus no contexto do culto [...] haverá confusão e conflito entre o *modus vivendi* proposto pelas Escrituras e a proposta cultural e mercadológica na qual vivemos. (STEUERNAGEL, 2015, p. 92).

A escolha crítica de um repertório supõe um critério teológico-musical, porém, vai além, uma vez que a comunidade que canta preenche de sentidos essas práticas, dando vida e novos significados (inclusive religiosos) às obras musicais executadas. A ideia de que a música pode ganhar novos sentidos no culto cristão, sem ignorar os sentidos construídos no processo de composição, refere-se à ideia de que a música ganha vida quando executada, mas é também veículo de sentidos e de transmissão de uma mentalidade teológica/musical/social esperada.

Mendonça (2014), por exemplo, trata da Teomusicologia e fala da transmissão da mentalidade teológica adventista através das composições musicais. O trabalho tem uma matriz teológica e busca transformar a Teomusicologia em forma de análise musical. O trabalho olha em especial para as composições musicais e fala dos processos de transmissão da mentalidade religiosa através da música. Apesar de essa perspectiva ser, também, bastante forte na Igreja Luterana, acredito, em especial pelas vivências e pela pesquisa na Comunidade do Caminho, que aspectos teológicos são propagados também pelas vivências comunitárias com a música. A relação entre as pessoas e a prática musical nesse contexto veiculam valores que vão além da mentalidade religiosa presente na composição musical. Como diz Cook:

Mas não se pode, visivelmente, estudar partituras escritas ou impressas como se nunca tivessem sido executadas, ou pretendido ser executadas [...]. Igualmente, há poucos contextos culturais em que faz sentido estudar a execução musical sem nenhuma consideração relativa ao que está sendo executado, seja que exista na forma de uma representação escrita, oral, ou puramente conceitual [...]. (2006, p. 22).

A perspectiva de Cook nos lembra das relações entre a música e as pessoas. Este estudo entende que, ao vincular valores luteranos, as músicas também promovem a relação entre as pessoas e essas vivências se misturam com as perspectivas espirituais. Ainda assim, o olhar teomusicológico para o repertório executado em contexto religioso contribui para a compreensão do que se canta e dos valores que envolvem essa prática musical.

A relação teológica com a prática musical vai além do repertório. Isso porque a música é rito e faz parte do culto, que é ritual por definição. Assim, o trabalho de Figueiredo (2004), que tem como foco as experiências vivenciadas na Primeira Igreja Batista de Irajá, que entre suas atividades faz muita música, contribui para esse entendimento da música que é arte, performance, mas também é vivência de um rito. O ritual, segundo o autor, reforça as relações entre os indivíduos e, para explicar esse relacionamento entre os indivíduos, traz o conceito de *Koinonia*.

Koinonia é o regime de compartilhamento das mesmas crenças, ideais, opiniões e posses. É colaboração mútua, participação (práxis), relacionamento mais íntimo (Siepierski, 1995:13) no cotidiano, face a face; é colaboração não só no fazer, mas também no ter, objetivando o bem comum (FIGUEIREDO, 2004, p. 21).

O conceito de *Koinonia*, de origem grega, traz à tona as noções de comunidade e compartilhamento. As relações entre os indivíduos e como se constroem essas relações são questões centrais para a presente etnografia e, apesar desta dissertação não utilizar da noção de *Koinonia*, a perspectiva de compartilhamento e das relações entre os indivíduos são discutidas mais à frente, a partir da noção de Comunidade.

A noção de grupo e de compartilhamento é discutida na tese de Müller (2010). O trabalho é uma etnografia que trata de um grupo de música instrumental brasileira, a *Itiberê Orquestra Família*. O estudo trata das experiências, do *habitus* do grupo, abordando, também, noções sobre o *ethos* e suas visões de mundo, trazendo à tona o envolvimento dos sujeitos com a *práxis* do coordenador na condução das atividades musicais e sociais daquela orquestra. As experiências e as práticas musicais observadas naquele grupo colabora na compreensão de que práticas musicais veiculam valores, *habitus* e visões de mundo.

As práticas musicais, uma vez que são ferramentas de propagação de ideias e valores, são, também, responsáveis pela criação e manutenção de identidades. A dissertação de Scholl Matter (2014), da área de musicologia, por exemplo, trata da atualização e da formação de identidades a partir da prática de canto coral no ambiente religioso católico. Para a autora, a música é fator significativo na construção e manutenção de identidades. A autora traz, também, a dimensão étnica, uma vez que os coros por ela analisados são formados por descendentes de alemães. Normalmente se pensa nos luteranos quando se fala da germanicidade, mas essa

perspectiva é também por ela questionada. Assim como no trabalho de Scholl Matter, que tem como contexto cidades conhecidas turisticamente por sua germanicidade, Blumenau, cidade da presente pesquisa, é conhecida por suas festas de tradição alemã e arquitetura típica e vende uma imagem turística de uma "Alemanha sem passaporte". A identidade germânica veiculada pelo turismo da cidade difere bastante dos valores e da germanicidade da comunidade luterana. Os valores germânicos transpassam a comunidade e, portanto, fazem parte dela e de seu fazer musical.

A prática musical em comunidade é o foco desta pesquisa e, por ser um tema já bastante estudado, dialoga com diversos trabalhos da área de música. Exemplo disso é a dissertação de Joly (2007) que fala sobre os processos de educação musical implícitos na convivência em uma orquestra comunitária. Da mesma forma o artigo de M.C.L Joly e I.Z.L Joly (2011) fala desse contexto e da aprendizagem musical, humana e social tida a partir da prática musical e da convivência entre as pessoas que formam a orquestra comunitária.

Acreditamos que, em especial, a solidariedade, o autoconhecimento, o conhecimento e respeito com o outro, a amizade e as construções de laços afetivos são aspectos significativos apontados pela pesquisa. Aprendizagens musicais também aparecem como pontos importantes para o crescimento individual e coletivo. Portanto, os processos educativos decorrentes da convivência na orquestra comunitária são fatores de transformação constante dos músicos participantes. (JOLY; JOLY, 2011, p. 90).

A partir dessa perspectiva, podemos compreender como as práticas musicais se aproximam de valores e perspectivas que são próprias do humano. Nesse sentido, como as autoras citaram acima, as relações entre as pessoas, como os laços de amizades e o compartilhar experiências, são fundamentais para a construção de um fazer musical.

A comunidade estudada se reúne a partir da igreja e das atividades ali propostas, entre as quais as aulas de música e a formação de grupos musicais parecem ser centrais. Assim, considerando o contexto dessa comunidade, busquei, na área de Educação Musical, alguns estudos que apresentam processos de educação musical em espaços religiosos. Exemplo disso é a monografia de Rossbach (2006) que trata das contribuições para os alunos de licenciatura em música, das práticas e vivências musicais no ambiente da igreja. Entre outros aspectos, ele chama atenção para a diversidade de saberes musicais que os ambientes religiosos proporcionam e a oportunidade de participar e desenvolver trabalhos logo no início da formação.

-

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> "Blumenau: Alemanha sem passaporte" fez parte de uma polêmica campanha da Prefeitura de Blumenau no ano de 2014.

O artigo de Brito e Almeida (2011) publicado nos anais do encontro da ABEM no Nordeste, trata de ensino e aprendizagem musical na Congregação Cristã do Brasil. Da mesma forma, o trabalho de Girardi (2015) na Igreja Católica, Novo (2015), Costa (1994) e Campelo (1999) que tratam da Igreja Presbiteriana, e Souza (2015) que se refere à Assembleia de Deus, contribuem para a consolidação dos espaços religiosos como significativos espaços de educação musical. Esses estudos ajudam a justificar a pesquisa em ambientes religiosos, uma vez que, demonstram a variedade de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no âmbito da educação musical. Chama atenção, porém, a escassez de trabalhos que se referem às comunidades Luteranas.

A compreensão dos espaços alternativos e cotidianos como significativos é recorrente nos estudos mais recentes. Diversas são as ambiências extraescolares em que ocorrem processos de educação musical, e o olhar atento a esses espaços e processos pode contribuir de forma significativa para pesquisas e práticas educativo-musicais escolares, visando a compreensão e a apropriação das músicas oriundas das realidades que circundam a escola.

Os estudos apresentados acima trazem algumas perspectivas sobre as práticas musicais em comunidades e trazem para esse estudo perspectivas sobre as subjetividades envolvidas na prática musical e os sentidos atribuídos, construídos ou imaginados a partir delas. Apesar de outros contextos já terem sido estudados com perspectivas semelhantes, pretendo olhar para a música que é feita por pessoas que se unem em comunidade no bairro da Velha Central e o que nos podem revelar sobre ela, suas práticas musicais e seus processos de ensino e aprendizagem de música e, nesse sentido, os sentidos que fazem parte deste musicar.

#### 1.2 ETNOGRAFIA DA MINHA COMUNIDADE: DESAFIOS DO PROCESSO

Cheguei por volta das 20h no salão paroquial e do lado de fora vi dois meninos do Coro Jovem de avental - aventais de notinhas utilizados sempre pelos músicos nas festas da comunidade. Na mão eles tinham uma bandeja e logo vieram, afoitos e, ao mesmo tempo, empolgados, contar que o sagu estava quase acabando e que tinha muita gente! Entrei pela porta e vi o salão cheio de pessoas que conversavam alegremente, grande parte tomando vinho. Pensei imediatamente em me posicionar para começar a observar e fazer algumas notas de campo, mas antes que pudesse fazer isso, minha irmã afoita, me chamou para tocar e cantar algumas músicas com ela e, quando me dei conta já estavam anunciando que teríamos música ao vivo. Subi no palco, pensando em como o ângulo de observação seria favorável, mas no meio da primeira estrofe da primeira música que cantamos, eu já estava totalmente entregue à música, cantando com meus amigos e familiares (Diário de Campo - Noite de Caldos e Sopas).

A descrição acima é um exemplo das diversas ocasiões em que o plano da pesquisadora foi 'vencido' pela fruição musical e pelo estar em comunidade. Como coloca Velho (1987, p.

123), todo pesquisador deve ter certos cuidados éticos com o que pesquisa. É uma das premissas tradicionais do método científico que se tenha uma distância mínima do campo de pesquisa, possibilitando um trabalho com um olhar mais *imparcial*. Essa perspectiva, porém, vem sendo revista e discutida na comunidade científica há um bom tempo (VELHO, 1987; BECKER, 1977), uma vez que sempre olhamos para o objeto de pesquisa a partir de nossas vivências e dos princípios básicos que nos formaram.

A ideia de pesquisa de campo remetia às comunidades isoladas, espaços rurais e desconhecidos. Porém, esta noção está cada vez mais sendo ampliada, trazendo aos pesquisadores a possibilidade de fazer pesquisa em campo "contemplando sua própria comunidade doméstica e sua cultura musical pessoal, trazendo o 'outro' para sua terra natal [...]". (NETTL, 2005)<sup>3</sup>. Nesta pesquisa, busco, portanto, apresentar a minha comunidade e, por todas as minhas vivências, laços afetivos e religiosos e minhas visões de mundo construídas e compartilhadas na Igreja da Velha Central, assumo que a minha subjetividade está presente.

Ainda que a pesquisa esteja entranhada de minhas experiências, o olhar é de curiosidade e de pesquisa etnográfica *at home*. Essa expressão é utilizada pelo Bruno Nettl (2005) e traz a ideia de ser um pesquisador "em casa", que "olha literalmente no próprio quintal, investigando, como etnomusicólogo, a própria cultura." (NETTL, 2005)<sup>4</sup>.

Embarcar em uma pesquisa na comunidade onde nasci e fui criada, participo e tenho amigos e família participando ativamente, é um grande (e estimulante) desafio. Faço parte da Comunidade do Caminho e, como em todas as organizações sociais, tenho um papel social. "Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder 'pôr-se no lugar do outro'." (VELHO, 1987, p. 127).

Ao pesquisar o que é familiar para mim, surgem dificuldades diferentes das enfrentadas por quem observa o exótico. Percebi, logo no início da pesquisa, que descrever as atividades musicais, em especial aquelas em que eu tinha uma posição de liderança, era um processo muito difícil. Diversas vezes, por exemplo, deixei de descrever em meu diário de campo questões que para mim eram óbvias e que faziam parte dos ensaios daqueles grupos. Precisei, portanto, estranhar o que é conhecido, relativizando premissas e estereótipos oriundos de minha educação

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> This chapter briefly draws attention to the ways ethnomusicologists have redefined the "field" concept, contemplating their own home community and their personal musical culture, bringing the "other" into their home ground, and engaging in such traditional activities as pilgrimages and such modern phenomena as tourism. (NETTL, 2005, p. 206).

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> The notion of "at home" suggests looking literally in one's own backyard, investigating, as an ethnomusicologist, one's own culture. (NETTL, 2005, p. 207).

local. "Embora aceite a ideia de que os repertórios humanos são limitados, suas combinações são suficientemente variadas para criar surpresas e abrir abismos, por mais familiares que indivíduos e situações possam parecer." (VELHO, 1987, p. 129).

Apesar das dificuldades, por ser pesquisadora e nativa, trago comigo minhas experiências na comunidade e uma profunda imersão no campo a ser estudado, afinal tenho uma presença permanente, ativa e de vínculo religioso e comunitário profundos. Como, então, fazer uma imersão no campo, se já estou e sempre estive lá? Como transmutar-me de nativa para pesquisadora? Cook diz que "O recurso que define a observação participativa é a construção de uma ponte por cima da diferença cultural pelo ato de fazer música juntos: o alvo é fundamentar a interpretação do outro cultural desde o interior da sua cultura, tanto quanto for possível." (COOK, 2006, p. 23). Estudar o que é familiar possibilita, portanto, uma constante possibilidade de rever e enriquecer os resultados, uma vez que falo do interior da comunidade e posso conversar com os indivíduos e ser questionada por minhas interpretações.

De qualquer forma o *familiar*, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. (VELHO, 1987, p. 132).

A partir do momento em que decidi fazer uma etnografia na comunidade que participo, buscando os sentidos das práticas musicais, descobri valores, princípios e práticas que eu nunca havia notado. Apesar de fazer parte desses processos, o desenvolvimento do olhar de pesquisadora tem trazido consigo vários momentos de espanto.

O estar no meio urbano de uma cidade não é suficiente para apreender tudo que esta pode nos oferecer. Muitas vezes não nos damos conta do que está acontecendo ao lado de nossa casa, ou será que o "familiarizamos" a ponto de que este passe despercebido, só sendo notado quando há um estranhamento, tornando o "familiar" em "exótico"? (SOUZA, 1998, p. 21-22).

Um dos primeiros momentos que observei e elaborei um diário de campo foi um ensaio do Grupo Laudate (Grupo instrumental da comunidade). Apesar de ser participante desse grupo há mais de 10 anos, tomei consciência do porquê da existência desse grupo apenas naquele dia.

[...] a noite foi extremamente agradável e mostrou que o Grupo Laudate se reúne por motivos muito além da música e do louvor. É um grupo de amigos que cresceram juntos. Essa cumplicidade perpassa a prática musical e, arrisco dizer, que é o real motivo de essas pessoas se reunirem. O louvor e a música feita parecem consequências disso. (Diário de Campo -31/08/2016).

Apesar das dificuldades do processo de pesquisa em uma comunidade da qual faço parte, este estudo se tornou um estimulante desafio, e tais reflexões tem possibilitado momentos de autodescoberta e de reconstrução de valores e crenças.

### 1.3 A COMUNIDADE DA VELHA CENTRAL

No dia 9 de maio de 2017, terça-feira, eu estava chegando à cidade de Blumenau cansada após algumas aulas das disciplinas do mestrado. Saí da rodoviária, por volta das 20h, em direção à minha casa, do outro lado da cidade. No caminho pensava sobre o reboliço que seria a semana, afinal de contas, aconteceria a festa da comunidade. Chegando no bairro da Velha Central, passei em frente à Igreja do Caminho e me estiquei para ver como estavam os preparativos para a festa. A Festa do Dia das Mães acontece na comunidade há muitos anos. Apesar de acontecerem outras promoções durante o ano, essa é a maior delas. Ela começa, porém, muito antes. Planejada e sonhada pela diretoria da comunidade, ela passa por inúmeras etapas. Primeiro, ela é organizada pela diretoria que apresenta a proposta para o conselho que, por sua vez, sugere nomes, valores e divide várias das tarefas. A ideia é criar mecanismos para garantir que tudo o que for possível, dê certo.

Cerca de um mês antes da festa, ela começa a ser divulgada nos encontros dos grupos de trabalho e nos cultos. Além da divulgação, foram colocadas cestas com pequenos bilhetes, contendo algum ingrediente que seria necessário para a festa. "1 Kg de Batata", "1 vidro de pepino", "1 pote de maionese", entre outros. A comunidade, então, foi convidada a participar pegando um ou mais bilhetes e trazendo a doação até a semana da festa. Assim, os ingredientes foram chegando até a comunidade a partir de diversas mãos.

Na terça feira, quando cheguei a cidade, a comunidade já estava em grande movimento. Mesas sendo colocadas, barracas sendo montadas, tendas e demais estruturas físicas estavam sendo organizadas. Além disso, a todo momento chegavam as doações de ingredientes, os prêmios da roda da fortuna e, na secretaria, os tíquetes de bebida, troco e controle dos cartões de churrasco e galeto, que já estavam quase todos vendidos, eram organizados. Resolvi continuar por perto e todos os dias daquela semana observei e, inevitavelmente, me envolvi nos preparativos da festa. Todas as noites, algumas pessoas da diretoria estavam na comunidade olhando e organizando toda a estrutura. No sábado, a comunidade estava no auge do movimento.

De manhã, a cozinha já estava a mil, com ingredientes sendo organizados. Algumas mulheres estavam no canto da cozinha arrumando vasos de flores que na manhã seguinte seriam

distribuídos nas mesas. O grupo de casais já começava a organizar os prêmios da roda da fortuna e a enfeitar o espaço com tecido do tipo TNT. A barraca da pescaria, do culto infantil, também já foi decorada, com peixes, caixas de serragem e, também, TNT. Lembro que, quando olhei em direção à casa do pastor, vi uma mesa sendo carregada de dentro da casa e dois adolescentes tentando manobrá-la até chegar na barraca dos brigadeiros, ao mesmo tempo em que podia ouvir, dentro da igreja, os microfones sendo testados.

Chegou, finalmente, o domingo de manhã. Cedo, a cozinha já estava cheia de pessoas, que descascavam batatas, ralavam repolho, cenoura e cortavam tomates. Artur, que estava comandando a cozinha, parecia um tanto quanto agoniado, por isso fui logo para os fundos onde uma churrasqueira foi construída com tijolos. Lá, alguns homens começavam a organizar tudo para logo colocar os galetos no fogo. Perceberam, porém, que o tempero não estava como deveria e, por isso, buscaram limão e cebola para dar uma reforçada no tempero.

Apesar do intenso movimento na cozinha, começou, às 9 horas da manhã, o culto do dia das mães. Nesse dia, o Coro Jovem e o Grupo Laudate eram os responsáveis pela música. Estava evidente, nos rostos e olhares, o orgulho que a comunidade tem pelo Coro Jovem, que nesse dia cantou várias músicas.



Figura 1: Celebração do dia das Mães - 14 de Maio de 2017

Fonte: Arquivo da Autora

A igreja estava lotada e famílias inteiras estavam sentadas juntas. Nesse culto tinham ainda várias crianças e, por isso, havia uma certa alegria no ar. Junto com a alegria, havia um

murmurinho constante. A pregação do Pastor foi sobre as mães que têm o dom divino da maternidade, assim como o dom do carinho e do cuidado. Durante a pregação, uma menina, jovem de uns 15 anos, se encostou no ombro de sua mãe inspirada, de certa forma, pela mensagem do culto.

Depois da pregação, a diretoria da comunidade fez uma pequena homenagem às mães, presenteando com uma flor a mãe mais velha, a mãe mais nova, a mãe com mais filhos e a mãe mais recente. Além disso, pediram que todas as mães presentes ficassem de pé e os filhos presentes pegassem uma pequena lembrança no altar para entregar a elas. Durante esse momento, o grupo Laudate tocou a música "*Graças dou por essa vida*" (LC-479). Esse momento causou um grande movimento na comunidade, e por toda a igreja estavam acontecendo abraços e sorrisos. As mães sem filhos presentes não ficaram de fora, cada uma foi homenageada por alguém da comunidade.

Após esse momento, o Coro Jovem apresentou a música Trem Bala. O grupo começou cantando espalhado pela igreja e aos poucos se movimentou até a frente da igreja. O grupo ensaiou bastante essa música e cantou com alegria e muito sentimento. Durante a música, muitas pessoas se emocionaram, inclusive eu, que cantando junto com o Coro tinha uma visão privilegiada da comunidade. Vi, através de meus olhos turvos, as famílias, a comunidade e olhos brilhando.

Logo após a música, o pastor disse as palavras finais e de bênção à comunidade. Em seguida, os sinos começaram a bater e o Coro Jovem cantou o poslúdio: *Quero ver o sol nascendo*<sup>6</sup>. Durante a música, as pessoas foram saindo da igreja, pelo corredor principal. Outras, aproveitaram para cumprimentar e conversar com as demais pessoas da comunidade.

Marisa e Carlos, nesse momento, estavam pegando as lembranças que foram entregues para as mães e orientando alguns jovens para levar até a cozinha, afinal de contas, várias mães estavam lá trabalhando desde cedo e, por isso, não participaram do culto, mas merecem todo o carinho. O clima de alegria e comunhão estava no ar e, ainda dentro da igreja, estava claro que era dia de festa. Ao lado, no salão e nos espaços ao ar livre, começava a festa, com música, venda de bebidas, brincadeiras e muita conversa e alegria.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Partitura do Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD, 2017) nos Anexos deste trabalho.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Partitura do Arranjo cantado pelo Coro Jovem nos anexos deste trabalho.



Figura 2: Festa da Comunidade - Dia das Mães - 14 de Maio de 2017 - 1

Fonte: Arquivo da Autora

A certa altura da festa, o vento que estava deixando o dia agradável e que tinha afastado as nuvens de chuva no amanhecer se tornou mais forte. Três barracas tinham sido construídas: uma para a exposição dos trabalhos das Flores do Caminho, uma para a pescaria e uma para a venda de brigadeiros, sendo que essa teve que ser recolocada durante o culto, já que se quebrou durante a madrugada anterior. Com o aumento do vento, pouco depois do meio-dia, as três barracas começaram a desmoronar e tudo parecia que sairia voando. Imediatamente, muitas pessoas que estavam almoçando ou conversando nas mesas próximas, vieram correndo ajudar a segurar. Eu, que estava no segundo andar do salão, ouvi o alvoroço e fui conferir o que estava acontecendo. A cena que vi gerou uma série de reações. Primeiro, tive vontade de rir, como faziam vários de meus amigos que estavam por perto. Depois, resolvi correr e fotografar, mas parecia, realmente, que tudo levantaria voo. Assim, larguei a câmera e fui segurar. A cena, apesar de não estar programada e de gerar um alvoroço e a quebra de uma das estruturas, era divertida. Pelos 15 minutos seguintes, a festa continuou normalmente enquanto cerca de 20 pessoas seguravam as estruturas, evitando que saíssem voando. Buscaram, então, pesos para amarrar nos pés das barracas e aos poucos, depois de várias marteladas e nós apertados, tudo ficou no lugar. Ficou no ar uma certa euforia e empolgação. E o acontecido virou assunto por toda a festa.



Figura 3: Festa da Comunidade — Dia das Mães — 14 de Maio de 2017 -  $\,2\,$ 

Fonte: Arquivo da Autora



Fonte: Arquivo da Autora

A festa da comunidade aconteceu em maio de 2017, durante o meu pré-campo. Vivi essa festa durante toda a minha vida, mas essa edição me ajudou a compreender alguns sentidos desse grupo social e as relações construídas e reafirmadas pelas diferentes pessoas da comunidade. A comunidade Luterana da Velha Central é formada por pessoas diversas. São pedreiros, professores, costureiras, vendedoras, empresários, faxineiros, administradores, agricultores, que se tornam um grande grupo, unido pela fé e por diversos laços de parentesco. O sentimento de estar junto, colaborando e trabalhando na festa, parece parte do combustível que faz com que a comunidade exista. Participar, pertencer e, em alguns casos, fugir da realidade do dia-a-dia é o que motiva essas pessoas a se unirem. No capítulo quatro falaremos mais disso.

A festa de maio foi fundamental para a minha compreensão de quem é a Comunidade da Velha Central. Senti, como nunca havia sentido antes, a força dessas pessoas. A emoção e o sentimento subjetivo de pertencer tem potencial de mover e ressignificar algumas realidades. A festa foi o momento em que eu percebi o que eu estava tentando observar e, embora nem sempre consegui registrar e descrever em palavras, foi nesse dia que me senti pesquisadora dessa comunidade, pela primeira vez.

Para melhor compreender a Comunidade do Caminho, é fundamental conhecer o contexto geográfico e histórico dessa igreja. O bairro da Velha, onde a comunidade que pesquiso está localizada, é um dos maiores bairros da cidade e se subdivide em regiões menores. Esse é o caso da Velha Central, mais afastada do centro da cidade. Trata-se de uma região que mescla áreas urbanas com propriedades rurais. Muitos dos que moram nessa região da cidade, em especial os mais velhos, ainda falam um dialeto alemão local, o que parece reafirmar a origem e os nomes de família dessas pessoas. Na região, porém, há muitos moradores de origens diferentes e famílias com sobrenomes bem brasileiros.

Na principal rua da região estão localizadas, lado a lado, a Igreja Luterana, a Escola Estadual Hercílio Deeke e a Igreja Católica. Bem próximo daí está, ainda, o Posto de Saúde, o Clube de Caça e Tiro Velha Central e o Terminal de Ônibus, tornando a região bem movimentada e o principal centro de convivência da Velha Central.



Figura 5: Vista de Cima da Região da Igreja do Caminho - Blumenau Velha Central

Fonte: Google Maps

Durante a semana, nas atividades rotineiras, as pessoas se encontram, conversam e interagem no seu cotidiano, o que faz com que a comunidade transpasse os muros da igreja. As relações e os laços comunitários não estão expostos o tempo todo, mas ainda sim perpassam as posturas e atitudes das pessoas. O respeito a determinados sobrenomes e até a sensação de conforto perto de pessoas da comunidade dão dicas de como funciona esse sistema de relações. Exemplo disso é o "Ehmke, secos e molhados", que é uma venda onde você encontra produtos de mercearia e coisas como tamancos de madeira. Em qualquer dia da semana você pode observar pessoas da comunidade paradas perto da porta conversando com quem está no caixa da venda, que são os membros da família Ehmke, muito ativos na comunidade.

Parece envolver a comunidade, também, a germanicidade típica que pode ser visivelmente notada em toda a cidade de Blumenau. A cidade de Blumenau foi fundada no séc. XIX, sendo que em 02 de setembro de 1850 chegaram os primeiros 17 imigrantes, com os quais o Dr. Herman Bruno Otto Blumenau iniciou, oficialmente, a colonização da região. (FERREIRA; PETRY, 1999). Os imigrantes, alemães luteranos, desde o início da colonização, já se reuniam em encontros de devoção. A cidade ainda hoje é conhecida por sua colonização germânica e os sobrenomes e sotaques continuam reafirmando sua origem.

Segundo a pesquisa de Rossbach (2008), desde a fundação da Colônia Blumenau, os imigrantes já organizaram as sociedades de Canto, que eram coros masculinos que cantavam canções seculares, promovendo a difusão do movimento cultural local. Apesar da aculturação dos Imigrantes alemães, que entraram em contato com a cultura brasileira, preservou-se o

espírito associativo dos imigrantes, bem como a tendência de preservar valores e costumes dos colonizadores e prática de canto coral, muitas vezes ainda em língua alemã.

[...] o imigrante alemão trouxe para a nova pátria uma bagagem de costumes resultantes do meio em que foi socializado. Dentre vários costumes preservados estava o associativismo, representado pelas diversas associações formadas desde os primeiros anos da chegada de imigrantes em terras a serem colonizadas. (ROSSBACH, 2008, p.137).

Segundo Weingärtner (2000), a Paróquia da Velha Central foi fundada por desmembramento da Paróquia Evangélica de Blumenau – Velha, em 1985, tendo, a partir de 1986, seu primeiro Pastor Residente<sup>7</sup>. Apesar disso, sabe-se que a comunidade já se reunia muito antes, como parte das comunidades vizinhas. O registro mais antigo encontrado é um documento que se encontra na secretaria da Paróquia, no qual está o registro de que, em 1881, Dr. H. Blumenau doou terras para instalar uma comunidade escolar e cemitério. O terreno foi doado para as duas Igrejas: Luterana e Católica, que até hoje têm uma relação próxima.

Algumas pessoas relatam que, inicialmente, foi construído um templo de troncos de palmitos, onde aconteciam celebrações e encontros da comunidade Luterana. Como de tradição, ao lado da Igreja Luterana foi construída a primeira escola da região. Muitos são os relatos de ex-alunos que estudaram ali e que até hoje têm uma importante relação com a comunidade. Esta escola deixou de existir quando, entre as duas igrejas, e com doação de terreno das comunidades luterana e católica, foi construída a Escola Estadual Hercílio Deeke.

O templo da Igreja Luterana foi reconstruído, todo de barro, mas, com o passar do tempo, por ser muito pequeno, tornou-se necessária a construção do novo templo, que é utilizado até hoje. A antiga igreja, hoje carinhosamente chamada de Igrejinha, está de pé e até 2017 abrigava os cultos infantis da comunidade. A igreja é chamada de Igreja do Caminho, desde o início dos anos 2000, relacionando-se com o versículo bíblico "Jesus Cristo diz: eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai se não por mim" - João 14.6.

A religião parece ser importante fator de atração social. Para Maffesoli (2006), o modelo religioso é uma perspectiva importante para compreender as formas de agregação social. A espiritualidade transpassa os agrupamentos humanos por toda a história e, assim, parece desempenhar um importante papel no que é estar em comunidade. O ritual parece fortalecer os laços de irmandade. A emoção, o temor, a fé e diversos outros aspectos religiosos possibilitam

A comunidade era, inicialmente, atendida pelo Pastor da comunidade do Badenfurt, mais tarde pelo Pastor da comunidade da Velha. Só na década de 80 passou a ter seu primeiro Pastor residente: Rolf Roedel. Outros três Pastores passaram pela comunidade, Elmo Rasveiler, Diter Thiel e Ronei Odair Ponath, até a vinda do Pastor Alexandre Klitzke, no início de 2016.

a noção de pertencimento, organizam as ações de um grande grupo de pessoas e oferece, a meu ver, um tipo de segurança espiritual.

As experiências religiosas costumam ser experiências fortes, marcantes e renovadoras e são, não por acaso, experiências que normalmente são vividas em grupo. "Olhar transversal, ou alguma espécie de comparativismo, que constata que é a partir de um imaginário vivido em comum que se inauguram histórias humanas" (MAFFESOLI, 2006, p. 142). Assim, as experiências espirituais, coletivas, acabam possibilitando a formação de instituições religiosas, normas e liturgias que, por sua vez, constroem uma comunidade.

A Comunidade Luterana da Velha Central se autodenomina comunidade, sendo esse um conceito historicamente utilizado pelos cristãos. Já nos textos do Antigo Testamento, da Bíblia, os grupos que se reuniam para adorar a Deus eram chamados de comunidades. Já na época, porém, essas comunidades não eram o ideal de igualdade. Várias passagens da bíblia se referem a "comunidades" em conflito. Parece, porém, que a unidade dessas comunidades era pautada pela fé e, com ela, os princípios e valores ditados pela religião.

A denominação "comunidade" não foi escolhida pelos participantes, mas recebida por eles, da organização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Ainda assim, olhando para as pessoas que fazem parte dessa congregação, a noção de que pertencem a uma "comunidade ideal" parece recorrente. A ideia de um certo "paraíso", onde as pessoas se conhecem e confiam mutuamente. Para muitos dos nativos - o que permite a continuidade e a força dela - a comunidade é um espaço ideal, onde as relações são mais verdadeiras e mais consistentes, ainda que isso não seja necessariamente verdade.

Na Igreja da Velha Central existe uma intensa atividade musical. Hoje são cerca de 100 pessoas, entre alunos de instrumentos (violão, flauta doce, violino), coralistas e instrumentistas. Além dos grupos musicais, a comunidade tem outros grupos de trabalho que valorizam os momentos de reflexão e de louvor através dos cantos do hinário. Nos cultos, toda a comunidade canta e, além do fator religioso, existem outros valores associados a esse cantar.

O convívio em comunidade é importante e transpassa as atividades musicais na Igreja do Caminho. A rotina musical da comunidade encosta na vida e na rotina geral das pessoas. As aulas e ensaios estão integrados à rotina dos Grupos de Trabalho e, durante toda a semana, as pessoas se encontram no pátio da igreja.

Nas figuras abaixo podemos ver o horário semanal das atividades de música e o calendário da comunidade, com as outras atividades da comunidade:

Figura 6: Horário Semanal – Igreja do Caminho

	HORÁRIO SEMANAL – MÚSICA NA COMUNIDADE DO CAMINHO								
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINT	ΊA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	
8H						Preparação das Músicas para o culto	MÚSICA NO E.C.	Ensaio para Culto e Montagem do Som	
9Н				- VIOLÃO		Preparação das Músicas para o culto	MÚSICA NO E.C.	CULTO e	
10H						Preparação das Músicas para o culto	GRUPO DE FLAUTAS DOCE	CULTO INFANTIL	
11H				Pastor envia a Ordem do Culto		Preparação das Músicas para o culto			
12H									
13H									
14H				VIOLÃO					
15H									
16H			VIOLÃO	TECLADO					
17H				MUSICALI ZAÇÃO	CEL	VIOLÃO			
			BATERIA	INF.	LO	VIOLÃO			
18H				VIOLINOS					
19H	GRUPO DE VIOLÕES (esporadicamente)	CORO JOVEM				BANDA DA JEVECE	CULTO (esporadicamente)		
20H	GRUPO DE METAIS CEB	CORO DO CAMINHO	GRUPO LAUDATE	MUSICALIZA PARA ADUI		JEVECE			

Fonte: Elaborado pela Autora

Figura 7: Calendário da Comunidade – Junho de 2018

#### **JUNHO 2018** DOM Ens.Confirm. e Música Hosana 14h30 JEVECE 19h 8 6 9 5 4 Diálogo de Pais e Padrinhos 19h30 Ens.Confirm. e Música OASE Eunice 14h30 Conselho Missão Criança 19h30 CM CEB-Garcia Flores do Caminho 14h Culto 9h c/Sta.Ceia Culto Infantil Culto 19h e Culto Infant OASE Estrela 19h45 15 16 11 14 10 Ens.Confirm. e Música FEIJOADA DA JEVECE à partir das 11h Flores do Caminho 14h Não haverá Culto Atualização Teológica (Intersinodal) Centro de Eventos Rodeio 12 22 19 20 18 Conselho Paroquial 19h30 Culto 9h c/ Batismo Culto Infantil Flores do Caminho 14h OASE Eunice 14h30 OASE Estrela 19h45 Reunião.Cons.Sinodal Par.Apost.João-Pomerode 26 28 29 30 27 25 Culto 9h Anivers.Mês Missão Criança Culto Infantil Não haverá: Ens.Confirm. e Música Flores do Caminho 14h Secretaria Fechada Grupo de Casais 18h30

13 20 28 12 Dia dos Namorados - 21 Inverno "Não deixem de receber bem aqueles que vém à casa de vocês; pois alguns que foram hospitaleiros receberam anjos, sem saber." Hebreus 13.2

Fonte: Calendário da Igreja do Caminho

A segunda-feira é o dia em que acontecem menos atividades na comunidade, pois é a folga semanal do Pastor. Ainda assim, algumas pessoas frequentam a comunidade, em geral para arrumar coisas que sobraram do dia anterior, que é dia de culto. Musicalmente, a segunda-feira é dia de organizar as partituras utilizadas no dia anterior e começar a preparar arranjos para a semana.

Gabriela: Para planejar aulas e ensaios e escolher repertórios eu penso em várias coisas. Penso nas diferenças de cada grupo. Grupos que têm condições de tocar coisas mais difíceis, outros que são mais iniciantes, em seu desenvolvimento musical. Penso também no estilo da música, pois tem músicas que ficam mais legais no Coro, ou na flauta. Tem música mais próprias para violão, tem outras mais próprias para... Que são mais adequadas para cada tipo de Grupo, não só nível musical, mais tipo de grupo, de som... Esses são os critérios musicais. Mas às vezes eu preciso de músicas específicas para um evento, para uma situação, uma data, pelo próprio calendário eclesiástico, também tem isso. [...] E esse ano eu estou tentando priorizar o repertório do livro de canto, para que as pessoas possam se familiarizar com esse novo repertório, mas também já fiz e faço músicas que não são desse repertório. Então utilizo critérios teológicos, músicas que sejam adequadas à Igreja Luterana. Não pode ser algo estranho à teologia Luterana. [...] E existem critérios pedagógicos, por exemplo o Grupo de Flautas que é um grupo mais iniciante e que está se desenvolvendo, a ideia é que o repertório favoreça o desenvolvimento musical deles. A gente vai pegando algo, sempre um pouquinho além do que eles já tocam. [...] E às vezes a gente escolhe músicas pelo divertimento, pela alegria de cantar! (ENTREVISTA 7 – Realizada em 29 de maio de 2018).

Além da organização do material musical utilizado, à noite, na segunda-feira, três instrumentistas da Comunidade participam do grupo de Metais da CEB. Apesar dos ensaios serem realizados na comunidade vizinha (Igreja da Paz – Bairro da Velha), a participação destes três músicos interfere na rotina e nas conversas musicais da comunidade. Esporadicamente, o Grupo de Violões se reúne nas segundas à noite para, em especial, conhecer novas músicas do Livro de Canto.

Na terça-feira, a tarde começa com encontros da OASE Eunice, que acontecem duas vezes por mês. O grupo de mulheres é formado por cerca de 25 mulheres e, em seus encontros, no momento da meditação, alguns hinos são cantados, entre eles a *Canção do Cuidado*<sup>8</sup> (LC – 567). Nas terças que não tem OASE, o brechó da comunidade é aberto e, assim, há uma circulação de pessoas, sendo que muitas não são da comunidade luterana, mas moram no bairro.

A noite de terça é marcada pelos grupos corais da comunidade. Às 19h começa o ensaio do Coro Jovem, mas muito antes disso alguns jovens já estão pela comunidade, conversando e jogando bola. Às 20h começa o ensaio do Coro do Caminho, que é o coro adulto da comunidade. Entre os dois ensaios, a interação entre os grupos é bastante forte, isso porque alguns participam dos dois coros e existem diversos laços de parentesco entre os participantes. Mães, pais e seus filhos, irmãos, tios, primos, padrinhos. Assim, visto que um ensaio termina no horário que

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Partitura do Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD, 2017) nos Anexos deste trabalho.

começa o próximo, essa troca é recheada de conversas sobre quem vem buscar, sobre jantar e outros assuntos do dia-a-dia familiar. A mistura entre esses dois grupos está presente até às 21h, quando o ensaio do Coro do Caminho termina, e alguns jovens ainda estão por perto, esperando por seus pais ou por suas caronas.

Quarta-feira é um dia onde acontecem, na parte da tarde, duas turmas de aulas de música e a noite é marcada pelos ensaios do Grupo Laudate, que começam às 19h30 e vão até às 21h. Nas noites de quarta acontecem, ainda, a cada dois meses, as reuniões do Conselho Paroquial, formado pela diretoria da paróquia, conselheiros eleitos e demais lideranças da comunidade.

Quinta-feira é um dia de intensas atividades na Igreja do Caminho, em especial atividades de Educação Musical. Às 14h se reúne, semanalmente, o Grupo Flores do Caminho, que é formado por mulheres que fazem atividades manuais. É curioso que nem todas essas mulheres são membros da comunidade, ou luteranas, mas, ainda sim, participam ativamente do grupo. Às 14h30, o professor Eduardo tem uma turma de violões iniciantes, que ensaia dentro da igreja. Às 16h, no mesmo espaço acontece uma aula de teclado, com a professora Gabriela. Às 17h eu dou aulas de musicalização infantil e, no salão paroquial, acontece a aula de violoncelo. Às 18h30 temos a turma de violinos que ensaia na igreja até às 20h. No salão paroquial, duas vezes ao mês, acontecem os encontros da OASE Estrela, que envolvem mulheres da comunidade.

Sexta-feira é o dia em que a professora Gabriela prepara as músicas para o culto, separando o repertório proposto pelo pastor ou, dependendo do caso, propondo outras músicas de acordo com o Grupo escalado para tocar no culto. O Professor Eduardo, porém, tem duas turmas de violão nas sextas e reúne os jovens da comunidade para o Ensaio da Banda da JEVECE que, muitas vezes, acontece também em horários alternativos.

Sábado o dia começa cedo na Comunidade do Caminho, pois já às 8h da manhã os grupos de Ensino Confirmatório estão pela comunidade e se revezam, até às 10h, entre a aula teórica sobre a religião luterana e a aula de música. Em seguida o Grupo de Flautas Doce, que é formado por jovens que já se confirmaram e querem continuar tocando flauta, se reúne até às 11h. Esse grande número de jovens - que chegam antes e saem bem depois do horário das aulas do Ensino Confirmatório, aproveitando os espaços para confraternizar, conversar e jogar bola e os vários pais e mães que passam pela comunidade nas manhãs de sábado, geram um grande movimento na igreja, no salão e no pátio e, consequentemente, acontecem diversos encontros.

No primeiro sábado do mês a movimentação fica ainda mais intensa na parte da tarde, quando o Grupo Hosana, que é o grupo da terceira idade da comunidade, se reúne. O grupo é formado por cerca de 75 idosos que se reúnem para uma celebração, com música e mensagem,

seguida de um café preparado por algum grupo de trabalho da comunidade. À noite, dois sábados por mês, acontece o encontro do Grupo da JEVECE, que também é recheado de música!

Domingo, a movimentação da comunidade começa bem cedo. Pouco mais de uma hora antes do culto o som já é instalado e, normalmente, uma hora antes do culto o grupo musical que acompanhará o canto comunitário já começa a aquecer e ensaiar. Mais perto da hora do culto, as pessoas da comunidade começam a chegar e a conversar sobre os mais diversos assuntos. No salão paroquial, as crianças chegam e se dirigem à sala do culto infantil, onde também acontecerá uma celebração. O culto começa, então, pontualmente às 9h, com o sino e um prelúdio e, então, toda a celebração acontece, sempre com muitas músicas. Após o culto, as pessoas ainda ficam no pátio ou dentro da igreja conversando sobre os mais diversos assuntos. A noite do último domingo do mês é marcada pelo encontro do Grupo de Casais da comunidade.

Além dos encontros que a própria rotina da comunidade proporciona, a relação entre os grupos musicais é marcada pela circulação das pessoas. Muitos participam de mais de um grupo musical na comunidade, fazendo com que muitos se reencontrem várias vezes na semana. Como consequência, os limites dos próprios grupos ficam tênues, pois os assuntos, as relações e os repertórios perpassam toda a semana da comunidade.

O esquema abaixo representa um pouco dessa circulação de pessoas entre os grupos musicais e esse emaranhado pretende demonstrar, em certa medida, essas conexões:

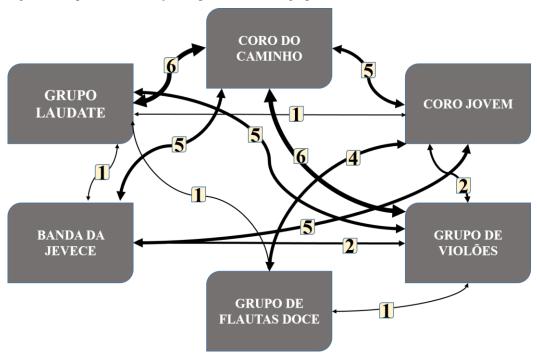


Figura 8: Esquema – Circulação de pessoas entre os grupos musicais da Comunidade.

Fonte: Elaborado pela Autora

Essa diversidade de encontros e o constante compartilhar, presentes na vida e na rotina da comunidade, ajudam a compreender os diversos laços e sentidos criados. Percebo, também a partir das conversas com as diferentes pessoas, uma certa coesão de ideias e princípios. Assim, etnografando esta comunidade, pretendi conhecer, também, as funções da música na sua coesão, para além de sua devoção religiosa, suas relações de parentesco<sup>9</sup>, proximidade geográfica e familiaridades linguística e cultural. A ideia é entender como a música faz comunidade.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Diversas relações de parentesco fazem parte da Comunidade da Velha Central. Alguns sobrenomes fazem parte da história do bairro e muitos são respeitados por pertencerem a determinadas famílias. Nos diálogos cotidianos do bairro e da comunidade, o sobrenome é utilizado para classificar ou identificar alguém. Comentários como "os *Fulanos* é que doaram determinada coisa" ou "os *Fulanos* são assim mesmo" fazem parte do dia-a-dia. Na comunidade, reconhecer de que família cada um pertence é algo importante e cotidiano.

### 2 COMUNIDADE

Comunidade é um conceito que traz, em si, diversas facetas. O debate e a tentativa de definição do que é comunidade perpassa a história das ideias, o que "explicita a dimensão política do conceito, objetivado no confronto entre valores coletivistas e valores individualistas" (SAWAIA, 2009, p. 37). Na área de educação musical, por exemplo, os estudos sobre música em comunidade estão ganhando cada vez mais espaços em eventos científicos e, também a partir do crescimento das publicações, trata-se de um campo emergente e cada vez mais legítimo (HIGGINS, 2010).

Comunidade "refere-se à relação baseada no sentimento subjetivo do pertencer, estar implicado na existência do outro, como a família e grupos unidos pela camaradagem, vizinhança e fraternidade religiosa" (SAWAIA, 2009, p. 40). Apesar de suas múltiplas interpretações, a palavra comunidade traz, em sua estrutura, dicas do que esse conceito quer dizer. Comunidade refere-se ao que é "comum", não no sentido banalizador da palavra, mas ao que *co*-existe, seja no âmbito geográfico, social ou religioso. A *co*existência, no conceito de comunidade, não é apenas existir ao lado, mas sim existir *com, con*viver em busca de uma *unidade*. *Unidade* essa que não quer ser só, mas sim *co*esa, *unida, co*letiva e *co*operativa.

Apesar das dicas que a própria palavra apresenta, comunidade é um conceito com diferentes interpretações e depende do contexto, geográfico e histórico, a que ele se refere. Comunidade, em uma sociedade comunista, conota vários aspectos organizacionais diferentes de uma comunidade religiosa, por exemplo. Para Bauman, a palavra "comunidade", o que quer que ela signifique, traz consigo uma sensação boa (2003, p. 7). A perspectiva de Bauman, um pouco romantizada, parece não se relacionar com outras noções de comunidade, como por exemplo as comunidades nas favelas do Rio. Mas essa sensação boa que Bauman comenta parece fazer parte do imaginário do grupo social que observo, uma vez que, na opinião dos nativos, a comunidade da Velha Central é uma espécie de paraíso, embora nem sempre seja assim.

É provável que a comunidade ideal não exista, apenas a sua constante busca. Mas há, na sociedade contemporânea, espaços, momentos e grupos que forjam essa sensação de comunidade. Maffesoli (2006), por exemplo, fala de comunidade como a efetuação do estar junto, que ressalta as interações, as convivências e, consequentemente, o pertencer. A noção de pertencimento – e do que se pode realizar, sentir ou vivenciar em conjunto – parece ser fruto de uma representação simbólica de comunidade, aqui não idealizada, mas como lugar comum, de sentimentos e valores comuns, o que ele chama de comunidade emocional.

Segundo Maffesoli (2006), na nossa vida quotidiana existem exemplos de como a ambiência emocional emana do desenvolvimento tribal. E, por isso, "assistimos tendencialmente à substituição de um social racionalizado por uma socialidade com dominante empática" (p. 39). As relações e vivências, assim como os sentimentos compartilhados, fazem a comunidade emocional.

Maffesoli, com a intenção de repensar os reagrupamentos sociais, esclarece, a partir das ideias de Weber, que a comunidade emocional é uma categoria que nunca existiu de verdade. "As grandes características atribuídas a essas comunidades emocionais são: o aspecto efêmero, a 'composição cambiante', a inscrição local, 'a ausência de uma organização' e a estrutura quotidiana (Veralltäglichung)" (p. 39). Mais do que características, como sexo, idade, aparência ou modo de vida, são certos mecanismos de contágio do sentimento ou da emoção vivida em comum que a fazem. É o estar junto e pertencer ao grupo.

## 2.1 HABITUS E ETHOS

O propósito deste estudo é compreender os valores que constituem e regem a vida deste grupo social. Um grupo de pessoas passa a se reconhecer como comunidade a partir do reconhecimento das práticas comuns e dos valores que regem a vida e as ações nesse determinado espaço. Portanto, busquei compreender os papéis desses costumes tão enraizados na vida da comunidade e em minhas práticas e visões de mundo.

Maffesoli (2006, p. 54) acredita que costumes são as práticas comuns que fazem um grupo de pessoas se reconhecer como tal: "Trata-se de um laço misterioso, que não é formalizado e verbalizado [...]", mas que existe e é formado e reafirmado a partir das vivências compartilhadas. Em uma sociedade complexa, onde os sujeitos transitam entre os territórios, que são os diferentes universos simbólicos em que os sujeitos estão inseridos (eu, por exemplo, sou professora, musicista, feminista, luterana, irmã, pesquisadora...), esses costumes e posturas de vida sofrem constantes metamorfoses (VELHO, 1999). As pessoas se adequam ao ambiente simbólico e aos costumes da comunidade em que estão. Assim, compreender essa rede de valores que fazem a comunidade da Velha Central existir é uma tarefa complexa.

No interior da comunidade há um *ethos*, que é moldado e reafirmado quando os indivíduos estão em conjunto. "É um *ethos* aprendido através do compartilhamento e da ressignificação de valores, comportamentos, representações e afetividades" (MÜLLER, 2010, p. 76). Esse *ethos* refere-se, portanto, às visões de mundo e afetividades construídas nas trajetórias em comum.

Olhando mais especificamente para os grupos musicais da comunidade, temos uma "prática musical como prática social (TURINO, 1993), como cultura (MERRIAM, 1964), convertida, no caso dest@s músicos, em trajetória comum de co-participantes em experiências estético-musicais [...]". (MÜLLER, 2010, p. 76). E é por meio do compartilhamento de experiências, que valores estéticos, éticos e próprios do convívio social são aprendidos.

Existe, portanto, uma ética social que é aprendida e compartilhada no interior da comunidade, nas relações e práticas diversas. E essa ética forma a identidade do grupo, um *ethos* social que é indispensável para a compreensão das práticas musicais e seus sentidos. Valores, comportamentos, critérios estilísticos, entre outras coisas são compartilhados e ressignificados por esse *ethos* que é aprendido na comunidade. (MÜLLER, 2010)

Este εθos é social, e significa nossos hábitos, costumes, tradições, em outras palavras, nosso modo de viver em conjunto. Como Feuerbach diz, o homem não é simplesmente *Mensch*, mas é pela sua própria essência *Mit-Mensch*. Ética, então, reflete um dado grupo, e configura o fato de que pertencemos a uma dada sociedade. Somos socializados em um grupo por estarmos integrados nas normas e valores de um certo modo de vida. Ética revela um tom dominante de pessoas ou comunidade, a força de suas tradições e a identidade de seu patrimônio cultural. Neste grau, ética é um sistema de disposições socialmente homogeneizantes pelas quais os indivíduos vêm compartilhar o que Bourdieu chama "a mesma classe de **habitus**". Este **habitus** não é senão o *ethos* ou *habitat* onde os indivíduos vivem eticamente, tendo aprendido a se "acostumar", se "habituar" uns com os outros. (TAYLOR, 1999, p. 56-57).

Ethos é o que caracteriza a Comunidade da Velha Central e funciona como uma postura de vida. É a marca da comunidade, seu modo de viver e de estar no mundo. E, nesse contexto, a música parece estar na gênese dessa ética ou pode ser parte essencial dessa ética. Isso porque a música perpassa as relações e ações da comunidade e as formas de ver o mundo e de se relacionar nesse ambiente são como um ritual que se repete cada vez que esse grupo social se reúne.

Os costumes têm essa função. Eles são para a vida quotidiana aquilo que o ritual é para a vida religiosa *stricto sensu*. Além disso, é importante observar que, particularmente, na religião popular é muito difícil fazer uma separação entre costumes e rituais canonicamente estabelecidos, o que, aliás, tem sido a tarefa constante da hierarquia eclesiástica. (MAFFESOLI, 2006, p. 55).

As ações e esses costumes assimilados como forma de estar no mundo fazem parte da construção e manutenção desse *ethos*, assim como são frutos desses valores e visões de mundo. Assim, ao olhar para a comunidade da Velha Central e também para os valores implícitos ao fazer musical, optei por utilizar a noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu, para compreender as relações e sistemas de valores que movem essa comunidade e que são reafirmados através das práticas.

Os condicionamentos associados a uma classe particular e condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor interação consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcança-los, objetivamente, "reguladas" e "regulares" sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 2009, p. 87).

A religião Luterana por si só já indica valores à comunidade e, portanto, contribui significativamente para a estrutura estruturante que há por trás da Comunidade do Caminho. "Como expressão cultural, os aspectos religiosos são formadores de comportamentos e de princípios determinantes para o convívio do homem em seu meio." (QUEIROZ, 2005, p. 101). Mas a relação e, portanto, também os *habitus* que unem esse grupo de pessoas vai além. O bairro onde essa comunidade se reúne e as relações sociais lá estabelecidas contribuem para a formação dessa estrutura de valores e princípios (e também as práticas musicais). Da mesma forma, a postura e os costumes germânicos, calcados na ética do trabalho e da organização, parecem estruturar o que se chama de Comunidade.

Importante salientar, porém, que nem sempre se tratam de valores conscientes, uma vez que "Os indivíduos 'vestem' os *habitus* como hábitos" (ORTIZ, 2013, p. 67). As posturas e decisões e formas de percepção do mundo por parte dos indivíduos são pautados em valores "apreendidos". "As pessoas organizam sua experiência segundo suas tradições, suas visões de mundo, as quais carregam consigo também a moralidade e as emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão. As pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado." (SAHLINS, 1997, p. 48).

Assim, os *habitus* que organizam uma comunidade são ensinados durante o convívio, sem precisar, necessariamente, que sejam ditadas regras e normas de conduta. Essa transmissão de valores, orquestrada pela estrutura que forma essa comunidade é, também, o que possibilita sua constância ao longo do tempo. São criados, portanto, mecanismos de contágio que visam criar e reafirmar as estruturas estruturantes que existem na comunidade e fazem com que ela continue existindo. São mecanismos que garantem o contágio da emoção vivida em comum, do ritual e de todas as relações ali criadas.

Os aspectos da religiosidade são ensinados em diferentes etapas na vida dessa comunidade e, ao mesmo tempo que se aprendem os preceitos luteranos, aprende-se sobre ser grupo, uma vez que todo esse processo é coletivo, e quais os valores que fazem parte dessa comunidade. Cronologicamente o primeiro passo da caminhada de fé de uma pessoa, na Comunidade da Velha Central, é o batismo e, a partir dele, a promessa dos pais e padrinhos de

ensinar essas crianças o caminho que devem andar. Para garantir esse ensinamento, existe o trabalho do Missão Criança, que visita as famílias e anualmente comemora com a comunidade o aniversário de batismo dessas crianças, através de um culto festivo.

A criança é convidada, já durante seus primeiros anos de vida, a vir ao Culto Infantil, que é uma celebração que visa ensinar as crianças sobre a fé luterana e, utilizando uma linguagem mais apropriada, segue a mesma ordem litúrgica que acontece nos cultos. Ana, coordenadora do Culto Infantil na comunidade, diz que os encontros têm um caráter celebrativo.

Ana: O culto infantil aqui na nossa comunidade, Dani, ele parte... A gente faz ele pensando na ordem de Jesus Cristo que diz: 'Ide por todo mundo batizando e ensinando as pessoas' então ele tem um viés de ensino, mas muito mais de celebração. Nós aqui na Velha Central optamos por fazer um culto com as crianças e não uma escola dominical. Ela não é focada no ensino, apesar de que ela cumpre o papel de ensino porque nós entendemos que a criança precisa desde pequena aprender a conhecer Jesus, não aprender a conhecer a Bíblia necessariamente, mas conhecer Jesus, claro que através das histórias bíblicas. Então, quando nós optamos por fazer o culto infantil, nós pensamos em fazer ele aqui como um culto para as crianças. Então, além do ensino, ele tem a parte da celebração, do louvor e da comunhão, acho que esses três vieses são bem importantes para o culto infantil como nós imaginamos aqui na Velha Central. Então eu diria: a celebração, a comunhão e o louvor aliados a conhecer Jesus. [...] Quando a gente faz culto infantil, a gente faz pensando que a criança vai se familiarizando com esse ambiente de culto, para que quando ela for adulta isso seja uma parte da vida dela, ela já esteja acostumada com esse tipo de celebração, este tipo de comunhão - não rígido - mas neste momento que é de aprender, perceber o espaço que é o templo... E por isso tem um altar, com cruz, com todos os elementos litúrgicos. Por isso que a gente faz liturgia, mesmo que fazemos com pausas no meio da liturgia para explicar para as crianças [...] para que ela vá se familiarizar com isso e quando ela for para o culto dos adultos, isso já é uma coisa que é natural como é para os adultos, para que ela não se sinta estranha. [...] Ela vai aprendendo isso na prática. [...] (ENTREVISTA 6 – Realizada em 25 de Abril de 2018).

Fica claro, na fala da coordenadora desse trabalho na Comunidade da Velha Central, a ideia de aprendizado na prática e da interiorização dos valores e preitos que fazem parte da religião e do ser comunidade. Apesar de não ser uma atividade obrigatória, muitas das crianças participam com certa regularidade do Culto Infantil e com isso aprendem sobre esse ritual, que é o culto, de uma forma prática e lúdica. Tenho lembranças muito fortes da minha época de criança, quando ia ao culto infantil. Lembro com carinho das músicas que eram cantadas e da grande alegria que era compartilhar daqueles momentos com meus amigos da igreja.

O repertório cantado no Culto Infantil, mescla cantos do próprio Livro de Canto da IECLB (tanto da sessão *crianças* quanto de outras) com músicas infantis cristãs, algumas disponíveis em diversas publicações de cantigas infantis da Igreja<sup>10</sup>, outras aprendidas e

٠

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Por exemplo o cancioneiro "Crescendo com Jesus", publicado pela IECLB através da Comissão Regional do CI/ED; o cancioneiro "Ei amigo! Vamos cantar?", publicado em 1997 pelo Departamento Comunal do Culto Infantil da IECLB; o livro "Vêm, Amigos, vêm cantar", de Isolde Mohr Frank, publicado em 2009 pela Editora AGE e o próprio livro "Meu livro de Deus", presenteado às crianças quando completam 4 anos de batismo, publicado pela Editora Sinodal.

ensinadas de geração em geração. As crianças cantam de cor e aprendem, em geral, na prática, com os orientadores e com as crianças que já conhecem essas músicas. Em geral são acompanhados por violão, mas também são utilizados alguns instrumentos de percussão<sup>11</sup>, dependendo da proposta do encontro.

Figura 9: Sala do Culto Infantil



Fonte: Arquivo da Autora

O culto infantil, sem dúvidas, é uma experiência fundamental para o aprendizado sobre a fé e os valores associados a ela e, ainda, sobre as práticas diversas desta comunidade. Apesar disso, o momento mais formal de ensino sobre a vida e a rotina desta comunidade acontece no Ensino Confirmatório. São dois anos em que os jovens (em geral, de 11 a 13 anos) aprendem sobre a bíblia, o culto, a fé e os valores que regem a vida cristã. Mais à frente, no item 3.1, vou falar mais desta prática, que utiliza diversos recursos (inclusive musicais) para ensinar sobre os *habitus* dessa comunidade.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Até o ano de 2017, os instrumentos utilizados eram do material pessoal de uma das orientadoras, que trabalha com musicalização infantil. Porém, no início do ano de 2018, a caixinha da música (que provém da venda de brigadeiros e de doações diversas) em parceria com o Culto Infantil, adquiriu instrumentos de percussão (20 ovinhos, 5 agogôs de madeira, 16 castanholas de madeira, boonwakers (1 oitava), 1 Metalofone, 4 pandeiros, 4 triângulos).

Após o Ensino Confirmatório, os jovens são convidados a participar do Grupo da Juventude (JEVECE) que, assim como as demais atividades, tem momentos de meditação, de música e de comunhão, através de brincadeiras e do compartilhar. Nesse grupo, a ideia de encontro e de coletivo são fundamentais. Se quer estar junto e, nesta ambiência, se aprendem e se vivenciam vários outros aspectos do ser comunidade.

Os processos de aprendizagem e vivências de fé e comunhão perpassam todas as faixas etárias. Existem os grupos da OASE, que são voltados para as mulheres da comunidade, o grupo de atividades manuais, chamado Flores do Caminho, o Grupo de Casais e diversas outras atividades sazonais. Acontecem atividades com caráter formativo explícito, como cursos, palestras e oficinas e outras atividades como mutirões e organização de festas comunitárias, que são, a partir do discurso nativo, onde se sente na pele o ser comunidade, o compartilhar.

### **Daniela** – Como se aprende a ser comunidade?

Ana - Eu acho que se aprende tendo que ir e participando! Não tem jeito diferente. Aí eu acho que é importante a doutrina dentro da nossa igreja... Pois quando a Igreja determina que com 12 anos as crianças devem ir para a igreja, para doutrina... Este é o momento que a igreja tem que aproveitar, porque são momentos que eles vão estar, vão participar, vão conhecer... E quando tu tais, tu vais gostar e vais participar [...]. Então, para mim, comunidade é isso. É participar. Eu gosto muito daquele versículo que diz: Ide por todo mundo batizando... Ele não disse só batizem... Ele diz: vai! Como a Igreja tem que ser missionária e tem que ir, o povo também tem que ir... Como no dia de Pentecostes quando foram batizadas 5 mil pessoas, sei lá quantas... Ocorreu porque as pessoas foram. Então aproveita quando elas vêm para a comunidade, assim... Ser comunidade é participar, porque a fé vem pela pregação, pela pregação da palavra. Então tem que ir! É um caminho... para mim isso é comunidade. (ENTREVISTA 6 - Realizada em 25 de Abril de 2018).

O participar coletivamente e na prática aprender as diversas coisas e sentidos que movem e fazem parte do ritual comunitário é o que faz com que essas estruturas estruturantes e esses mecanismos de contágio do sentimento vivido em comum funcionem. São valores profundamente interiorizados que reafirmam essas práticas por tanto tempo.

Produto da história, o *habitus* produz práticas, individuais e coletivas, portanto da história, conforme aos esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo (BOURDIEU, 2009, p. 90).

O *habitus* é o que faz este grupo de pessoas ser uma comunidade, o que une e move as pessoas em direção à comunhão. Nesse sentido, a noção de comunidade é dada pelo *habitus*, através das regulações/planejamentos das proposições práticas do cotidiano, no local onde estas pessoas se encontram, nos grupos de trabalho, nas ações de fé e de lazer.

Sendo luterano o grupo social que observo, os costumes, os rituais e os hábitos existem como um emaranhado onde nem sempre é possível separar o que é religião do que é costume da comunidade, o que é prática musical do que é louvor. Mas, ao olhar para o *ethos* da comunidade e para os *habitus* aprendidos e ensinados nas relações entre as pessoas e na convivência comunitária, percebo um orgulho que perpassa o sentimento subjetivo de pertencer, uma vez que se escolhe ser comunidade e isso ganha um sentido ainda mais profundo contrastando com a sociedade neoliberal vigente.

# 2.2 COMUNIDADE: UM LUGAR QUE A GENTE GOSTA DE ESTAR

Na conversa realizada com o Grupo Laudate, Mario, um dos participantes, definiu comunidade como "um lugar que a gente gosta de estar" (Mario, ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017) Falar de comunidade, em especial por esse viés utópico de um coletivo em perfeita harmonia, faz pensar sobre o contraste entre a sensação de comunidade, vivida na Igreja do Caminho, e a sociedade que a cerca. Estar em comunidade têm tanta força e sentido para os que ali estão pois é, também, uma fuga da sociedade tão desigual e individualista que os cerca.

Rafaela — Estar em comunidade... bom... Eu sei que para mim faz bem, faz muito bem... Porque assim, o tempo que eu estava afastada, que não tinha isso... Fazia falta. Porque a vida da gente é tão corrida, e tu tens os teus problemas, e automaticamente vir à comunidade e fazer música é uma válvula de escape, isso ajuda a gente. Hoje eu tenho uma vida corrida tudo é "ô mãe", ou meu esposo, né? Então, às vezes, tu estás assim tão de saco cheio, aí tu vens pra cá, canta e volta pra casa outra pessoa. Para mim é isso... Faz muito bem para mim. Eu adoro cantar, isso realmente faz muito bem. (ENTREVISTA 3 - Realizada em 20 de Novembro de 2017).

Quando falo de comunidade a partir da perspectiva romantizada do Bauman, não tenho a intenção de ignorar os tantos outros sentidos, não tão harmoniosos, que o conceito supõe. A comunidade idealizada se apresenta como contraste à ordem social de não agregação (individualista), que não está pensada para ser um coletivo e sim em indivíduos, que devem produzir e prosperar. A noção de pertencimento, solidariedade e as relações entre os indivíduos parece ser algo de ambientes comunitários, afinal "não se constrói uma sociedade solidária com esse nível de exclusão praticado numa conjuntura neoliberal" (PELLANDA, 2009, p. 10).

Talvez pela sensação do conceito ou por minhas experiências pessoais com comunidade – parece ser na comunidade que residem as noções de interação e convivência que fazem o que chamamos de fruição musical valer a pena. Isso porque conviver em uma igreja cristã, assim como a prática e a fruição musical, são coisas inúteis. Quando falo em inutilidade, refiro-me ao

que se dá em uma sociedade de produção. Na sociedade neoliberal, há que se resultar em algo. O tempo precisa render, resultar em algo concreto, palpável, visível e lucrativo, senão é perda de tempo, é inútil.

Ordine, em seu livro "A Utilidade do Inútil" (2013) reflete sobre a vital importância do que é tido, na perspectiva capitalista, como inútil. O autor argumenta que:

Numa acepção muito mais universal, coloco no centro das minhas reflexões a ideia da utilidade daqueles saberes cujo valor essencial está completamente desvinculado de qualquer fim utilitarista. Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à sua natureza gratuita e livre de interesses, distante de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade. Nesse sentido, considero útil tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores. (ORDINE, 2013, p. 7/131).

A importância do inútil, segundo Ordine, é tal qual a importância das funções vitais para viver. O conhecimento é inútil se ele não gerar lucro, assim como as artes e a fruição e, justamente por questionar a lógica do mercado – pois posso compartilhar meu saber sem me empobrecer e posso fruir musicalmente sem retirar algo de alguém – se torna vital.

O individualismo sistêmico carrega consigo a necessidade de cada indivíduo colocar muito bem seu tempo em atividades úteis ao seu 'êxito social', o qual, antes de tudo, será valorizado pelo êxito material e sua autonomia financeira, pois, como se diz popularmente, "tempo é dinheiro". O êxito social começa a ser vislumbrado já na escola, onde as desigualdades são, muitas vezes, reafirmadas, pois mecanismos de eliminação agem durante todo o percurso escolar. "O capital cultural e o *ethos*, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais." (NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 55). O próprio modelo de educação reforça as diferenças sociais iniciais ao querer tratar e cobrar a mesma coisa e da mesma forma de estudantes de origens e habilidades diferentes.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. (NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 46).

A estrutura do sistema social vigente traz à tona a busca pela utilidade, pela promoção e pelo êxito social, que é financeiro. E essa perspectiva perpassa as diferentes camadas da sociedade e os diferentes papéis sociais executados por cada indivíduo, embora em diferentes graus. Todos fazem parte de múltiplas comunidades, pois o mesmo indivíduo é o pai de família, o trabalhador braçal, o pacifista, o membro da Igreja, o cidadão patriota, o ativista político. Em

algumas esferas da vida, porém, a inutilidade, no sentido de ir contra a lógica capitalista, enche de sentidos as práticas.

O modelo de sociedade tradicional seria o de totalidade perfeita, articulada, cimentada, em que o todo seria dado em qualquer parte que se destacasse (Dumont, 1970). Sabemos que essa perspectiva tem antecedentes na história do pensamento ocidental e que só pode ser entendida enquanto modelo construído em polos marcados. Com isso fica-se com a sociedade moderna ocidental como a expressão mais aguda da fragmentação e individualização. (VELHO, 1981, p. 82).

Num mundo em que o neoliberalismo é a lógica vigente e o individualismo é uma das características desse sistema, interessa-me entender a comunidade. Assim, ao compreender os sentidos do fazer musical, e seu viés educativo, discuto os valores subjacentes ao fazer musical e ao ser comunidade. E, nesse sentido, a partir das observações e do discurso nativo, percebo como a sensação de contraste com a sociedade que cerca a Igreja do Caminho faz com que as pessoas se liguem mais profundamente com a comunidade, inclusive idealizando as relações interpessoais ali existentes. Alguns jovens, de 15 a 17 anos, ao falarem de comunidade, disseram:

Márcia - Participar, e compartilhar... Dá um sentimento de união, de felicidade. Estar aqui, junto, ajudando ou fazendo qualquer outra coisa. É um sentimento bom que a gente só tem quando fica aqui.

Carla - É, eu me sinto bem ajudando as pessoas, eu me sinto uma pessoa melhor, me sinto bem assim.

Cristian - em vez de fazer outra coisa, estar aqui, comemorando com os amigos. (ENTREVISTA 2 – Realizada em 14 de novembro de 2017).

A comunidade da Velha Central se reúne ao redor e a partir da Igreja Luterana. Apesar de, durante toda a semana, estar cercada de pessoas e de encontros de pessoas, o templo não é o único cenário onde a vida acontece. Uma perspectiva interessante de se observar é o mundo do trabalho. Olhar para como essas pessoas se relacionam com essa esfera social mais ampla, ou macrossocial, que é o trabalho, diz muito sobre algumas relações e papéis que desempenham fora do mundo de trabalho, no ambiente comunitário.

Podemos começar olhando a partir da comunidade, nos mutirões que acontecem. Com o intuito de organizar o espaço físico, baratear custos e fazer melhorias, são convocados, de tempos em tempos, mutirões. Apesar de não ser um grupo definido de pessoas, o mutirão atrai um certo grupo de pessoas, formado por homens e mulheres que arregaçam as mangas e trabalham, normalmente, nas manhãs de sábado.



Figura 10: Mutirão 2016 - 1

Renato é um dos participantes recorrentes. De origem alemã, nasceu e cresceu na comunidade. Trabalhava como torneiro mecânico e tem terras onde sua família já plantou e criou vários animais. Na verdade, ele ainda cria galinhas, porcos e outros animais, muitos deles que ganhou na roda da fortuna nas festas da comunidade. Hoje, com 65 anos, é aposentado, mas muito dedicado ao trabalho na igreja. Força física é com ele mesmo e, em conversas informais, sempre é lembrado como o melhor no manuseio do machado. Renato é, também, cantor do coro junto com sua esposa Ivana (cabeleireira e professora do Culto Infantil) e sua filha Marina (professora de música e vice-secretária da paróquia).

Mário é outro homem que frequenta os mutirões com grande frequência. Ele tem 53 anos é Gerente Sênior de uma grande empresa da cidade, mas diz que sonha com a aposentadoria, quando poderá fazer obras por aí. Nos mutirões, gosta de ajudar na parte da jardinagem e qualquer coisa que envolva fazer cimento. Mário é, também, o assador responsável nas festas da igreja. Filho de um antigo pastor da comunidade vizinha, Mário frequenta essa comunidade desde o casamento. Toca trompete no Grupo Laudate junto com sua esposa e suas filhas.

Marisa é outra importante participante dos mutirões. Dona de loja de materiais diversos, trabalha pesado na comunidade. Nos mutirões, sempre ajuda a limpar, pintar e organizar o que for preciso. Muito disponível, ela está praticamente todos os domingos cerca de uma hora e meia antes das celebrações, arrumando o altar, buscando materiais e organizando tudo. Ela participa de forma ativa do dia-a-dia da comunidade e sempre que precisa ela vem de sua loja (que fica a 100 metros da igreja) para colaborar. Seu marido, Gustavo, era, até o ano passado, presidente da comunidade e, atualmente, é o vice-presidente. Da mesma forma que sua esposa, Gustavo participa dos mutirões e de toda a organização da comunidade.

Olhando para os demais participantes do mutirão, vemos professores, contadores, costureiras, aposentados, lojistas, estudantes, desempregados... que se reúnem na comunidade e trabalham com alegria e disposição. Percebo, também, que alguns "filhos" têm vindo participar. Um dos participantes é o Heitor, pai de dois meninos que começaram a vir quando frequentavam o ensino confirmatório e hoje ainda fazem parte do grupo de Flautas doce – Enzo e Gabriel. Eles, na verdade, não eram dessa comunidade, mas por conta do horário do ensino confirmatório, começaram a participar. Hoje a família vem todos os domingos ao culto, os filhos frequentam o grupo de jovens e o pai vem em todos os mutirões. A mãe ajuda na cozinha e apoia todas as iniciativas da comunidade.

Todo mutirão termina com um almoço coletivo. Esses almoços são preparados pelo Artur. Artur é aposentado e viúvo da antiga secretária da paróquia. Sua esposa era querida por todos e sua morte prematura, por câncer, afetou toda a comunidade, causando, na ocasião, um luto coletivo e uma comoção geral. Dada a importância da Mara para a comunidade, ele é conhecido como "o marido da Mara". Apesar de ser mais fechado, gosta muito de cozinhar e está sempre disposto a ajudar a comunidade. Assim, nos mutirões, ele se encarrega do almoço. Sempre com seu avental do Fluminense, gosta de servir na cozinha e ajuda em diversos eventos da comunidade.

Penso que, apesar de eu mesma ter apresentado acima que o intuito dos mutirões é o de organizar o espaço físico, baratear custos e fazer melhorias na comunidade, a comunhão entre as pessoas perpassa toda essa experiência. A ideia de estar junto, ajudar, colaborar e pertencer é o que move essas pessoas. E esse é um exemplo de como se quer estar junto e, nesse sentido, como o ritual comunitário (e todos os seus mecanismos de contágio do sentimento) funciona.





Fonte: Arquivo da Autora

## 2.3 O MUSICAR E SEU ASPECTO COMUNITÁRIO

Christopher Small, pela importância que atribuiu à prática musical e ao momento em que as pessoas estão fazendo música, cunhou o conceito *musicar*, que não se refere apenas ao executante da música, mas todos os envolvidos no fazer música.

"Musicar" é participar de qualquer coisa em uma interpretação musical. Isso quer dizer que "musicar" não é só interpretar, mas também escutar, ou criar material para uma interpretação musical – o que chamamos de compor – preparar uma interpretação – que chamamos de praticar ou ensaiar – ou qualquer outra atividade relacionada com uma interpretação musical. (SMALL, 2002, p. 15-16).

O musicar na comunidade da Velha Central é feito, portanto, não só pelos músicos ou pelo grupo que está conduzindo o louvor no culto. Todos os que se envolvem, engajam e que são movidos por essa música fazem parte desse *musicar*. Small (1989; 2002) ainda traz a noção de que todo musicar é sério, independentemente de ser um momento de ensaio ou de apresentação. O musicar independe do status dos saberes musicais e do gênero musical. Musicar não tem em si uma busca pela música tida como complexa, boa ou de qualidade. Independente da complexidade, ou simplicidade, da linguagem musical utilizada, assim como dos gêneros musicais, há sentidos subjacentes ao musicar que dizem respeito ao aspecto comunitário da música, ao que ela gera nas pessoas e em suas relações.

Para Small (2002, p. 16), o musicar "Não é só ação, é ação social, e sempre tem lugar em um contexto social, e esse contexto social é parte do significado da interpretação". Assim,

a prática musical do grupo social que observo se refere também ao *ser C*omunidade e reafirma os valores ali vigentes, reafirmados ao longo do tempo de sua existência, conferindo-lhe historicidade, tanto na comunidade em si quanto dos preceitos do luteranismo. Isso porque "A rica e complexa teia de relações que criamos cada vez que musicamos remonta um longo caminho no passado e corre através de todo o modelo do mundo vivo." (SMALL, 2002, p. 30). Nesta direção, pretendo conhecer o *ethos* da Comunidade da Velha Central e as visões de mundo ali vigentes, através do que nela é musicar, segundo Small. "E digo que musicar é uma forma de aprender a interpretar o mundo e suas relações." (SMALL, 2002, p. 21). A prática musical apresenta, portanto, a comunidade e seu *ethos* particular. A comunidade, ao mesmo tempo, traz sentidos ao musicar.

Quando há um momento de prática musical, de interpretação musical, em especial vinculada a uma comunidade ou tribo, nesse espaço se cria uma rica e complexa trama de relações humanas. O simples fato de que alguém, sozinho ou reunido com outras pessoas, tem o propósito de tocar e escutar música já gera um conjunto de significados que vai além do significado específico da obra. (SMALL, 2002).

A prática musical, quando feita no coletivo, é também produto das relações entre as pessoas.

SMALL (1998, p. 142) acredita que os sentidos encontrados em uma performance musical, são revelados pelas relações entre as pessoas que nela estão envolvidas. O autor argumenta que as pessoas envolvidas em uma performance musical estão, essencialmente, celebrando as relações que se estabelecem entre elas, e que a qualidade da performance será determinada pela qualidade das relações geradas no momento da performance. (MULLER, 2000, p. 88).

Ao pensar na música feita no coletivo, no musicar e na importância das relações estabelecidas entre as pessoas, Small (1989) fala do aspecto comunitário da música. Os aborígenes "usam a música [...] para ensinar a seus membros o que devem saber sobre sua cultura, sobre o lugar que ocupam nela e no mundo natural e sobrenatural..." (MALM apud SMALL, 1989, p. 46). Assim, fica claro o potencial educativo da música, apresentado também por Lutero, uma vez que o reformador utilizava desse potencial para uma educação bíblica das comunidades (SCHALK, 2006).

Para Christopher Small, "[...] a sociedade, a cultura musical e a educação se acham em uma situação indissociável de dependência recíproca, e que toda mudança em uma delas se reflete e volta a se refletir nas outras" (SMALL, 1989, p. 206). Assim, ao estudar a comunidade, seus *habitus* (BOURDIEU, 2009) e as diferentes formas de musicar da Comunidade da Velha Central – a saber, o Coro do Caminho, Coro Jovem, Grupo (instrumental) Laudate, Banda da Juventude, Grupo de Violões, aulas de violão, violino, teclado e flauta doce, Culto Infantil, aula

de música no Ensino Confirmatório, Musicalização Infantil –, busco compreender os processos de educação musical que ali acontecem.

Além do potencial educativo do musicar, Small acredita que a prática musical "De fato, é uma espécie de magia [...] destinada a superar o medo, incrementar o sentimento de comunidade e estabelecer um acordo com o meio" (SMALL, 1989, p. 46). Claro que a música e seus efeitos são dimensões socialmente construídas e podem, ao mesmo tempo, ser o oposto. Mas a realidade estudada é a música e a prática musical na Comunidade da Velha Central. Nesse contexto, a música, muito provavelmente, ora se mistura, ora transcende a representação sonora da fé. Trata-se, portanto, de uma parte significativa da vida comunitária recheada de significados.

Um dos sentidos da música na comunidade da Velha Central está na 'inutilidade' da música que fazem ali para a materialidade de suas vidas profissionais e econômicas. O mundo da música seria outro mundo, radicalmente oposto ao mundo da subsistência. O fazer musical é o contrário das coisas que se deve fazer, providenciar, concretizar, para mostrar resultados, manter seu território ou área profissional – ou seja, coisas 'úteis'. A música é inútil para tudo isto, mas tem em si – entre outros aspectos – uma grande importância para o pertencer a uma comunidade e para a fruição musical.

**Mário** - Eu gosto da oportunidade de tocar um instrumento de grupo, isso para mim é a grande satisfação. E ainda tem músicos bons, eu sou um dos mais fracos, então poder se incluir, isso é de fato muito legal. Para mim em especial, porque eu tenho três músicas muito boas em casa, e vou poder participar de alguma coisa com elas, para mim isso é uma grande alegria. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de dezembro de 2017).

Pertencer a uma comunidade e pertencer a um grupo. Fazer parte de algo é de grande importância para o grupo social que observo. As práticas musicais da comunidade da Velha Central são recheadas de noção de grupo. As aulas de instrumento são em grupo, os ensaios são em grupo e o louvor é sempre conduzido em grupo e é acompanhado por um grupo ainda maior: a comunidade que canta. Fazer parte, criar laços e se sentir acolhido é algo de grande importância e faz parte dos discursos nativos. Ao ser questionado sobre o papel da comunidade na vida dele, Mário disse:

**Mário -** Para mim a importância é de necessidade de pertencer, eu tenho necessidade, eu preciso disso, é importante para mim mesmo. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

Junto com o pertencimento, está a noção de orgulho. A comunidade, em diversos momentos, sente orgulho do que é realizado pelos grupos ou pessoas que fazem parte desse convívio.

Gabriela — Eu não consigo lembrar de um evento específico, mas eu lembro assim de quantas vezes eu senti o orgulho, não um orgulho ruim, mas um orgulho "poxa, que lindo, que bonito que saiu." Eu não sou do tipo emotiva assim, não sou do tipo que chora por qualquer coisa, mas eu ganho nó na garganta muitas vezes de tocar música e ela terminar assim: linda, bonito mesmo. Isso sempre me deu, não orgulho do meu trabalho, mas um orgulho da música em si, orgulho do trabalho de música na comunidade, de ter isso na comunidade, da nossa comunidade feliz, isso tudo. Então quando a gente faz uma coisa que "poxa, foi bonito mesmo!" Eu acho que isso arrepia. [...]

**Juliana** — Falando em orgulho, ultimamente algumas vezes eu me senti muito orgulhosa, por exemplo, em Rodeio 12, no evento dos 500 anos de Lutero, aí vai o encontro de instrumentista que a gente foi lá, que tu regeu lá... O próprio dia 29 em Jaraguá, se for olhar quantos por comunidade, quantas pessoas tinham em cada comunidade ali? Olha que, eu não sei se a gente era maior, mas que a gente estava muito bem representado ali de músicos, sem falsa modéstia... Sempre foi bonito, a gente sempre fez uma apresentação que estava legal, não é sobre ser melhor ou pior, mas sempre fizemos algo muito bem feito e bonito.

**Mário** – Eu sempre fui babão pelo que as meninas fazem, música no Grupo Laudate em si, mas o que eu acho muito legal é como a comunidade também, ela da maneira dela, apoia e tem orgulho, isso é um diferencial para mim, eu sinto das pessoas que o Laudate é um grupo delas também.

**Juliana** – Os olhares.

**Marina** – Os olhares, o pessoal quando vê a Laudate sabe, tu vês o pessoal assim... (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

A noção da música como ação recheada de vivências e aspectos comunitários, apresentada por Christopher Small (1989), ajuda a compreender o papel da música nesta comunidade. O orgulho relatado por participantes do Grupo Laudate reafirma a noção de que todos os envolvidos e movidos pelo musicar fazem parte dessa prática e que é no momento da música acontecendo que vários sentidos são tecidos.

Comunidade é um conceito central deste estudo e, por se tratar de uma etnografia, onde a opinião e a visão de mundo dos nativos são partes fundamentais do estudo, procurei conversar sobre o que significa ser e estar em uma comunidade. Nasci e cresci nesse ambiente, mas poucas vezes refleti sobre a noção de comunidade e o que era isso. Da mesma forma, ao serem questionados, os participantes do grupo Laudate se entreolharam e, no primeiro momento, com certo desconforto, nem souberam responder. Estar em comunidade está naturalizado, mas o prazer de pertencer a ela faz com que eles queiram convidar e falar de tudo isso.

 $\mathbf{M\acute{a}rio}$  –  $\acute{E}$  o nome do grupão que a gente gosta de participar e quer que as outras pessoas participem também.

Gabriela – Nós não temos um perfil de Igreja de pescar gente por aí, nós não vamos de porta a porta. A gente é muito tímido nesse sentido, mas se a gente pudesse falar para as outras pessoas, o que a gente mais diria é que é muito bom viver em comunidade, é muito bom estar participando de uma comunidade, uma comunidade que... Ah, vocês sabem...

**Mário** – [...] Eu pessoalmente quando chego em casa, quando não vou no culto, pergunto: como estava, muita gente no culto, muita gente no culto? Não é questão de querer ter ibope não, eu gosto de ver que as pessoas participam. Acho que é isso.

Percebo, na fala das pessoas que participam da comunidade, que este é um lugar em que se gosta de participar. Mas, mais do que isso, existe uma vontade de convidar mais pessoas, ampliar, compartilhar. Essa perspectiva que visa incluir se refere tanto à comunidade como um todo, quanto às práticas musicais. Em quase todos os cultos, as pessoas são convidadas a fazer aula de algum instrumento e a participar dos grupos musicais. Mas essa ideia de incluir e de querer que as outras pessoas participem também fica clara no que diz respeito ao canto comunitário. Desde a escolha do repertório, tonalidade que será executada a música até o momento em que se faz música no culto, pensa-se em incluir a comunidade, possibilitar que todos participem e sintam-se bem, fazendo música.

**Marina** – Comunidade é a gente se importar com o outro, é a gente olhar não só para o nosso umbigo, mas olhar pelo próximo, acho que isso tem a ver com comunidade também e que bom que a Velha Central está assim, que bom que a gente se preocupa com o outro, porque isso só faz a gente crescer assim, como pessoa.

**Lílian** – Como se fosse assim uma extensão da minha casa, eu sempre penso. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

Quando se está em comunidade, a noção de pertencimento perpassa as relações e dá, aos sujeitos, a segurança e o prazer de pertencer.

De minha parte, repito, trata-se de uma "forma" no sentido que dei a esse termo, que ela tenha existido ou não, tanto faz. Basta que essa ideia, como um pano de fundo, permita ressaltar tal ou tal realização social, que pode ser imperfeita, até mesmo pontual, mas que nem por isso deixa de exprimir a cristalização particular de sentimentos comuns. Nessa perspectiva "formista", a comunidade vai se caracterizar menos por um projeto (pro-jectum)<sup>12</sup> voltado para o futuro do que pela efetuação *in actu* da pulsão de estar junto. (MAFFESOLI, 2006, p. 46).

A ideia de pertencer a uma comunidade, ainda que esta seja em parte fruto de um imaginário construído, perpassa as práticas e as relações entre os pares. E esse sentimento de pertencimento, forjado na e pela comunidade, acaba fortalecendo o engajamento comunitário. Assim, a comunidade cresce e fortalece seus vínculos ampliando o prazer que vem do pertencimento. "Para resumir, digamos que nas massas que se difractam em trios, ou nas tribos que se agregam em massas, esse reencantamento tem como cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum." (MAFFESOLLI, 2006, p. 65).

\_

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Projeto, do latim *projectum*, que significa "algo lançado à frente".

# 3 VIVÊNCIAS MUSICAIS

O desenvolvimento da música, segundo Roland de Candé, "acompanhou, de diversas maneiras, o das sociedades humanas" (CANDÉ, 2001, p. 15). Desde a pré-história até a atualidade, a música é utilizada em rituais e cerimônias espirituais. Assim, grandes momentos da história da música tiveram igrejas e templos como cenário e importantes acontecimentos religiosos tiveram trilha sonora. Na Idade Média, conforme Grout e Palisca (2007), quando o Cristianismo havia se transformado na religião oficial do mundo e o Papa Gregório havia organizado a liturgia romana, a música na Igreja passou a ser praticada de forma institucionalizada. Além de suprir a demanda de músicos das instituições religiosas, a música passou a ser utilizada como forma de evangelização.

Hoje, as práticas musicais em ambientes religiosos, além de serem utilizadas como modo de evangelização e parte fundamental dos rituais, têm um papel de educação musical importante, considerando-se que a música não consta nos currículos da grande maioria das escolas brasileiras. Assim, atividades de educação musical e práticas musicais diversas acabam colaborando, ainda que sem essa intenção, para minimizar a insuficiência da educação musical nas escolas regulares. Exemplo disso são as Igrejas Luteranas, que desenvolvem projetos musicais como: ministérios de música, formação de diversos grupos instrumentais e vocais, coros, grupos de louvor, entre outros. Assim, não só as práticas pedagógicas escolares musicalizam, mas também diversas atividades musicais em espaços alternativos (SOUZA, 2008).

Olhando para a Igreja Luterana da Velha Central, percebe-se como as atividades musicais ali desenvolvidas são de grande importância para o desenvolvimento da musicalidade de diversas crianças, jovens e adultos. No contexto do bairro, onde essa comunidade está inserida, há uma escassez de atividades de educação musical. As escolas básicas públicas da região, por exemplo, não têm aulas curriculares de música<sup>14</sup> e são poucas as escolas de música na região.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Apesar da legislação vigente (Lei <u>13.278/2016</u>), a implementação da educação musical nas escolas ainda não é uma realidade em todo o país. Saliento que as aulas de música já fazem parte da realidade de muitas escolas e cidades brasileiras, porém a escassez de professores licenciados atuando na escola básica, a presença da música apenas no contraturno escolar e diversas outras dificuldades ainda são encontradas pelo país. (WOLFFENBÜTTEL; ERTEL; SOUZA, 2016).

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Os Centros de Educação Infantil da região têm aulas de musicalização através de um projeto da prefeitura de Blumenau e na Escola Básica Municipal Zulma Souza da Silva acontece, no contraturno escolar, o Programa de Bandas e Fanfarras Escolares. (FERNANDES, 2017).

Na Comunidade da Velha Central, as atividades de educação musical se mesclam com o musicar e são, também, frutos das vivências compartilhadas nesses espaços. Nesse contexto, portanto, um aspecto fundamental do musicar é o aspecto vivencial, uma vez que "toda arte é ação, performance, [...] e seu significado não reside no objeto criado, mas nos atos de estar criando, estar expondo, e estar percebendo" (SMALL, 1989, p. 140).

Nesta dissertação, falo de ensino e aprendizagem de música a partir de um olhar mais amplo para a educação musical. Diversos são os processos tecidos na Comunidade do Caminho e, em especial no contexto estudado, entendo a educação musical como parte integrante do musicar e, por isso, refiro-me às diferentes vivências musicais na Igreja Luterana da Velha Central.

A educação musical acontece em uma aula de música, em um ensaio de um grupo musical ou no momento do louvor e, as diferentes vivências ali criadas, em especial por serem coletivas, trazem profundas descobertas e, portanto, aprendizados diversos. As vivências compartilhadas, que nesse caso são vivências musicais, são processos de educação musical na comunidade e, também, partes integrantes dos sentidos (construídos ou aprendidos) do musicar. Para Small.

O ato musical se estabelece, também, como um reflexo das relações humanas existentes entre os integrantes da comunidade, onde o objeto musical não tem relevância no sentido sacralizador como na sociedade ocidental moderna, em que, uma tensão crescente na obra musical direciona a atenção a um clímax. (MÜLLER, 2000, p. 63).

Nessa perspectiva, os momentos de aprendizado musical na Comunidade do Caminho estão entranhados de vivências e, em certa medida, é nas relações criadas que moram os significados e motivações do musicar deste grupo social. As relações humanas, o compartilhar experiências musicais e a noção de comunidade são aspectos fundamentais para a música na Igreja do Caminho. Assim, a música feita e aprendida na Comunidade do Caminho é coletiva. Um dos objetivos do trabalho musical realizado ali é, segundo a regente e professora dos grupos, incluir as diferentes pessoas na prática musical. E, ainda nesse sentido, o auge das práticas musicais coletivas está nas celebrações, nos cultos, onde a música e o louvor se dão no coletivo.

Gabriela — Eu acho que, em princípio, fazer as aulas e atividades em grupo não foi uma coisa consciente, foi uma coisa de necessidade. Não teria como ter 21 horários para atender todos os jovens do Ensino Confirmatório, por exemplo, individualmente. [...] A ideia é tornar viável, financeiramente, e em relação ao tempo, pois seria impossível a gente atender todas essas pessoas individualmente... E eu gosto de fazer aula em grupo, sempre gostei! [...] E todas as ideias que eu tenho para música, daqui pra frente, não sei se eu vou botar em prática, mas todas as ideias pensam em grupo, eu não penso no individual. [...] Sozinho não tem graça!

**Daniela** – Por que?

Gabriela — Olha... Porque sozinha, eu já toquei. No início, quando eu vim pra cá, quando eu peguei o meu violão e eu fui em alguns cultos e toquei. Até é fácil, porque eu pego e eu canto e para mim fica bem tranquilo tocar sozinha. Mas quando você começa a juntar as pessoas é incrível como isso deixa a comunidade feliz e você fica encantada... Toda vez que a gente vai com um grupo, pode ser justamente os mais iniciantes, que são os alunos do Ensino Confirmatório, sempre vai ter o momento em que eles vão tocar no culto e, a gente sabe, o dia em que eles vão tocar no culto serão músicas bem simples, provavelmente bem mais devagar e eu, musicalmente, sei que é uma coisa bem iniciante, mas a comunidade fica extremamente encantada, todo mundo fica. As crianças ficam felizes, e eu também. (ENTREVISTA 7 - Realizada em 29 de Maio de 2018).

Todo os processos de aprendizagem musical na Igreja da Velha Central são coletivos, desde as aulas de instrumentos musicais (violão, teclado, flauta doce, violino, violoncelo e bateria) até as aulas de musicalização infantil, musicalização para adultos e música no Ensino Confirmatório. Essa coletividade, que está envolvida na prática musical, se mescla com a noção de comunidade que se visa alcançar a partir dos ensinamentos da fé ali tecidos. O que faz com que as práticas sejam coletivas está, justamente, no *ethos* desse grupo social. No planejamento e na idealização dos processos de ensino e aprendizagem estão presentes valores e crenças, que são religiosas e que, portanto, têm e promulgam um senso do coletivo.

Participar parece ser a palavra-chave para ser comunidade, e imbricado a isso está a noção de pertencimento. A coletividade e a perspectiva de incluir e fruir faz com que as atividades deste grupo social sejam de naturezas diversas. No âmbito musical, existem os grupos onde acontecem diferentes práticas musicais, desde momentos voltados ao aprendizado formal de música até performances marcadas pela fruição e pelo prazer estético. Porém, essas diferentes categorias se integram e se misturam na vida compartilhada na Igreja do Caminho. Isso porque, na gênese do fazer musical, que são os momentos de aprendizado musical, se aprende a ser comunidade. É o que procurarei demonstrar a partir da descrição de dois dos grupos onde se dá uma ação formalizada de educação musical e, em seguida, a descrição de um terceiro grupo de prática musical que se forma todo domingo, nas manhãs dos cultos dominicais.

## 3.1 AULA DE MÚSICA NO ENSINO CONFIRMATÓRIO

No Ensino Confirmatório acontece o momento mais formal de ensino da Comunidade. São dois anos em que os jovens (em geral, de 11 a 13 anos) aprendem sobre a bíblia, o culto, a fé e os valores que regem a vida cristã. É o aprendizado formal sobre a vida da e na Igreja Luterana. Antigamente, essa atividade era chamada de "Doutrina", o que já nos dá algumas

dicas do papel dessa atividade, que tem como objetivo o estudo da Bíblia e dos valores Luteranos e, a partir disso, o desenvolvimento da fé e do pensamento comunitário<sup>15</sup>.

Os encontros do Ensino Confirmatório, na Comunidade do Caminho, acontecem aos sábados de manhã e têm duração de duas horas. Os jovens têm uma hora de aula com a professora Ana (1º Ano) ou com o Pastor (2º Ano), que ensina sobre os valores da fé luterana e a história da Igreja, e em seguida uma hora de aula de música.

Ana: Nós nos reunimos por uma hora eu priorizo para que eles tenham vontade de vir. A criança tem que gostar de vir. Eu incentivo que eles venham antes, pois nós temos mesa de pingue-pongue, pebolim e isso é para criar entrosamento, é um ambiente jovem e mais descontraído. Eu vou conversando com eles e eu vou deixando eles criando amizades porque eles não se conhecem bem. [...] Então nós temos um altar com vela e cruz. Acho que é importante para criar um momento celebrativo bacana. E aí, a partir do que o material sugere, a gente começa como uma saudação que às vezes é a leitura de um texto... Às vezes a leitura de uma música... Depende do que ele sugere, e depois vem a aula em cima do tema que o material propõe. Eu faço a aula bem dialogada, porque eu envolvo as crianças, e o próprio material é muito questionador [...] E quando a aula está terminando, eu procuro fazer um fechamento, ou o que o material sugere e depois de terminar, indicando o que vem para próxima aula ou eu faço um momento mais lúdico porque eu entendo que este é o momento de envolver, de criar uma noção de grupo. [...] O Ensino Confirmatório é o ensino das coisas que a criança deve saber, o ensino para saber aonde ele está inserido, para entender e conhecer. [...] É o conhecimento para que a criança depois possa continuar e dizer eu participo dessa Igreja, eu conheço essa Igreja. [...]. Então os valores são o ensino e o conhecimento e, depois, a comunhão do grupo... Se você ver a forma com que eu conduzo as aulas eu procuro priorizar a comunhão... E comunhão é fazer as coisas em comum acordo... Seja na brincadeira, seja depois no estudar a mesma coisa...

Na Igreja do Caminho, Comunidade Velha Central, no ano de 2012, começou, porém, um novo projeto: Aulas de música no Ensino Confirmatório.

Gabriela – Na verdade, algumas coisas motivaram esse projeto de aulas de música no Ensino Confirmatório. Foi bem na mudança de um pastor e eu vi que por parte dele eu teria apoio e, por isso, achei que era o momento de incrementar e melhorar a música toda na comunidade. Porque, antes disso, ela estava um pouquinho estagnada. [...] Mas eu já tinha pensado isso há mais tempo, por dois motivos: Pela renovação do Grupo Laudate, porque por mais que a gente é um grupo de amigos que tocam juntos, ele não vai poder continuar assim eternamente, senão daqui a pouco a gente vai ser um bando de idosos tocando junto. [...] Então eu pensava que o grupo precisava de renovação, de novas pessoas tocando instrumentos junto, mas para isso a gente precisava preparar. E, também, já de discussão com uma ou outra pessoa, a gente vinha conversando como é triste que no Ensino Confirmatório esses pré-adolescentes vêm, se sentem obrigados a participar, daí são confirmados e a maioria, simplesmente,

-

<sup>15 &</sup>quot;O ensino confirmatório e a confirmação fazem parte do processo de aprendizagem, crescimento e vivência responsável da fé, na qual somos batizados. O período do ensino confirmatório é um tempo para aprender a vivenciar o Batismo. Em resposta a ordem de Jesus Cristo de ensinar às pessoas batizadas a guardar ensinamentos (Matheus 28.20), a Igreja instituiu o ensino confirmatório e a Confirmação. Seu objetivo é proporcionar espaço e meios para a proclamação e a vivencia da palavra. O ensino se dá através da troca de experiências, da vivência comunitária e da busca por formação bíblica e confessional. Objetiva-se com isso o testemunho pessoal da fé, a partir da vida e da missão da comunidade. A duração do ensino confirmatório pode variar de uma paróquia para outra. A IECLB dispõe de material apropriado para o desenvolvimento, preparo e prática de uma vida de fé e amor por parte dos confirmandos" (GRAF; RAMLOW, 2012, p. 35).

debanda. Poucos permanecem. Então eu fiquei pensando, o meu lado pedagógico pensou: Essas crianças precisam de algo a mais. Precisam de alguma coisa a mais para estarem motivadas a permanecer na Igreja. Uma outra pessoa poderia fazer esporte com elas, mas eu só sei fazer música e pensei nela como uma boa possibilidade. E daí, já vem ao encontro, a tradição luterana pela música, a importância que a música tem no desenvolvimento humano... Mas a ideia era oferecer algo a mais para motivar esses adolescentes. E daí, se alguns permanecerem por causa da música, ótimo! Então, já valeu a pena! [...] E estando em comunidade eles acabam se interessando, também, por outras coisas. É como a gente já vem observando que alguns estão muito ativos na Juventude, eles por sua vez estão trazendo seus pais, pais que eu nunca tinha visto antes e nem sabia que eram da comunidade e hoje são pais que estão ali presentes a partir disso. (ENTREVISTA 7 - Realizada em 29 de Maio de 2018).

Assim, visando a motivação dos jovens e entendendo a importância que a música tem para a identidade Luterana, o projeto de aulas de música na doutrina visa aproximar os jovens da comunidade e do louvor.

Gabriela – Pelo incentivo que Lutero deu à música, pelo tanto que ele apoiou e mostrou que era necessário na Igreja, mas também como um todo, na educação das pessoas a música... Então faz todo sentido que no Ensino Confirmatório se faça aula de música. Na verdade, esse não foi o meu primeiro pensamento quando eu tive essa ideia, mas ele já foi surgindo depois. Ficou óbvio isso... Como é que não pensaram isso antes? Como é que já não tinha antes música? Deveria ter tido já sempre isso. Deveria fazer parte em todos os lugares. Eu penso que a IECLB deveria roubar essa ideia. Assim, na verdade nem é roubar uma ideia, porque essa ideia já devia estar lá eu acho que eu que roubei de algum lugar que já deveria estar. (ENTREVISTA 7 - Realizada em 29 de Maio de 2018).

Através do canto, do desenvolvimento teórico-musical e da leitura de textos sobre o assunto, os jovens têm um complemento em sua formação no ensino confirmatório. Cantando, louvando e entendendo a importância da música, prevista por Lutero, o projeto pretendia integrar a música aos saberes básicos luteranos.

A prática musical em comunidade, porém, tem seu ápice no momento do culto, por isso, com o passar dos anos, as aulas passaram a ter foco, também, na aprendizagem da Flauta Doce, o que possibilitou que, durante o período do Ensino Confirmatório (2 anos), esses jovens tivessem a experiência de tocar nos cultos e isso fez toda a diferença na relação dos jovens com o culto e com a comunidade.



Figura 12: Aula de Música no Ensino Confirmatório - 1

Fonte: Arquivo da Autora

Apesar de se aprender música nos mais diversos momentos de convívio comunitário, o projeto que abrange mais fortemente o ensino de música na Comunidade da Velha Central são as aulas de música no Ensino Confirmatório. Se o ensino confirmatório trata das bases da fé luterana e do que é tido como mais importante sobre a vida em comunidade, o fato de ter vinculado ao Ensino Confirmatório aula de música é, por si só, um indicativo da importância que a música tem para a comunidade da Velha Central.

As aulas de Música no Ensino Confirmatório acontecem dentro do templo, na parte do mezanino. As aulas têm duração de uma hora e são seguidas da parte teórica que acontece com a professora Ana e com o Pastor. As crianças chegam e encontram as cadeiras colocadas e estantes de madeiras espalhadas pelo local. Enquanto se acomodam, eles conversam sobre os mais diversos assuntos.

Para essa aula existe um material, que foi preparado por duas musicistas da comunidade. No início do material tem textos para discutir sobre música num contexto geral, mas também em um contexto luterano. A ideia é que, mais do que uma aula de flauta, seja um momento de aprendizado sobre música e louvor. Na segunda parte da apostila está uma série de músicas que não são religiosas, coletadas de diversos materiais conhecidos de aprendizado de Flauta Doce,

além de um repertório folclórico e popular, organizado de forma progressiva. E, no final do material, tem as primeiras músicas que são aprendidas do Livro de canto. Exemplo disso é a música abaixo:

Figura 13: Partitura - Buscai Primeiro - Flautas Doce



Fonte: Apostila do Ensino Confirmatório – Comunidade Velha Central

A música acima é o hino número 150 do Livro de Canto da IECLB e é a primeira aprendida pelos alunos de Flauta Doce. Isso porque essa versão simplificada do arranjo propõe,

na terceira voz, identificada como S3 (Soprano 3), uma possibilidade com apenas três notas (Sol, Lá e Si). No culto, quando os confirmandos participam, o arranjo fica completo, isso porque o Grupo de Flautas Doce utiliza a mesma partitura e toca também as vozes de Soprano 1 e 2, Contralto e Tenor. O Grupo Laudate, por sua vez, participa ajudando nas vozes que são necessárias e tocando a versão original do arranjo:

Figura 14: Partitura - Buscai Primeiro – Grupo Laudate



Fonte: Arquivo do Grupo Laudate

O aprendizado do repertório para ser tocado no culto é um dos grandes objetivos das aulas de música no Ensino Confirmatório, mas os processos de aprendizagem envolvem várias outras questões musicais, teológicas e comunitárias.

Conforme as observações e os relatos da professora de música no Ensino Confirmatório, a aula sempre começa com canto. Esse primeiro momento tem como repertório as músicas mais animadas do Livro de Canto e, quase sempre, a pedido dos confirmandos, é cantada a música *Deus é Meu Amparo*<sup>16</sup> (LC - 155), que tem letra e música da Aliança Bíblica Universitária. Após esse primeiro momento, visto que a novidade musical é o Livro de Canto lançado em 2017, os alunos estão conhecendo as partes do livro de canto. Isso porque, na primeira grande parte do Livro, chamada de *Canto do Culto Cristão*, as músicas estão organizadas na ordem litúrgica prevista no Livro de Culto (Entrada, Confissão de Pecados, Anúncio da Graça, Kyrie, Louvor, Salmo, Glória Patri...)<sup>17</sup> e, no início de cada sessão, há uma explicação sobre essa categoria de hinos. Essas explicações, aliadas ao repertório de cada parte, são materiais para as discussões e aprendizado sobre o significado das músicas e da ordem litúrgica utilizada na Igreja Luterana.

Em algumas aulas, após o trabalho com o Livro de Canto, acontece um momento mais teórico, com conversas e leituras sobre a música e a religião. Segue-se, então, para o aprendizado de flauta doce. O ensino é bem formal, com partituras, regência e com um repertório gradativo em relação às dificuldades técnicas do instrumento e da complexidade da linguagem musical. As aulas têm momentos de explicações técnicas sobre a flauta, o sopro, a posição das notas e aprendizado relativo à teoria musical, com exercícios escritos, explicações e práticas de solfejo.

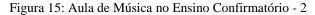
Gabriela – Como é um grupo grande eu procuro, no início da aula, ser muito explicativa, ir super devagar para dar a oportunidade para aqueles que estão mais atrasados. Aqueles que estão com mais dificuldade eu meio que privilegio no início da aula. E depois eu vou para frente, porque eu penso que aquele que já está conseguindo entender tudo, ele quer tocar mais. Daí nem todos conseguem, mas não tem problema. (ENTREVISTA 7 - Realizada em 29 de Maio de 2018).

As aulas são bastante dialogadas e muitos dos jovens querem muito tocar flauta, pois seus amigos mais velhos, já confirmados, tocam nos cultos e a comunidade valoriza a música, o que pode ser percebido a partir dos discursos nativos e reações às práticas musicais. No início do ano de 2018, as flautas, que são compradas pela internet, atrasaram 3 semanas e, com isso, as primeiras aulas foram com outras práticas musicais, e em todas as aulas os três alunos que já tinham flautas tiravam suas flautas da mochila e a turma toda perguntava com certa animação

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Partitura do Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD, 2017) nos Anexos deste trabalho.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Sumário do Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD, 2017) nos Anexos deste trabalho.

"Hoje vai ser aula de flauta?", mas, ao descobrir que não, a decepção ficava estampada no rosto deles. No dia em que as flautas chegaram, porém, a euforia foi contagiante e as práticas de canto e conversas foram deixadas de lado, pois o que todos queriam era tocar flauta.





Fonte: Arquivo da Autora

Nos processos de ensino e aprendizagem musical, na comunidade luterana da Velha Central, a tolerância e a coletividade propiciam um fazer musical inclusivo, típico dos processos de coaprendizagem. A primeira vez que observei isso foi no encontro de Flautas Doce. Os Encontros de Flautas Doce acontecem periodicamente e prezam, em especial, a prática musical coletiva.

O Encontro de Flautas Doce surgiu a partir das aulas de música no Ensino Confirmatório, que tem como fruto o Grupo de Flautas Doce. Vendo a importância musical, pedagógica e social de se tocar em grupo, a professora resolveu promover um encontro de flautistas da região.

Gabriela — A ideia é ampliar, sair daqui, só de uma comunidade. Porque essa comunidade faz parte de uma comunidade maior. Maior que é a CEB, que é o Sínodo ou a própria Igreja. Quando você junta mais pessoas, cresce a comunidade daqui, mas também... Um dos grandes objetivos é dar oportunidade para outros grupos e outras pessoas terem oportunidade de aprender flauta, ou melhorar. O objetivo maior é juntar

as pessoas, juntar as pessoas e dar oportunidade para todo mundo. E que quando a gente toque, que mais pessoas olhem com bons olhos para a música da comunidade. (ENTREVISTA 1 – Encontro de Flautas Doce – Realizada em 11 de Maio de 2017).

O primeiro Encontro de Flautas Doce aconteceu em novembro de 2016 e reuniu 56 participantes. Durante o encontro, surgiu a ideia de se reunir com maior frequência e ficou combinado, entre os participantes, que seriam três encontros no primeiro semestre de 2017, sendo que o último terminaria com uma apresentação. No ano de 2018 outros três encontros estão acontecendo.

Nos encontros, estão presentes a diversidade de saberes musicais – indo de flautistas bem iniciantes a músicos profissionais<sup>18</sup> – e a diversidade de gerações envolvidas – tendo participantes de 8 a 70 anos. Essa diversidade de saberes e de experiências com a flauta doce, entre os participantes dos encontros, em especial em um contexto comunitário, onde a interação e a troca são valores pregados, sugere a existência de processos de coeducação entre os pares.

Um dos encontros observados aconteceu em uma quarta-feira à noite e, como algumas pessoas vieram direto do trabalho ou da escola, começou com um café. Conforme as pessoas iam chegando na comunidade, elas entravam na igreja, confirmavam a presença e eram encaminhadas para o salão paroquial, onde estava servido um lanche. Durante o lanche, as pessoas, que em geral já se conheciam de outras atividades musicais, conversavam sobre a comunidade e assuntos relativos ao cotidiano das pessoas. Entre os participantes, havia representantes de quatro paróquias luteranas da região (Garcia, Gaspar, Velha e Velha Central), sendo que o maior grupo era da Velha Central.

Após o lanche, todos retornaram à igreja e o encontro começou com as boas-vindas aos participantes e uma mensagem do Pastor local. Em seguida, foram ensaiadas diferentes músicas, intercaladas de explicações sobre o repertório, sobre a flauta e conversas sobre a organização dos encontros e da apresentação que aconteceria em julho. No final do encontro, vários participantes ficaram conversando pela igreja e, aos poucos, foram ajudando a desmontar a estrutura de cadeiras e estantes. Enquanto isso acontecia, aproveitei para conversar com algumas pessoas sobre as aprendizagens tecidas nos encontros.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Entre os participantes frequentes dos Encontros de Flauta Doce, temos 6 participantes graduados em Música e outros 3 que atuam como professores do instrumento.



Figura 16: Encontro de Flautas Doce - 2017

Fonte: Arquivo da Autora

Uma importante característica dos encontros é a rotatividade de papéis. Diferentes pessoas assumem a posição de regência durante o encontro, e solos ou passagens individuais de vozes privilegiam distintos flautistas. O objetivo, embora não falado, mas presente nas práticas do Grupo que se forma, é uma prática musical coletiva e significativa para todos e todas que querem fazer música. Assim, a organização, os ensaios e a divulgação é feita por muitos e todos se sentem responsáveis pela manutenção dos encontros.

Tocar em grupo é o grande objetivo dos encontros de Flauta Doce. Embora o encontro utilize processos formais de ensaio, como regência, leitura de partitura e passagem de vozes, nos ensaios são tecidos importantes processos de coeducação entre os pares. É curioso falar de "pares" ao se referir a participantes tão diversos. Mas, no encontro, professores e alunos, flautistas iniciantes e profissionais, jovens e idosos, sentam lado a lado para fazer música em conjunto.

Um dos participantes, na época com 12 anos de idade e que recém havia começado a tocar flauta contralto, ao ser questionado sobre o Encontros de Flautas Doce, disse:

Gabriel - Tipo... antes eu não conhecia, tipo, as outras flautas, como baixo, eu nem sabia que existia e nos encontros eu conheci. E nos encontros dá para ver até onde eu

quero chegar. Tinha um monte de gente do contralto ali que toca muito bem e eu queria conseguir chegar até aquele nível.

Daniela - E você acha que durante o encontro dá para aprender flauta?

Gabriel - Dá! Porque a Cris muitas vezes parava para mostrar para a gente como é que era os dedos... Os outros colegas, que estavam atrás ou na frente, também mostravam pra gente como era a nota... Daí... É bem bom pra aprender! [...] Porque, tipo, quando passa as outras vozes dá pra, tipo, conversar, dá pra aprender umas coisas diferentes, que eu nem sabia... (ENTREVISTA 1 – Encontro de Flautas Doce – Realizada em 11 de Maio de 2017).

Na fala desse participante, percebe-se o papel dos encontros como agente motivador da prática musical. Ele traz, também, a noção de coeducação ao falar dos colegas que mostravam como era determinada nota ou trecho musical. Esse tipo de interação ficou evidente em diversos momentos do encontro. É curioso perceber como pessoas diferentes, em vários aspectos, podem (e querem) fazer música em conjunto. Ribas (2009), ao falar da coeducação entre pessoas de diferentes gerações no contexto do EJA, diz que:

Esse contexto educacional provoca a reflexão sobre a função sociopedagógica da música entre pessoas consideradas jovens, adultas e idosas, desenvolvendo-se como espaço de apropriação e transmissão musical, bem como de compartilhamento e tensionamentos intergeracionais, onde a coeducação musical se gesta. [...] múltiplas aprendizagens e formas de ensino em música se tecem, por meio de uma articulação entre pares. (p. 133).

A Igreja Luterana, em especial nos Encontros de Flautas Doce, é espaço de compartilhamento, bem como de apropriação e de transmissão musical, e, portanto, espaço onde se gesta a coeducação musical. A noção de "comunidade" por si só já indica essa articulação e interação entre os pares. A Igreja Luterana, embora teça processos formais de ensino de música, muitas vezes reafirmando um repertório hegemônico<sup>19</sup>, é um espaço de interações, de comunidade e, portanto, de coeducação.

A organização do Encontro visa a prática musical coletiva. Para a idealizadora do projeto, todos devem ser capazes de participar da prática musical. Assim, um dos mecanismos utilizados com o intuito de permitir que todos participem da prática musical são os próprios

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Sabe-se por Rossbach (2008) que desde a origem da colônia Blumenau os imigrantes alemães se reuniam nas sociedades de canto para confraternizar, enfatizando o espírito associativo dos imigrantes, e preservar alguns aspectos da cultura alemã. O repertório cantado era, em sua maioria, de música secular e em língua alemã. Neste mesmo contexto (Blumenau), a prática musical se desenvolveu também nas Igrejas Luteranas, com uma forte influência da cultura alemã enfatizada pelo contexto da cidade e pela religião Luterana. Assim, o repertório tradicional de origem germânica se tornou parte significativa da música nas comunidades luteranas e, até hoje, muitos hinos são cantados em alemão, em especial pelos Coros Comunitários. O repertório tradicional, como os conhecidos "Coros Luteranos" ou traduções de hinos cantados na Igreja Luterana Alemã (por exemplo, o tradicional *Alma Bendize ao Senhor* – LC 511, nos anexos deste trabalho, que é uma versão em português do hino *Lobe den Herren, den mächtigen König*, composto no século XVII) vêm, aos poucos, se mesclando com novas composições musicais em estilos bem variados, como comenta Steuernagel (2015) ao falar dos parâmetros para a escolha do repertório para o canto comunitário. Ainda assim, a influência da cultura germânica está muito presente no repertório executado nas comunidade luteranas e a noção de superioridade destes repertórios ainda perpassa o imaginário das comunidades.

arranjos. Eles são feitos especialmente para os encontros e, por isso, contam com diversas possibilidades de vozes e simplificações.

O exemplo abaixo é da música *Dizei aos Cativos*<sup>20</sup> (LC – 176), com letra de Reginaldo Veloso e baseada em uma melodia nordestina. A música estava no antigo hinário da Igreja Luterana (HPD – Hinos do Povo de Deus) e está também no Livro de Canto (Atual hinário da Igreja Luterana, lançado em outubro de 2017). O trecho abaixo é a parte final do arranjo da Micaela Berger, que foi transcrito para uma formação de quarteto de Flautas Doce (Soprano, Contralto, Tenor e Baixo).



Figura 17: Partitura - Dizei aos Cativos - Encontro de Flautas Doce 2017

Fonte: Arquivo da Autora

Observando a partitura acima, vemos que a primeira voz (Soprano), assim como a terceira (Tenor), que nesse trecho tocam em uníssono, utilizam a nota Mi da oitava aguda da flauta doce e, como no encontro vários flautistas são iniciantes, uma versão simplificada substitui por um Sol.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Partitura do Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD, 2017) e do Arranjo citado nos Anexos deste trabalho.

Figura 18: Partitura - Dizei aos Cativos - Soprano 2 -- Encontro de Flautas Doce 2017



Fonte: Arquivo da Autora

Da mesma forma, dada a dificuldade da segunda voz (Contralto), foi redigida uma versão mais acessível aos instrumentistas.

Figura 19: Partitura - Dizei aos Cativos - Contralto 2 - Encontro de Flautas Doce 2017



Fonte: Arquivo da Autora

Nos encontros de Flauta Doce, essa emoção que vem do compartilhar também é muito clara, uma vez que nos discursos e ações dos flautistas está a vontade de fazer música em grupo. Mas essa coletividade perpassa todas as atividades musicais da comunidade, isso porque, desde as aulas de instrumento, passando pelas aulas de musicalização e indo até os ensaios dos grupos musicais, o musicar é feito em grupo. Parece haver um sistema que visa garantir a prática coletiva, o que Maffessoli (2006) chama de mecanismo de contágio dos sentimentos vividos em comum.

#### 3.2 GRUPO LAUDATE

Agora sem combinar muito, a gente só olha, sabe quando um para, outro toca, como fica se esse não vem [...] (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

O Grupo Laudate é o grupo instrumental da Comunidade do Caminho e tem na sua formação violinos, cello, clarinete, trompete, tenor horn, flautas doces, violão, bateria, oboé e voz. Não se sabe ao certo como o grupo surgiu, pois desde a década de 90 algumas pessoas se reuniam para ensaiar as músicas do culto. Mas foi em 07 de setembro de 2002, em um Café Musical<sup>21</sup>, que o grupo passou a se chamar Laudate<sup>22</sup>. Hoje, dos 12 participantes ativos do grupo, 8 fazem parte do grupo desde o início e muitos tiveram seu primeiro contato com música dentro da comunidade da Velha Central, ainda na infância. A origem desse trabalho é a educação musical.

Entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, começaram a acontecer aulas de flauta doce na comunidade.

**Juliana -** Eu lembro que era sábado de manhã e que tinha primeiro era com o Fernando e depois com a mãe, todo mundo, uma coisa assim...

**Gabriela** – A gente tinha três turmas.

**Marina** – Mas a gente fazia os mais iniciantes e a Gabriela os mais avançados, assim. **Gabriela** - Isso já era um efeito pirâmide, porque vocês aprenderam comigo. E aí depois a gente começou um grupinho lá na igreja para ensinar novas crianças, e aí a gente já dividiu, nós três nos dividimos para ensinar a flauta.

(ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

<sup>22</sup> Laudate é uma palavra em Latim que significa Louvor. Em músicas e textos cristãos, ela aparece como Laudate Dominum, que significa Louvor à Deus.

\_

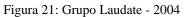
<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> "Café Musical: Primeiro grande evento realizado pelo Grupo Instrumental Laudate – 7 de Setembro de 2002. Este café foi promovido para que o Grupo Instrumental Laudate pudesse comprar flautas de melhor qualidade. [...] Os doces, salgados e café foram conseguidos com doações. A comunidade mostrou-se muito solidária e apoiou sem medida este evento." (Diário de atividades do Grupo Musical Laudate).



Figura 20: Crianças do Projeto de Flautas Doce - Natal de 2000

Fonte: Arquivo da Autora

Assim, várias crianças da comunidade começaram a aprender flauta doce e os mais velhos ensinavam para os mais novos e iniciantes e, assim, antes mesmo de saberem tocar muitas notas, já participavam da condução do louvor nos cultos. Desse trabalho, surgiu o grupo Laudate, que no início era formado por várias Flautas Doce Soprano, que tocavam a uma ou duas vozes, violão e voz.





Fonte: Arquivo da Autora

Outras aulas de música aconteciam na comunidade. Várias pessoas queriam aprender violão. Uma lembrança bonita é de como a Lílian, ativa até hoje na comunidade e na música, decidiu aprender violão. Era, provavelmente, 1993 e ela tinha 10 anos de idade quando decidiu que queria aprender música.

Lílian – Eu lembro que eu era pequena, assim... [...] Não sei que grupo era, sei que você estava na frente, tocando violão e os outros estavam cantando [...]. Eu escutei lá de casa e daí eu fui correndo, porque não tinha muro nem nada na época... Eu lembro que eu sentei no primeiro banco e fiquei assim [Com a cabeça apoiada nas duas mãos, com um olhar tímido]

**Gabriela** – Ah! Eu me lembro disso... Isso foi aqui na igreja que teve um encontro da OASE, na época não era Sinodal, era da Região, era o dia da OASE aqui na nossa comunidade e nós estávamos ensaiando, e eu estava muito feliz pois eu tinha uma vez uma caixa de som para ligar o violão e um microfone [...]. Daí tu ali sentada me disse "Tu me ensinas a tocar violão?"

**Lílian** – Sim, a Dona Elizabete na verdade que disse... [...] A gente nem sabia, mas minha mãe falou com ela e disse "minha filha gosta tanto de violão" e daí a dona Elizabete disse "fala com a Gabriela, quem sabe ela não ensina"

(ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

As portas de entrada do grupo parecem ser as aulas de música, seja flauta, violão, violino. Mas o aprendizado continua dentro do próprio grupo.

Daniela - Como são os ensaios do Grupo Laudate?

**Marina** - Descontraído, mas também esse ano em especial eu acho que ficou como um ensaio mais de aprendizado também. A gente tocou muitas músicas desafiadoras, a gente estava acostumado assim com músicas mais tranquilas, e esse ano não, esse ano a gente se desafiou mais, então isso é muito bom, porque a gente não fica acomodado, na zona de conforto. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

Lílian – É muito bom porque todo mundo se ajuda. Assim, os três tenores às vezes até brincam, mas é legal, assim, o Fernando sabe uma coisa, a Camila sabe outra, às vezes eu mostro também onde a gente se perdeu, e assim a possibilidade de aprender coisas novas, né? A Juliana agora pode me passar um pouco de clarinete, aprender outro instrumento dá mais vontade ainda.

**Mário** – E além disso, o grupo agora ele se conhece, um conhece bem o outro, a base né, todo mundo se conhece, então fica fácil [...]. Agora sem combinar muito, a gente só olha, sabe quando um para, outra toca, como fica se esse não vem, não é só na cabeça de vocês duas, a gente conhece o grupo agora. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

Do que pude observar, o Grupo Laudate tem como objetivo a condução do louvor nos cultos, além de acompanhar os coros da comunidade. Além disso, o grupo é uma reunião de amigos que, compartilhando do amor à música e a fé baseada nos preceitos luteranos, se diverte, compartilha e aprende.

**Marina** - Eu acho que é um grupo que se reúne para fazer música, mas além disso a gente acabou criando um vínculo, então além de ser um grupo musical, é um grupo de amigos que se reúne para tocar ali, cantar ali, para fazer uma boa música. E a gente assim... O que é muito importante para o crescimento do grupo, o crescimento assim. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

E isso está no interior do grupo, faz parte da essência do Grupo Laudate. Um *ethos* que é comunitário, religioso, mas que está entranhado de outros sentidos compartilhados, que vão desde os valores e crenças até as afetividades, memórias compartilhadas, representações simbólicas e estética musical. E a noção de grupo é aprendida através das práticas musicais compartilhadas, que são também práticas sociais, pois vêm de uma trajetória em comum, de crescimento e de compartilhamento.



Figura 22: Grupo Laudate - Comunidade Blumenau Centro - 25 de Março de 2018 - Domingo de Ramos

Fonte: Arquivo da Autora

Os ensaios do grupo acontecem às quartas-feiras à noite, na igreja. O ensaio inicia às 19h30, mas cerca de 15 minutos antes os participantes já começam a chegar e se organizar no espaço. Em geral, os ensaios são feitos no mezanino, onde as cadeiras são colocadas em roda, assim como as estantes de partitura<sup>23</sup>.

O repertório ensaiado pelo grupo é formado, em especial, pelos hinos do Livro de Canto, pois um dos objetivos é acompanhar o canto comunitário. Os arranjos são feitos ou adaptados pela regente, visto que a formação instrumental do grupo é bastante peculiar. Um exemplo que

2

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> As estantes de partituras utilizadas pelo grupo foram feitas por um senhor da comunidade. Embora o grupo Laudate tenha adquirido, durante seus 16 anos de existência, estantes de ferro, conforme o número de alunos e de músicos da comunidade começou a aumentar, a quantidade de estantes não era suficiente. Assim, como o investimento para comprar as estantes seria muito alto, um senhor, hoje com 85 anos, resolveu construir 20 estantes com restos de madeira e pedaços de ferro que ele tinha em sua oficina de torneiro mecânico. Hoje, essas estantes são utilizadas por todos os grupos de música da comunidade.

é citado pelos instrumentistas do grupo como uma das músicas mais tocadas durante a história do grupo é o hino *Quão bondoso Amigo é Cristo*. Trata-se de um hino de confiança, mas o que faz essa música ser importante para o grupo é o arranjo e as lembranças que ele traz. Por volta de 2005, o grupo começou a tocar essa música com um contracanto que, na época, era um grande desafio para os instrumentistas. Tocar aquela voz era uma grande realização musical e pessoal. Abaixo, temos a partitura da melodia e do contracanto.

Figura 23: Partitura - Quão Bondoso Amigo é Cristo – Melodia e Contracanto

# 206 - QUÃO BONDOSO AMIGO É CRISTO

Charles Crozat Converse, 1868



Fonte: Arquivo do Grupo Laudate

Com o passar do tempo e com o desenvolvimento musical dos participantes, tocar o contracanto não é mais um desafio, mas a música ainda faz parte do repertório e o grupo tem um carinho muito especial por ela. O repertório do grupo inclui diversas músicas do Livro de

Canto e, portanto, diversos estilos musicais, indo do tradicional Coral Luterano<sup>24</sup> às composições com características bem brasileiras, como é o caso do Pai Nosso Sertanejo, com um arranjo feito especialmente para o Grupo Laudate.

Figura 24: Partitura - Pai Nosso Sertanejo – Grade Laudate

## LC 258 - Pai Nosso Sertanejo

L e M: Nabor Nunes Filho, 1944 - 2013 Arr: Daniela Weingärtner



Fonte: Arquivo Grupo Laudate

O Grupo Laudate é fluído e integrado a outros grupos da comunidade. Isso porque o grupo Laudate também toca nos cultos junto com o grupo de flautas, de violões, com os coros. E muitos participam de outros grupos musicais da comunidade. Esse compartilhamento de experiências faz com que os limites do próprio grupo não fiquem muito claros. Mecanismos são criados, às vezes inconscientemente, para garantir que todos possam participar. Nesse sentido, diversos processos de coaprendizagem são desenvolvidos na relação dentro e entre os grupos musicais da comunidade.

Era sábado de manhã e estava previsto para esse dia um ensaio dos instrumentistas do oratório de natal. O grupo é formado pelos músicos do grupo Laudate e por flautistas mais jovens, do grupo de flautas da comunidade. Por precisarem de mais tempo para assimilar e ensaiar o novo repertório, a professora pediu que eles chegassem uma hora

\_

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> "Lutero e as gerações de Músicos luteranos que o seguiram nos séculos posteriores fizeram uso de ambas as correntes, combinando a tradição musical mais artística e elaborada com o canto congregacional de cunho popular. O resultado musical desta combinação foi o Coral Luterano, com os seus textos poéticos centrados no Evangelho e escritos no vernáculo (na língua local) e não mais em Latim, com melodias vigorosas e com saltos e extensões de voz pensadas para o canto grupal [...]. No seu conjunto, estas características resultaram em [...] algo familiar e possibilitaram que comunidade, Coros e Instrumentistas se sentissem confortáveis, ´em casa´, enquanto cantavam e tocavam." (EWALD, 2012)

antes do ensaio. Porém, para espanto dela, uma hora antes boa parte do grupo já estava presente, incluindo os músicos mais experientes da comunidade. Rapidamente Rafael, que normalmente toca flauta tenor, ao ver que a menina ficaria sozinha tocando flauta contralto, se sentou ao lado dela e, com muita naturalidade, foi tocando as partes junto com ela. Assim como ele, Juliana, do clarinete, se esticou para tocar um trecho complicado com as flautas sopranos. Claramente eles chegaram mais cedo para ajudar, e o incentivo deles foi fundamental para que o ensaio rendesse. Eles queriam estar ali, junto com os demais, colaborando, ensaiando, ensinando e aprendendo. (DIÁRIO DE CAMPO – 01 de Dezembro de 2017).

O trecho acima ilustra a perspectiva de coaprendizagem apontada por Ribas (2009) uma vez que traz à tona não apenas o compartilhar experiências, mas, também, a vontade de se fazer isso de forma coletiva. No exemplo acima, os músicos mais experientes haviam sido dispensados do ensaio mas preferiram vir, pois participar do grupo gera uma série de significados importantes para esses músicos. A partir dos diversos momentos de observação, ficou nítido que eles e elas querem estar juntos, participar e compartilhar. Isso acontece também porque a maior celebração do estar no coletivo acontece no culto, onde os diferentes grupos de trabalho (musicais ou não) se unem em uma celebração.



Figura 25: Recital – Grupo de Flautas Doce - 2016

Fonte: Arquivo da Autora

#### 3.3 CULTOS: UM MUSICAR COLETIVO

Ana - Comunidade... Bom, são pessoas que vão juntas na mesma igreja, igreja como um lugar de encontro, e que elas têm ações em comum. Acho que o ponto alto é culto de domingo! Todos que vão lá na igreja partilham e compartilham. Eu estou aqui dentro da igreja, e se ela está cheia ou se tem meia dúzia, estamos compartilhando daquilo que está acontecendo ali e concordando, pois ninguém é obrigado a vir até a

igreja. Mas quem está lá... Às vezes eu olho quem está ali na comunidade e penso: Eu vou agora fazer essa parte da liturgia e ele também vai fazer. Aquela pessoa que eu só vi no mercado, aquela vez... Para mim comunidade é isso. Essas pessoas que estão juntas fazendo a mesma coisa, acreditando na mesma coisa... Tem algo ali... No culto às vezes eu fico me perguntando, da parte da comunidade, nós estamos todos ali fazendo a mesma coisa, de livre e espontânea vontade. Concordamos, participamos e fazemos a mesma coisa naquele momento... Isso sempre me chama atenção, são todos eles... Eu, o velhinho mais simples, o jovem, o casal recém-casado, aquela família... Sabe? Isso me faz pensar: isso é uma comunidade, quando a gente está junto e aí tem outras coisas que se somam a essa comunidade que é, ali, manter um patrimônio, os grupos de trabalho - que aqui na velha Central eu acho que são fantásticos! [...] Mas pra mim comunidade é isso, é estar em conjunto. E o ponto alto é o culto onde todos estamos em comum, aí quando, por exemplo, o grupo de canto, você está lá, vocês são parte da comunidade, estão juntos no arranjo, orquestrando para acompanhar o nosso canto e, para mim, comunidade é quando está harmônico, com o mesmo fim, o mesmo foco. (ENTREVISTA 6 – Realizada em 25 de Abril de 2018).

O culto é uma celebração<sup>25</sup>, onde a comunidade se reúne para em conjunto orar, louvar e ouvir sobre a palavra de Deus. É, também, a celebração do ser comunidade, um encontro dos grupos e um momento de renovar as relações que são de comunhão e colaboração. Embora seu foco seja celebrativo, o culto é um momento de múltiplas aprendizagens. Aprendem-se questões de caráter religioso a partir da pregação, da liturgia<sup>26</sup> e da leitura da palavra. O culto é, portanto, um momento de catequização, de ensino e de fortalecimento da fé. Porém, outros valores são ensinados no momento do culto, ajudando a reafirmar os *habitus* da Comunidade.

Imbricado na religião e no *habitus* comunitário, está o musicar e, não por um acaso, o culto é também momento de aprendizado musical, ainda que este não seja o objetivo. Todo musicar parece ter potencial educativo. Ao ouvir música e, no caso dos cultos luteranos, participar cantando, existe um desenvolvimento da musicalidade, a ampliação de repertório e a fruição musical, que é um prazer estético de fazer música em conjunto. Esse prazer estético é, ainda, acrescido dos valores da fé, fazendo com que esse musicar, que é essencialmente coletivo, seja religião, seja comunidade e seja prática musical.

25 "Celebramos quando a comunidade se reúne para cultos, estudos bíblicos, encontros e datas comemorativas. Essas celebrações podem acontecer na igreja, na residência das pessoas, em centros comunitários ou outros lugares apropriados. Importa que a comunidade esteja reunida na certeza e na presença de Deus em seu meio."

(GRAF; RAMLOW, 2012, p. 61).

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> "Liturgia é o conjunto de elementos e formas utilizados para a realização do culto. Os elementos (saudação, orações, Credo, hinos, etc.) estão distribuídos em quatro partes: Liturgia de Entrada, Liturgia da Palavra, Liturgia da Ceia do Senhor e Liturgia da Saída. A liturgia forma um conjunto, segue uma lógica, em que cada elemento desempenha uma função específica a partir de seu significado." (VOIGT, 2016, p. 27).



Figura 26: Celebração de Dia das Mães – 14 de maio de 2017 – Coro Jovem, Grupo Laudate e Comunidade Cantando

Fonte: Arquivo da Autora

Ana - Eu penso que de toda parte da comunidade, foco, o ponto alto é o culto... E a música para mim é parte fundamental, tanto que para mim no culto não tem um momento mais importante [...], mas música sempre fez parte, é um ponto alto de louvor e quanto melhor for esse louvor mais a gente vai... Eu vou até me esquecer que não faço bem... Eu quero estar junto, quero fazer junto... A música, para mim, é aquilo que dá corpo, é esse louvor, essa celebração... (ENTREVISTA 6 – Realizada em 25 de Abril de 2018).

A prática do canto comunitário traz, em seu significado, uma profundidade a ser explorada. A ideia de cantar em grupo perpassa a história da humanidade e é encontrada em diversas manifestações culturais mundo afora. A voz de um povo e seu canto possuem significados próprios e falam muito sobre a sua história.

Christopher Small (1989), ao descrever uma prática musical em Bali, percebe que o aprendizado musical se dá na relação de pessoas de diferentes idades e níveis de aprendizado musical (p. 52). Em outro trecho, o autor fala que Grupos Aborígenes usam a música para ensinar o que se deve saber sobre a sua cultura. O canto para eles é identidade. Nesses dois exemplos, percebemos como a música e as práticas musicais são comunitárias. Olhar para a música de uma comunidade luterana, em especial para o canto comunitário, é, portanto, olhar para a própria comunidade e para as relações afetivas, espirituais e comunitárias, nem sempre claras, mas imbricadas na prática musical.

Na Bíblia, encontramos a seguinte passagem:

Bom é render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo, anunciar de manhã a tua misericórdia e, durante as noites, a tua fidelidade, com instrumentos de dez cordas, com saltério e com a solenidade da harpa. Pois me alegraste, SENHOR, com os teus feitos; exultarei nas obras das tuas mãos (SALMO 92. 1-4)<sup>27</sup>.

Neste trecho, assim como em diversos outros trechos da Bíblia, percebemos que o canto, para a Igreja, significa louvar e agradecer, mas também é ferramenta de propagação da mensagem. Anuncia-se a mensagem através da música. Aprende-se também através dela.

Apesar de a música ser parte da identidade cristã como um todo, Lutero, ao defender a importância da música para a Igreja e a ideia de canto comunitário, aproximou a música e a mensagem de toda a comunidade. É importante salientar que, quando me refiro à música, penso nela como musicar e, portanto, na experiência de fazer música e nas relações ali estabelecidas. A comunidade, através do canto comunitário, cria uma série de significados e relações com essa prática que é louvor, mas também é performance.

Lutero defendeu, em seus escritos e ações durante a reforma, a noção de que a palavra de Deus deveria estar ao alcance de todos. Todos deveriam ser capazes de ler a Bíblia e compreender a mensagem e, sustentado nessa perspectiva, a Bíblia passou a ser traduzida do latim para o alemão, as celebrações deixaram de ser em latim e a música passou a ser feita por todos, através dos cantos comunitários. Muitos desses cantos eram versões de melodias profanas, conhecidas de todos. A ideia era utilizar a música como ferramenta unificadora da comunidade (SCHALK, 2006).

Embora a palavra, seja ela tida como uma leitura ou como pregação, seja de grande importância e norteadora da fé cristã, a propagação da mensagem é feita, muitas vezes a partir da música. É no momento do canto comunitário que a comunidade se une, a uma única voz. Não seria essa, então, a voz da comunidade? Dietrich Bonheffer diz que "à oração do salmo e à leitura da Bíblia associa-se o *canto conjunto*, e nele ouve-se a voz da igreja que louva, agradece e ora." (1997, p. 46).

Quando uma comunidade canta, se une no louvor a Deus, trazendo à tona a noção de pertencimento. Através do canto comunitário, cada pessoa se torna parte ativa da comunidade. Criam-se, então, laços e relações. A música movimenta a comunidade, aproxima e integra as pessoas e, assim sendo, torna-se parte vital para a sobrevivência deste grupo social. É por isso

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Passagem Bíblica tirada da Edição: Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero, do ano de 2012. A edição conta com texto bíblico traduzido por ALMEIDA, Revista, Atualizada e contém, ainda, uma seleção de textos extraídos da Coleção Martinho Lutero – Obras Selecionadas, Seleção de hinos compostos por Martinho Lutero e Catecismo Menor de Lutero.

que, embora a Igreja Luterana esteja em constante reforma, 500 anos após a reforma, cantar hinos em conjunto ainda é extremamente significativo.

Desde a origem da Igreja Luterana se canta em conjunto. As comunidades, em culto, cantam utilizando seus hinários. Na verdade, pela primeira vez me dei conta que é mais comum ver um luterano com um hinário na mão do que com a bíblia. Na Igreja da Velha Central tem cerca de 300 hinários e nem 50 bíblias. Claro que muitas pessoas têm bíblias em casa, mas achei que hinário em casa era coisa da minha família. Me enganei.

Durante todo o ano de 2017, a comunidade da Velha Central assim como outras tantas, estava muito ansiosa com o lançamento do Livro de Canto: Soli Deo gloria<sup>28</sup>. Todos queriam logo encomendar os livros que teriam um custo de 30,00 reais na primeira edição. Mas para uma comunidade como essa, formada por pessoas simples e com vários problemas financeiros, desembolsar 6750,00 reais para comprar os 225 livros necessários é bastante complicado. Eis que o Carlos, tesoureiro da paróquia, teve uma ótima ideia: Cada família poderia comprar um hinário para deixar na paróquia, afinal são as pessoas que utilizam os hinários no culto. A ideia foi lançada e foi sendo divulgada nos cultos e encontros dos Grupos de Trabalho. No culto do dia 02 de julho, o pastor novamente falava sobre o Livro de Canto e perguntou para a comunidade quem ali teria vontade de comprar um hinário para deixar na comunidade e todos os presentes levantaram a mão. Terminado o culto, na saída, havia uma grande fila de pessoas dando o nome e comprando um hinário. Reparei, em especial, em um casal que conversava sobre isso, empolgados. O marido disse que queria comprar o hinário e a esposa respondeu dizendo que queria comprar um também. "Nós gostamos de cantar cada um com o seu hinário! Vamos comprar dois" disse ele. Ela respondeu dizendo "Não! Vamos comprar 3! Dois para deixar na comunidade e um para ter em casa!". Fui mais perto para ver como estavam as encomendas e, para minha surpresa, haviam duas grandes listas. Uma para quem estava encomendando para a comunidade e outra para quem queria também um em casa. Isso me levou a conversar com as pessoas sobre hinário. Todos parecem ter um carinho especial por esse pequeno livro de cantos.

Desde a chegada dos novos hinários na Igreja da Velha Central, em dezembro de 2017, esse repertório tem entrado na vida da comunidade. Nos cultos, o repertório "novo" é mesclado

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> "A palavra 'canto' também representa a expressão mais ampla das diferentes formas de expressão musical da vida da comunidade, da qual fazem parte hinos, corinhos, canções, cânones, cantos litúrgicos, salmos e antífonas, entre outros. A epígrafe *Soli Deo gloria* identifica nossa base teológica para o canto da igreja. É a compreensão de Lutero sobre a música, reafirmada por J. S. Bach e outras compositoras e compositores luteranos ao longo da história. Expressa que o canto cristão não é um fim em si mesmo, mas está a serviço do louvor a Deus. Toda complexidade e beleza da música é expressão de louvor a Deus, o autor da música, que nos deu a voz, a arte e a criatividade." Cláudio Kupka – Introdução ao Livro de Canto da IECLB.

com músicas mais tradicionais e, com empolgação, a comunidade tem abraçado esse novo repertório. Na apresentação do Livro de Canto está escrito:

Comunidade cristã canta! Esta é uma característica toda especial das comunidades que, juntas, são a IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Somos Igreja que canta. Cantamos esperança, lamentação, dor, intercessão, alegria, gratidão, louvor. Cantamos a graça de Deus que nos abraça e carrega. (Pastor Presidente Nestor Paulo Friedrich).

Ter um Livro de Canto, feito e pensado para as comunidades é, nas palavras do Pastor Cláudio Kupka, em nome da comissão do Livro de Canto da IECLB, "sinal de unidade e identidade, é referência do que identifica a teologia e a prática musical de uma igreja [...]". O próprio nome do livro nos remete à música que está acontecendo. Não é apenas uma coletânea de hinos, mas uma ferramenta para esse momento que é de canto comunitário, que é de musicar.

### 4 OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS NA COMUNIDADE

Pouco depois, as sopranos cantam toda a sua parte sozinhas. Rebeca e Sara, que até então estavam cochichando, se entreolham, e em seu olhar parece haver a cumplicidade, e nesse momento Sara sinaliza com as mãos que a conversa continua depois. Do outro lado do espaço em que o coro está ensaiando, reparo Marcos, que está ouvindo a passagem da voz enquanto está viajando, imaginando algo, e com movimentos sutis, parece estar regendo a música que as Sopranos cantam. Conforme a música vai continuando, Laura, que canta soprano, vai relaxando e passa a cantar com os olhos entreabertos, feliz e plena. (DIÁRIO DE CAMPO – 22/08/2017).

O trecho acima se refere a um ensaio do Coro Jovem da Comunidade. Nele, percebemos algumas das diferentes sensações que o fazer música em grupo pode suscitar. A música é o que motiva algumas reações e é mero pretexto para outras. Isso porque todo musicar é repleto de sentidos.

A música gera uma série de experiências, em especial quando é feita em grupo. A relação entre os músicos de uma banda, a série de memórias que a música gera no ouvinte e, ainda, a emoção aparentemente inexplicável ao ouvir uma música, são exemplos de como fazer música pode ser repleto de sentidos. Christopher Small (1989) diz que o próprio fato de dezenas ou centenas de pessoas estarem juntas em um teatro para ouvir música já pode significar uma série de coisas.

A prática musical da Comunidade do Caminho é recheada de sentidos diversos. Tratase de uma comunidade que canta em grupo, utilizando hinários com músicas de vários estilos e origens, que possui aulas de música em grupo, que investe financeiramente no trabalho musical e tem, em seu discurso, orgulho das práticas musicais que ali acontecem. Os sentidos atrelados a esse musicar, porém, tem em si aspectos relacionados ao ser no coletivo, à religiosidade e às oportunidades que ali existem.

De toda prática musical que acontece na Igreja do Caminho, a mais recheada de significados e, também, a mais difícil de identificar os limites entre o louvor a Deus e a fruição musical é a prática do canto comunitário. A comunidade canta e, com isso, participa ativamente das celebrações. Na apresentação do Livro de Canto da IECLB, o Pastor Doutor Nestor Paulo Friedrich, Pastor Presidente da IECLB, diz:

Igreja que canta não é obra do acaso. O povo de Deus sempre expressou sua fé através da cantoria acompanhada de instrumentos musicais. Com a Reforma, Lutero contribuiu decisivamente para a forma cantada da Palavra de Deus. E a IECLB carrega essa herança. As primeiras famílias luteranas que aportaram no Brasil a trouxeram no seu coração. O canto comunitário ajudou a sustentar sua fé e o seu testemunho do Evangelho. (STEUERNAGELL; EBERLE; EWALD, 2017).

A música, na Comunidade do Caminho, traz em si uma profunda relação com a fé, isso porque imbricados a muitas práticas musicais estão aspectos de cunho teológico e espiritual. Muito do que é cantado veicula valores e crenças luteranas e isso dá, a algumas músicas, sentidos de natureza religiosa. A fé é subjetiva, mas tem uma força que impacta no sentido do fazer musical.

Outro sentido fortemente encontrado no musicar dessa comunidade é a música como forma de criar laços com as outras pessoas. A música é feita no coletivo e, consequentemente, em diversos momentos ela vira pretexto para se encontrar, rir e rever alguns amigos. Esse aspecto é muito forte em alguns grupos da comunidade, como é o caso do Grupo Laudate, que se autodenomina como "um grupo de amigos, que faz música na igreja" (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017). Mas vai além dos grupos musicais. Ser ativo na comunidade luterana é, em várias situações, fortalecer laços de amizade e companheirismo e, ainda, se empoderar. Isso porque, embora as mulheres nem sempre tenham espaços garantidos para atuação profissional e artística, na Comunidade do Caminho há uma presença maciça feminina, em espaços de lideranças e em trabalhos musicais.

A música pode se relacionar com o humano em seus diferentes aspectos. Fé, sociabilidade, coletividade e empoderamento são apenas alguns dos aspectos em que a música encosta na vida das pessoas. Small diz que a música "é uma espécie de magia [...] destinada a superar o medo, aumentar o sentimento de comunidade e estabelecer um acordo com o meio. (1989, p. 46).

Steuernagel (2015) diz que "é inviável pensar em nossa cultura dentro da igreja como algo dissociado da nossa vida externa; na realidade, isto vai contra a própria definição cristã de culto [...] que busca uma entrega integral e inter-relacionada de diferentes aspectos de nossa vida ao senhorio de Cristo" (p. 92). A Comunidade do Caminho, portanto, precisa ser compreendida dentro e fora dos muros da igreja, e por isso os aspectos que são do mundo do trabalho, da escola e da vida familiar contribuem para os sentidos criados e reafirmados na vida comunitária.

Tenho pensado sobre os papéis da música, seus objetivos e consequências na comunidade. O fazer musical, pelo menos como é pensado pela professora e regente dos grupos musicais da Velha Central, não tem o objetivo de fortalecer os laços comunitários ou doutrinar. Ainda assim, a coletividade faz parte e motiva as práticas musicais da Comunidade do Caminho.

Pois, ao contrário do que, até hoje, era de bom tom admitir, podemos concordar que a razão tem muito pouco a ver com a elaboração e a divulgação das opiniões. A difusão destas, tanto entre os primeiros cristãos quanto entre os socialistas do século XIX, se

deve muito mais aos mecanismos de contágio do sentimento, ou da emoção, vividos em comum. (MAFFESOLI, 2006, p. 41).

Os mecanismos de contágio da Comunidade do Caminho parecem ser, portanto, frutos do aspecto insuperável que é o cotidiano. As vivências compartilhadas na comunidade, sejam elas a partir dos encontros de grupos de trabalho, ensaios musicais ou festas comunitárias, preenchem de sentido o musicar da comunidade.

### 4.1 A MÚSICA COMO MANIFESTAÇÃO DA FÉ

Diferentes culturas e diferentes manifestações religiosas utilizam a música como ferramenta de expressão de seus ritos e crenças. Segundo Queiroz, "Nos universos em que a música serve a princípios religiosos, a tênue relação que a expressão musical estabelece com as manifestações de religiosidade faz desses dois fenômenos um *corpus* de conhecimentos, costumes, princípios e ações praticamente indissociáveis." (2005, p. 100).

Religião é aquilo que congrega pessoas em torno de uma crença, a partir de costumes, princípios e doutrinas (QUEIROZ, 2005, p. 100). Cada religião tem dogmas e princípios que regem as práticas de sua comunidade. Os ideais religiosos são de grande importância para a formação da sociedade e podem influenciar comportamentos. Exemplo disso é a obra de Weber, intitulada *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (WEBER, 1987), que trata justamente da influência da religião protestante no desenvolvimento do capitalismo, ilustrando muito bem o potencial que a religiosidade tem de entusiasmar, questionar e direcionar o pensamento humano (e consequentemente suas ações).

Émile Durkheim aborda os fenômenos religiosos, em seu livro *As formas elementares da vida religiosa*, por um viés sociológico. A religião é vista, pelo autor, como um fenômeno central da sociedade. Segundo ele:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas adorem. (DURKHEIM, 1996, p. 32).

O autor chama atenção, ainda, para o caráter coletivo das crenças propriamente religiosas. Segundo ele, "as crenças religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários." (DURKHEIM, 1996, p. 28). Assim, o compartilhar de crenças e os ritos coletivos parecem forjar também a noção de coletivo. O autor continua dizendo que "Tais crenças não são apenas admitidas, a

título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade." (p. 28).

Os ritos são essencialmente coletivos, como chama atenção Durkheim, e as diferentes práticas que envolvem e se relacionam com a religiosidade passam a fazer parte dessa estrutura. Assim, entre as distintas expressões da religiosidade está a música, que "se constitui como uma das manifestações mais próximas dos sistemas religiosos e presentes em sua estrutura" (QUEIROZ, 2005, p. 120)

A Tese de Queiroz fala da performance musical dos Catopês como algo indissociável da religião e, segundo o autor, "Pensar a música sem a religião – ou a religião sem a música – significa, nessa expressão cultural, esvaziar o significado desses dois elementos, diminuindo o valor que eles têm e simbolizam para os Catopês" (2005, p. 121). Ribeiro (2013) ao falar do Congado trata, também da religiosidade e do sagrado que se manifesta nas festas e vinculadas à performance, que ele entende como "um processo de ritualização de sons e comportamentos, que propiciam uma atuação diferenciada sobre as diversas faces sociais das interações humanas. (RIBEIRO, 2013, p. 248).

Mesmo sendo uma manifestação cultural e religiosa diferente dos exemplos acima citados, o musicar da Comunidade da Velha Central é religioso e existe como manifestação da fé e expressão da crença. Nesse sentido, a história da própria religião luterana ajuda na compreensão dos dogmas e valores que fazem a música e, consequentemente, essa comunidade.

A comunidade estudada se reúne a partir dos preceitos da religião Luterana<sup>29</sup>, assim, os dogmas e valores luteranos perpassam as relações, os *habitus* e a própria prática musical da comunidade. A religião é, portanto, o norte e a justificativa para o louvor, para a comunhão e para a existência (e permanência) da comunidade.

Com origem na Igreja Católica, a religião Luterana surgiu em 31 de outubro de 1517, quando Martin Luther, segundo o discurso protestante, fixou na porta do castelo de Wittenberg as 95 teses. "Não há comprovação do fato. [...] Mas houve repercussão. O texto circulou e foi enviado a muitas pessoas, copiado, impresso em diversos formatos, traduzido ao alemão, lido para os analfabetos e, naturalmente discutido." (DREHER, 2014, p. 85). O principal ponto da Reforma de Lutero é a rejeição das indulgências, então cobradas pela Igreja, e a interpretação da bíblia com a ideia de que a salvação viria pela fé em forma de graça. A pluralidade de ideias

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> Muitas Igrejas se denominam luteranas, e tem sua a origem na Reforma de Lutero, mas possuem algumas divergências em seus entendimentos teológicos. A comunidade estudada é vinculada à IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), que é "uma associação de Comunidades, Paróquias e Sínodos. A unidade entre estas diversas instâncias é promovida através de órgãos nacionais, que são o Concílio da Igreja, o Conselho da Igreja, a Presidência e a Secretaria Geral." (VOIGT, 2016).

contidas no cartaz, assim como seu caráter genérico, deu ao manifesto um caráter de decisão e de reforma, embora talvez nem o autor imaginava essa repercussão. (DREHER, 2014; LIENHARD, 1998). Assim nasceu a religião Luterana, de um manifesto. Mas como uma pessoa se torna luterana? Na comunidade a que se refere esta pesquisa, muitos são os processos de transmissão de saberes e é na convivência com a comunidade que se aprendem os valores ali vigentes.

Religião funciona como a matriz de toda a vida social, uma vez que promove a proximidade, a participação, a responsabilidade e uma verdadeira sinergia das convicções de cada um dos membros (MAFFESOLI, 2006). A religião é aquilo que, muitas vezes, liga as pessoas, funcionando como um laço social duradouro.

Com efeito, os ideais podem envelhecer, os valores coletivos podem saturar-se, mas o sentimento religioso secreto produz sempre de novo essa 'transcendência imanente' que permite explicar a perdurância das sociedades através das histórias humanas (MAFFESOLI, 2006, p. 86).

A religião tem um potencial agregador, que faz com que as pessoas se unam em comunidade. "O mundo religioso mergulha suas raízes na complexidade espiritual da relação entre o indivíduo e seus semelhantes ou um grupo de seus semelhantes [...] essas relações constituem os mais puros fenômenos religiosos no sentido convencional do termo" (SIMMEL apud MAFFESOLI, 2006, p. 79).

Estar em comunhão é, segundo a perspectiva teológica luterana, dádiva de Deus. O teólogo Dietrich Bonhoeffer (1997, p. 12) diz que "por isso, quem pode até este momento viver em comunhão com outros irmãos, que louve a graça de Deus do fundo do coração [...]". A noção de comunhão perpassa toda a religião luterana e é fundamental para este estudo, uma vez que se refere ao momento em que a comunidade se reúne e se torna uma só, em total contraste à rotina cada vez mais individualista do mundo capitalista. "Nas comunidades cristãs, desperta hoje de fato o desejo de aproveitar os intervalos entre um e outro período de trabalho para um momento de comunhão com outros cristãos sob a Palavra" (BONHOEFFER, 1997, p. 12).

Algumas mulheres, enquanto tentavam buscar uma definição de comunidade, trouxeram à tona o quanto estar em comunidade faz bem, mesmo sem poder explicar porquê:

Jaqueline - A gente não concorda com tudo não.

Ivana - claro que não, lógico que não.

Rafaela - A única coisa que eu concordo é com o bem maior, que Deus, que é por isso que a gente gosta também de se reunir para falar dele, para alimentar a fé e a esperança. Ivana - E assim, hoje eu penso que eu não conseguiria viver longe dessa comunidade, ou de uma comunidade cristã, né?

Daniela - Por que?

Ivana - porque me faz bem, sabe, faz bem para o meu corpo, para minha mente, para o meu espírito... Me faz muito bem, me faz muito bem.

Rafaela - eu já cheguei assim a pensar, porque eu estou em vários grupos né? Então às vezes eu penso assim: esse ano eu acho que não vou mais participar de tal grupo. Chega no final do ano: não, ano que vem eu não vou mais vir no Coro ou eu não vou mais participar do Grupo de Casais. Aí chega o começo do novo ano, aí eu penso: não... eu vou de novo. Porque aquilo já está fazendo falta, me faz bem. (ENTREVISTA 3 – Realizada em 20 de Novembro de 2017).

No momento em que a comunidade se reúne, em comunhão, a Palavra de Deus funciona como norte das ações e da fé. A Igreja Luterana é conhecida como a igreja da palavra. Martin Luther, o reformador, acreditava que todos deveriam ser capazes de ler a bíblia e conhecer a palavra de Deus, assim, um dos maiores legados de Lutero foi a Bíblia por ele traduzida ao alemão. Ele não foi o primeiro a se empenhar nesse processo, antes dele algumas outras traduções foram iniciadas, nem sempre com sucesso. Mas a tradução da Bíblia de Martin Luther, possibilitou a aproximação das pessoas à Igreja e ela se tornou instrumento de transformação social, através da leitura e do debate dos textos. (DREHER, 2014).

Lutero considerava e reconhecia a importância da educação bíblica através dos cantos. "Para Lutero, a música era parte indispensável da boa educação, não somete a música voltada a si mesma, mas também em relação à função que ela poderia desempenhar na vida dos jovens quando participa do culto [...]" (SCHALK, 2006, p. 37). Assim, com o objetivo de integrar a comunidade na hora do canto, Lutero se inspirou em canções profanas da época e escreveu novos textos, com cunho teológico. A participação da comunidade no momento de louvor influenciou no desenvolvimento de uma Igreja mais participativa e, de certa forma, mais educativa. "Lutero escreveu também que as notas musicais são uma ferramenta didática que enchem as palavras de vida [...] Da mesma forma, buscou incentivar o uso de recursos musicais mais modernos e dinâmicos para comunicar, educar e unir as pessoas através da música." (EWALD, 2017, p. 16). A música passou a ser utilizada, então, como agente motivador e evangelizador.

A religião parece influenciar e motivar o fazer musical dessas pessoas, uma vez que a música está presente em toda a história do Cristianismo. Até hoje, a música, em especial o canto comunitário, tem grande importância no culto cristão. É na hora de cantar que toda a comunidade se une e louva ao Senhor. "Condição para o canto conjunto é dedicação à Palavra, integração na comunidade, muita humildade e disciplina" (BONHOEFFER, 1997, p. 48).

A música move as pessoas e Lutero sabia disso. No prefácio para a obra Symphoniae Iucundae de Jorge Rhau, Lutero escreveu:

A música é uma esplendida dádiva de Deus e eu gostaria de exaltá-la com todo o meu coração e recomendá-la a todos. Mas eu estou tão dominado pela diversidade e magnitude de suas virtudes e benefícios que [...], por mais que eu queira exaltá-la,

minha exaltação será insuficiente e inadequada [...]. Se queres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, tornar humildes os orgulhosos, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados por ódio [...] que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar? (LUTHER apud SCHALK, 2006, p. 8).

A partir da imersão e de minhas vivências e experiências na Comunidade da Velha Central, percebo como a religião luterana se funde com sua prática musical. O louvor e o canto de hinos são, portanto, utilizados como prática religiosa e parte indispensável do culto luterano. O musicar tem, portanto, um importante papel na construção da identidade luterana.

Olhando para o grupo vejo Amanda que se balança enquanto canta 'Bom é estarmos unidos'. Ela trabalha o dia inteiro, tem dois filhos e recentemente perdeu o sogro. Nesse momento ela está cantando com olhar distante, olhar que já vi várias vezes antes. Em outro ensaio ao terminar de cantar a música 'Obrigado pai celeste', ela sorriu e disse 'Essa eu sei de cor, é o meu louvor diário'. (DC – Ensaio do Coro do Caminho – 4 de julho de 2017).

A música no culto cristão, é louvor, é liturgia e, muitas vezes oração. Segundo Souza, a pregação da palavra e a música são partes essenciais do culto comunitário cristão (2010, p. 39). Segundo o autor, "A música é uma forma privilegiada de pregar a palavra de Deus. Seus elementos sonoros e rítmicos, e mesmo poéticos (no caso das músicas letradas) possuem bem mais atrativos do que as palavras plenas pronunciadas através da voz" (SOUZA, 2010, p. 43)



Figura 27: Culto Dominical – Canto de Invocação

Fonte: Arquivo da Autora

Exemplo disso é o Hino *Tu vieste a margem do lago*, com o qual a Comunidade do Caminho se emociona cada vez que canta.

Figura 28: Partitura – Tu vieste à margem do Lago

# 551 - Tu vieste a margem do lago

Mclodia Polonesa



Fonte: Arquivo do Grupo Laudate

Na Igreja do Caminho, a música é utilizada, normalmente, em orações memoriais, que são momentos em que a comunidade se coloca junto à família enlutada, ou no momento da oração de intercessão, oração que acontece no final do culto onde a comunidade intercede por pessoas que estão passando por um momento de doença, tristeza ou luto. O hino trata de confiança, fé a partir da narração do chamado de Simão (Pedro) e André, narrado na Bíblia em Mateus 4.18 – 22, Marcos 1. 16-20 e Lucas 5 1-11.

Esta música tem um sentido de fé muito forte para a Comunidade do Caminho, pois trata da missão à qual todos se sentem chamados. O hino é um chamado, mas funciona, para a Comunidade do Caminho, como uma profissão de fé. A música, de origem católica, não faz parte das coleções oficiais de hinos da IECLB, mas é cantado com grande emoção pela comunidade. A religiosidade nesse hino se confunde com lembranças e emoções compartilhadas. A força desse hino fez com que, já há alguns anos, o último refrão seja cantado a capella pela comunidade.

Outro hino marcante para a comunidade é o hino LC 470 – Até aqui me trouxe Deus. Ele faz parte do repertório tradicional da Igreja Luterana e foi cantado pelo pastor da comunidade no dia de sua instalação.

Figura 29: Partitura – Até aqui me trouxe Deus



L: Ämilie Juliane von Schwarzburg-Rudolstadt, 1637-1706; M: Peter Sohren, 1630-1692

 Até aqui me trouxe Deus, guiou-me com bondade.

com graça e fieldade. Até aqui me protegeu, perdão e paz me concedeu,

conforto e alegria.

Ele amparou os passos meus

2. Louvor te rendo e gratidão por tudo que fizeste,

por toda a graça e proteção que sempre, ó Pai, me deste. Quero exaltar, meu Salvador,

o teu poder, o teu amor

com que me agraciaste.

em dor e em alegria. Confessarei até morrer:

Somente em ti confio!

3. Ajuda no porvir, Senhor, com teu poder me guia; revela o teu eterno amor

por Cristo, ó Deus, me hás de valer!

Fonte: Livro de Canto da IECLB

Uma senhora da Comunidade, a Dona Ágata, conta sempre com entusiasmo o quanto gosta deste hino e, sempre que pode, pede ele nos encontros do Grupo de OASE ou nos cultos. Esses dois exemplos musicais trazem à tona a ideia de que o repertório, para além do que já está em sua estrutura textual e musical, ganha sentidos quando cantado em comunidade.

Não é o repertório que define a comunidade que canta – é a comunidade que canta que confere vida ao repertório ao aceitá-lo como parte integrante de sua prática de culto e torna suas, através do exercício da adoração comunitária, as palavras, melodias e harmonias que a peça musical propõe. (STEUERNGEL, 2015, p. 93).

As emoções e sentidos, atribuídos pela religiosidade à música da Comunidade do Caminho, mesclam perspectivas individuais e coletivas. Isso porque "o canto do indivíduo no cotexto do culto da comunidade cristã é um fenômeno ao mesmo tempo individual, enquanto expressão e apropriação da fé, e coletivo em sua essência devido a este caráter essencialmente gregário da fé cristã." (STEUERNAGEL, 2015, p. 90).

A fé, que é entranhada de devoção, emoção e ritual, mistura-se com as práticas musicais e constrói uma noção de coletividade, unidade e comunhão. E é nesse alicerce, formado por um musicar luterano coletivo, que várias relações são construídas, trazendo à Comunidade do Caminho sentidos e práticas particulares. Assim, a complexidade ritual e social que existe na Igreja da Velha Central e o musicar que reafirma essas práticas comunitárias, que são, ao mesmo tempo, tradição e renovação, são bases para a compreensão de alguns dos muitos sentidos que existem atrelados ao musicar da Comunidade do Caminho.

#### 4.2 AS MULHERES E A MÚSICA

A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro. (EXÔDO 15.20-21)<sup>30</sup>.

O trecho acima é uma passagem bíblica que, como refrão do canto de Moisés (EXÔDO 15, 1c-18), faz parte do primeiro canto da Bíblia de judeus e cristãos. Pouco antes, Moisés e os filhos de Israel cantam e, a partir do canto deles, Miriã e as mulheres cantam, tocam e dançam. O contexto desse canto é, justamente, o momento da libertação do povo judeu do Egito e traz

3(

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Passagem Bíblica tirada da Edição: Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero, do ano de 2012. A edição conta com texto bíblico traduzido por ALMEIDA, Revista, Atualizada e contém, ainda, uma seleção de textos extraídos da Coleção Martinho Lutero – Obras Selecionadas, Seleção de hinos compostos por Martinho Lutero e Catecismo Menor de Lutero.

importantes trechos para a reflexão. Miriã é citada e chamada de profetiza, sendo assim colocada ao lado de Moisés e Arão, seus irmãos. Além disso, Miriã incentiva todas as mulheres a entrarem na dança.

Junto com Mirim, *todas as mulheres*, participantes da experiência do êxodo, entram em cena. Lideradas por ela, as demais realizam a primeira batucada na Bíblia, tocando seus tamborins. E, com o ritmo do batuque, as *mulheres* apresentam a primeira dança mencionada nas tradições bíblicas. (GRENZER; BARROS, 2016, p. 283).

O episódio da antífona das mulheres apresenta uma Miriã que é liderança religiosa e musical. Ela evolve as mulheres, "contudo suas palavras não são excludentes. Pelo contrário, ela *responde* e convida a todos, homens e mulheres." (GRENZER; BARROS, 2016, p. 297).

A partir da reflexão sobre o cântico de Miriã e das observações em campo, percebo como a música feita na Igreja Luterana conta com uma maioria feminina, inclusive nas lideranças musicais. A Igreja do Caminho tem, entre seus participantes, quatro pessoas formadas em música: todas mulheres. Além destas, outras três pessoas assumem um papel de liderança musical, duas delas mulheres também.



Figura 30: Culto Dominical – Grupo Laudate e Grupo de Violinos

Fonte: Arquivo da autora.

A imagem acima ilustra a força feminina na atuação musical na Igreja do Caminho. Em dissonância com essa realidade, porém, em grande parte dos grupos musicais profissionais da região existe uma maioria massiva masculina, em especial na posição de liderança. Porque isso

acontece? Será a igreja um espaço de empoderamento feminino? Será a música sacra um campo que dá legitimidade às mulheres?

A música feita na Igreja Luterana, embora conhecida e valorizada pelo trabalho profissional de grandes compositores, como Johann Sebastian Bach e George Friedrich Handel, tem uma história um pouco diferente no Brasil. Até pouco tempo, o trabalho musical era exclusivamente voluntário. Na região de Blumenau, em grande parte das comunidades, é uma atividade remunerada e, portanto, considerada profissional, há apenas pouco mais de uma década. Assim, numa sociedade em que o homem é tido, tradicionalmente, como o provedor principal, as mulheres podem ter assumido tal tarefa. Okin, da área da Filosofia Política, trata da ocupação das esferas públicas e privadas e suas relações com o gênero.

Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como "naturalmente" inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família. (OKIN, 2008, p. 307-308).

Como o trabalho musical nas comunidades religiosas da região de Blumenau não era considerado profissional até pouco tempo, é possível que as mulheres tenham ocupado esses espaços e assumido a função de ensaiar e preparar as músicas para as celebrações. As mulheres, que a princípio ocupam o mundo doméstico e, portanto, privado, passam a participar da vida musical nas igrejas luteranas.

"Público/privado" é usado tanto para referir-se à distinção entre Estado e sociedade (como em propriedade pública e privada), quanto para referir-se à distinção entre vida não doméstica e vida doméstica. Nessas duas dicotomias, o Estado é (paradigmaticamente) público, e a família e a vida íntima e doméstica são (também paradigmaticamente) privadas. (OKIN, 2008, p. 306).

Assim, nessa dicotomia público/privado, podemos enxergar a igreja como uma possível extensão do espaço privado e, portanto, espaço de atuação feminina. Se percebermos o que isso significa socialmente, uma vez que é um espaço também de criatividade e de liderança, essa extensão do privado parece ser possibilidade de empoderamento.

Contudo, este projeto solidário e feminista [...] extrapola o âmbito do escritosupostamente racional e científico e chega/vem para o/do corpo, onde mora outro conhecimento, o da experiência, da vivência musical, dos desejos mais íntimos de fazer uma música que nos acolha e nos represente, que nos ponha em diálogo com outras tantas que compartilham experiências semelhantes. Um espaço de empoderamento. (ROSA; NOGUEIRA, 2015, p. 28).

Vejo, portanto, que o fazer musical é uma possibilidade de dar voz às mulheres. O musicar, na Igreja do Caminho, em especial, é recheado de sentidos e de trocas que são típicas

do coletivo. O compartilhar e o incluir são ferramentas fundamentais para a construção de um espaço de empoderamento e de voz e vez das mulheres.

Não só na música, mas alguns importantes trabalhos têm como foco as mulheres na igreja. Esse é o caso da OASE - Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas. OASE é um setor de trabalho da IECLB e, segundo o estatuto nacional da OASE, trata-se de uma oferta de auxílio mútuo para a participação ativa de mulheres na vida da comunidade. Todo o trabalho da OASE é, ainda, baseado em três pilares: Comunhão, Testemunho e Serviço. Formado apenas por mulheres, a OASE é um espaço de aprendizagem, trocas, brincadeiras e, em especial, de convivência entre as mulheres. Por ter uma organização em nível nacional, acredita-se que hoje a OASE seja uma das maiores organizações femininas do Brasil.

A Igreja, assim como a sociedade, tem ampliado suas discussões sobre a presença e o protagonismo das mulheres<sup>31</sup>. Nesse sentido, a Pa. Márcia Helena Hülle, pastora e grande defensora da participação ativa das mulheres na Igreja Luterana, em uma sessão solene na Câmara de Vereadores de Blumenau, em homenagem aos 500 anos da Reforma Luterana, afirmou que "[...] a partir da Reforma Luterana, especialmente na compreensão do batismo e do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, este papel está afirmado biblicamente, teologicamente na igualdade. Igualdade entre homens e mulheres, criados à imagem e semelhança de Deus". (HÜLLE, 2017, 43'56"-44'24").

Ainda que se tenha a certeza da igualdade de direitos entre homens e mulheres, a Igreja (assim como toda a sociedade) ainda precisa reformar muitas de suas práticas, possibilitando que as mulheres tenham voz e vez nesse contexto. A música, aparentemente, tem se mostrado como uma força capaz de ampliar a atuação feminina nos ambientes eclesiásticos. Nesse sentido, a categoria "Gênero" e os papéis associados a ela são importantes questões para esse estudo. Isso porque as observações no pré-campo, por exemplo em atividades de ensino e aprendizagem de instrumentos musicais, evidenciam possíveis construções de conhecimento sobre Gênero e Educação Musical.

As mulheres estão na igreja e têm funções importantes dentro dela há muito tempo e em vários âmbitos e perspectivas. A começar pelos primeiros passos que Lutero deu nesse sentido. Até o século XVI, as mulheres não podiam participar dos cantos dentro das missas católicas, mas com a criação dos cantos litúrgicos cantados por toda a comunidade e em coro, Lutero deu

-

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> "Na IECLB, as mulheres exercem as mesmas funções e têm os mesmos direitos e deveres que os homens. Elas são ativas nos presbitérios e demais órgãos diretivos, além de desenvolverem importante trabalho através dos grupos organizados (OASE, Fórum da Mulher Luterana, Encontro de Trabalhadoras Rurais, p. ex). A IECLB foi uma das primeiras igrejas no Brasil a admitir mulheres no ministério pastoral. Atualmente existem mulheres nos quatro ministérios reconhecidos pela igreja." (GRAF; RAMLOW, 2012, p. 20).

voz às mulheres, uma vez que permitiu que elas cantassem. As constantes menções de respeito e admiração à sua esposa Catarina, dão dicas de como Lutero acreditava e incentivava a participação feminina, ainda que, também por influência da sociedade machista da época, ele relacionava as mulheres aos espaços privados (DREHER, 2014).

Ao pesquisar a música e a Comunidade do Caminho eu não pretendia falar de gênero. Mas, sendo esta pesquisa uma etnografia, e a questão de gênero algo tão forte na comunidade, não vi como poderia falar da música sem mencionar o protagonismo feminino. Conversando com algumas mulheres da comunidade, que participam do Coro do Caminho e do Grupo da OASE, percebi que essa voz e vez que elas têm dentro da comunidade nem sempre lhes é garantido fora.

Eliane - olha, aqui não tem esse preconceito não, ser mulher aqui é ser importante até. Ivana — Quantas líderes têm aqui na nossa comunidade, né? quantas líderes, quantas mulheres líderes, aliás, muito mais do que homens.

Elisabete – É, eu acho que a mulher tem voz aqui dentro.

Ivana - Vez e voz...

Rafaela – Eu acho... Eu concordo com vocês, que a mulher aqui é valorizada, eu nunca me senti humilhada como mulher, nunca me senti humilhada aqui na comunidade, nunca.

[...]

Daniela – E fora da comunidade, alguma de vocês já foi tratada diferente, ou foi humilhada por ser mulher?

Jaqueline – No trabalho...

Elisabete – No trabalho...

Jaqueline – No trabalho, sim.

Ivana – É... ainda acontece muito isso, mas já melhorou muito também... (ENTREVISTA 3 - Realizada em 20 de Novembro de 2017).

Confirmando a noção de que a igreja possa ser uma extensão do espaço privado, elas comentaram que se sentem em casa, que são ouvidas e que podem se expressar sim. A música, nesse contexto, faz bem e serve como terapia, nas palavras delas, mas é também o que motiva a vir para a comunidade.

O Grupo de OASE é também um lugar de conversas, de confidências, de apoio mútuo e, a partir da palavra cantada e em forma de mensagem, é lugar de aprendizado e de renovação da fé.

Jaqueline - E sempre tem alguém assim, que tem algum problema.

Elisabete- É, a gente compartilha os problemas...

Jaqueline - A gente compartilha, tem outras que vem contando novidades, o que é uma coisa boa...

Rafaela - A gente, às vezes, ri junto, chora junto, né? E assim são os momentos...

Ivana – Até se irrita junto, né?

Jaqueline - se irrita também... (Risos) (ENTREVISTA 3 - Realizada em 20 de Novembro de 2017).

### 4.3 MÚSICA COMO PRETEXTO PARA O COLETIVO

Como tenho repetido, quase de forma redundante, a vida na Comunidade do Caminho acontece no coletivo. Quando falo de coletivo, nesse contexto, não quero me referir a um ambiente totalmente homogêneo, colaborativo e harmonioso. Muito pelo contrário, a coletividade que transpassa a vida dessa comunidade se refere ao fato de que, ainda que existam diferenças, existe a tolerância que visa à comunhão. Nesse sentido, também a música feita na Comunidade do Caminho é coletiva. As aulas, ensaios e todas as ações musicais são feitas em grupo. Porém, observando os jovens da comunidade, percebi que, às vezes, as práticas musicais, assim como a própria igreja, são utilizadas como pretexto para o encontro.

Durante a semana, o pátio da comunidade é muito frequentado pelos jovens. Eles vêm até a igreja, no contraturno escolar, pelos mais diversos motivos. Alguns vêm de bicicleta, outros trazem tarefa da escola. Alguns ficam rondando a secretaria, sempre dispostos a ajudar, outros ficam na quadra, fazendo os mais diversos jogos. Mas eles vêm até a igreja pelas amizades desenvolvidas, pela possibilidade de encontrar.

Daniela - O que vocês mais fazem aqui, de tarde, quando vocês se juntam?

Márcia - A gente vem primeiro ajudar a Raquel, aí quando ela, tipo, ela diz: olha, não preciso mais da ajuda de vocês... Daí a gente faz um lanche fraterno, a gente compra alguma coisa.

Marlon - A gente também joga bola...

Carla - E eu venho pra tirar minhas dúvidas de matemática, trago meu material e fico aqui na mesa e eles tiram minhas dúvidas.

Márcia - E esse é um espaço gostoso, a gente gosta de estar aqui.

(ENTREVISTA 2 – Realizada em 14 de Novembro de 2017).

Sábado de manhã, quando acontecem os encontros do Ensino Confirmatório e os ensaios do Grupo de Flautas Doce, ainda mais jovens estão pela comunidade. Muitos vêm mais cedo do que o horário previsto e vão para casa quando já passa do meio-dia. Eles trazem comidas e bebidas, sentam em grupinhos pelo pátio e os laços de amizade ficam claros.



Figura 31: Jovens da Comunidade – Sábado de Manhã

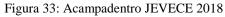
Fonte: Arquivo da Autora

No grupo da JEVECE, que é a Juventude Evangélica Velha Central, os limites entre as noções de religiosidade, comunidade, prática musical e amizades não ficam muito claros. Os encontros são momentos de louvor, de ouvir sobre a palavra de Deus, mas, imbricadas a isso, estão as relações sociais construídas entre esses jovens. O fazer musical, que nesse grupo é, diversas vezes, acompanhado de gestos e percussão corporal, parece ser um pretexto para a movimentação, para a brincadeira e, nesse sentido, para o desenvolvimento da sociabilidade.



Fonte: Arquivo da Autora

A música parece ser pretexto para estar no coletivo e, nesse sentido, também a própria espiritualidade e a noção de comunidade parecem ser justificativas para o encontro.





Fonte: Arquivo da Autora

Os laços de amizade e a cumplicidade que perpassam as relações e ações dos jovens da JEVECE são o que os motiva a estar presente e a fazer parte dos grupos da comunidade. Assim, embora exista o prazer que vem da prática musical e a força da espiritualidade, alguns grupos musicais da comunidade, como é o caso do Coro Jovem e do Grupo Laudate, tem em si o social como grande motivador das práticas.

**Juliana -** Eu acho que o que me motiva na Laudate é muito mais a diversão do que outra coisa. Tocar no culto com Laudate é diferente, mas os ensaios da Laudate para mim é uma descontração os ensaios. Tocar no culto é diferente, tocar no culto toco não só por diversão, eu toco porque eu gosto, é diferente. Agora os ensaios da Laudate para mim é momento de diversão. Eu não sei se eu ia gostar tanto se fosse uma coisa muito séria em ensaio de orquestra, com muita regra, é um ensaio assim olha, esse repertório não vai rolar, vamos fazer diferente, vamos fazer o que a gente tem vontade de fazer. (ENTREVISTA 4 – Grupo Laudate – Realizada em 03 de Dezembro de 2017).

Imbricada na ideia de se fazer a música que acredita e fazer ela por diversão está a noção de que a música faz parte da vida das pessoas e se relaciona, fortemente, com as identidades individuais ou coletivas.

A música faz parte da vida dos seres humanos, de suas mediações com o mundo, seja por linguagem e representação estética, artística, com valor em si própria, seja como adjunta de outras manifestações, como no caso das músicas que são canções, das canções que se tornam trilhas e das trilhas que se tornam produtoras de uma cultura e condutoras de uma vida. (BELLOCHIO, 2016, p. 15).

Em uma conversa sobre a vida na comunidade, um jovem me falou que "Cantar no Coro Jovem também é muito bom... É um momento bom, tu se diverte cantando também com teus amigos... Daí tu aprende muito mais sobre as coisas." (ENTREVISTA 2 – Realizada em 14 de Novembro de 2017). Esse aprendizado ao qual ele se refere é um aprendizado musical, religioso, mas vai também além. É um aprendizado dos *habitus* que perpassam a vida da comunidade e, assim, se refere à construção e manutenção de identidades. "[...] toda atividade cultural (incluindo a música) é entendida como a esfera privilegiada na qual se constrói o *ethos* de um grupo." (VILA, 2012, p. 257). Porém, essa relação não é tão essencialista como parece. A rede de significados, construídos ou imaginados, articulados por prática musical é extremamente complexa, assim como os aspectos indentitários de um indivíduo.

Nesse sentido, seria necessário entender os sujeitos sociais como centrados em alguma das várias posições que ocupamos para propor, como o faz Frith, que a representação ou performance dos valores coletivos na música permite às pessoas "reconheceremse a si mesmas como grupo. (VILA, 2012, p. 260).

#### Dessa forma,

As práticas musicais articulam uma identificação ancorada no corpo, através das diferentes alianças que estabelecemos entre nossas diversas, fragmentadas, situacionais e imaginárias identidades narrativizadas e as diversas, fragmenta e situacionais identidades imaginárias que diferentes práticas musicais materializam. (VILA, 2012, p.262).

A música, portanto, faz parte da construção identitária, ainda que de forma imaginada, e, como tal, veicula (em certa medida) valores, crenças e posturas de vida podendo, assim, ser fruto ou estar na gênese da construção de um *ethos* social idealizado, uma vez que "[...] a música é um artefato cultural privilegiado, uma vez que nos permite a experiência real de nossas identidades narrativizadas imaginárias." (VILA, 2012, p. 261).

#### 4.4 MÚSICA E O *ETHOS* DA COMUNIDADE DO CAMINHO

A música faz parte da vida cotidiana e "está ligada a outras esferas da vida – amigos, profissão, lazer, subjetividades, família... – e por isso a sua importância também na educação escolar." (SOUZA, 2014, p. 109). E, justamente ao buscar compreender o papel da música nas diversas esferas sociais, é que se compreende o papel vital da educação musical na escola.

A música está relacionada com várias características humanas. Exemplo disso são aspectos como fé, sociabilidade, coletividade e empoderamento já descritos acima. Porém, para além desses aspectos, a música se relaciona com a vida e é ferramenta para a construção de uma sociedade baseada em uma ética solidária.

O desenvolvimento da razão a partir do conhecimento científico, das pesquisas e modos de conhecimento vigentes na contemporaneidade, contribui para a fragmentação e para a individualização. Questionando a lógica, por mais que saibamos (como sociedade) cada vez mais, entendemos menos sobre a condição humana e nos despreocupamos com os valores éticos do bem comum (TEDESCO; STRIEDER, 2014).

A música, porém, pode ser utilizada como ferramenta para a construção e manutenção de um *ethos* mais coletivo, cooperativo, repensando os modos de estar na sociedade contemporânea. Saliento que, apesar de a música poder ser utilizada para tal, nem sempre é assim que acontece. Podemos pensar na lógica colonialista, que ainda é muito presente no meio musical brasileiro (QUEIROZ, 2017b) como exemplo de não desconstrução do *ethos* social contemporâneo, afinal o próprio sistema de valores atribuídos a determinados repertórios e currículos vai contra essa ideia de educação e de construção de um *ethos* solidário. Podemos olhar, também, para questões mercadológicas ou produtivistas que fazem parte de muitas manifestações musicais para perceber que nem sempre a música funciona como ferramenta para a construção de um *ethos* solidário. Porém pensando no musicar, em especial no contexto da Comunidade do Caminho, percebemos que ele está entranhado de pessoas e de relações que salientam e incentivam o desenvolvimento de subjetividades e intersubjetividades e que, mesmo sem essa intenção, promovem o desenvolvimento de um *ethos* social, solidário e baseado nas relações de amizade.

Vivenciar uma educação capaz de oportunizar a todos e a cada um o conhecimento de si, melhorando seu modo de ser na existência, é perceber que é tão somente a partir do outro que eu me torno um *ser* humano. Disseminar essa posição e dinamizar experiências de se constituir no *outro*, em ambientes educativos, pode potencializar, nos ávidos estudantes, condições de responsabilidade subjetiva e intersubjetiva voltadas para o bem. (TEDESCO; STRIEDER, 2014, p. 112).

O musicar da comunidade estudada é repleto de sentidos e estes são interpretados, reafirmados e moldados pelas diversas pessoas que fazem parte e são, de alguma forma, movidas por este musicar. O musicar acontece como manifestação do social e, arrisco dizer, é o que constrói a lógica social que envolve a comunidade e que vai (ou deveria ir) para além dela. O fortalecimento das relações entre as pessoas é parte desse musicar e é fundamental para a construção de um *ethos* social mais humanizado.



Figura 34: Comunidade Após Culto Dominical - 2017

Fonte: Arquivo da Autora

É no toque e no compartilhar espaços e experiências que as noções de comunidade e o próprio *ethos* social é formado.



Figura 35: Saída da Celebração de Dia das Mães – 14 de Maio de 2017

Fonte: Arquivo da Autora

O estar no coletivo é o que faz o ser comunidade valer a pena. As duas imagens acima são de momentos após o culto dominical. Nelas, as pessoas se cumprimentam e conversam sobre os mais diversos assuntos. É uma comunidade viva que se relaciona e, em conjunto, fortalece os laços criados pela comunhão.

A germanicidade, os laços familiares, a religião luterana e tantas outras lógicas sociais fazem parte da Comunidade do Caminho. Ela, porém, tem um *ethos* baseado em uma ética própria, que vem do convívio e das experiências vividas em conjunto. O orgulho, evidenciado pelos discursos e reações cotidianas, o prazer, construído nesses espaços e na relação com as outras pessoas, e tantos outros aspectos do *ethos* da Comunidade do Caminho são, também, engendrados no interior das práticas musicais.

Penso que o sentido central do musicar da comunidade e, ao meu ver, o aspecto que a educação musical deveria estar mais atenta, é a possibilidade de, através da educação – seja ela formal ou não – reconstruir as relações (solidárias) entre as pessoas, possibilitar o desenvolvimento de subjetividades e intersubjetividades relacionadas ao humano e repensar a constituição ontológica do ser humano. A música e tudo o que ela gera, faz, de certa forma, a comunidade.

Quando me refiro a tudo que a música gera, estou me referindo ao conceito de musicar do Christopher Small, que entende que a música é ação social, entranhada de aspectos comunitários e de vivências que são compartilhadas, não apenas por quem faz a música, mas por todos que se engajam e se movem a partir dela. Uma comunidade que canta unida aos domingos e que, mesmo fora da igreja, cantarola os hinos luteranos durante a semana, é movida a repensar suas práticas, a partir de valores e preceitos luteranos veiculados nas músicas, e do próprio fruir musicalmente, que é inútil (ORDINE, 2013), mas nos lembra do que é ser (ontologicamente) humano.

Embora as relações não sejam sempre harmoniosas e solidárias na comunidade, a valorização do humano, o olhar voltado à condição humana, a preocupação com valores éticos, as relações com o outro (alteridade) e o prezar por ser e estar em comunidade são aspectos que perpassam o *ethos* comunitário da Igreja do Caminho.

Os sentidos (sociais, espirituais, emocionais e tantos outros) e as identidades (étnicas, de gênero, políticas, culturais, entre outras) veiculadas pela música (através da letra, melodia, sonoridade, compartilhamento de vivências etc.), traz à tona o potencial de que a música, e, portanto, também a educação musical, tem de refletir em um *ethos* social e, consequentemente, a música faz comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pessoas vinculadas à Igreja do Caminho falam de Comunidade como um lugar ideal, onde as melhores relações são construídas. Independentemente de isso ser verdade, a sensação e o prazer que vêm do pertencimento funcionam como força para que a comunidade continue existindo. A comunhão, nem sempre encontrada fora dos muros da igreja, parece ser o fundamento das relações ali estabelecidas. Essa sensação boa que vem da palavra comunidade, também apresentada por Bauman (2003), se relaciona diretamente com o *ethos* dessa comunidade.

As atividades e ações desenvolvidas na comunidade são, essencialmente, coletivas. Os múltiplos processos de coaprendizagem musical e as diversas práticas coletivas, que são partes do aprendizado de fé e de comunhão, estão na gênese dessa comunidade. São momentos de compartilhar experiências e de reafirmar *habitus* dessa comunidade. E nesse contexto está o musicar.

Fazer música em grupo é uma experiência marcante e cheia de significados. Diversas relações são construídas e reafirmadas através de um musicar em conjunto. O Grupo Laudate é, de diversas formas, exemplo disso. A cumplicidade entre os participantes, as profundas amizades desenvolvidas e a forma de se relacionar com a prática musical são algumas dessas perspectivas.

O convívio com uma comunidade religiosa expõe o indivíduo a diversos momentos de apreciação musical e de canto comunitário, fazendo com que os espaços religiosos, que em princípio não seriam espaços de educação musical, contribuam para o desenvolvimento da musicalidade de muitos. Implícitos nos processos de ensino e aprendizagem de música, estes que são as vivências compartilhadas na Comunidade Luterana da Velha Central, estão outras aprendizagens (ou outras vivências), que se referem a aspectos da religiosidade, da comunhão e do compartilhar experiências.

O aprendizado musical, no contexto estudado, é vivencial e, como as atividades musicais da Comunidade do Caminho são diversas, as vivências (sociais, culturais, espirituais ou artísticas) assim o são. Existem os grupos onde acontecem práticas musicais, sendo elas tanto integradas com o aprendizado musical, como manifestação da religiosidade, ou ainda a prática musical pelo prazer estético, pela fruição musical. Existem também as aulas de música, que são as oficinas de violino, violão, musicalização, teclado, flauta doce e as aulas de música no Ensino Confirmatório. O fato é que essas diferentes categorias se integram e se misturam na

vida dessa comunidade e os momentos de aprendizagem vão além dos momentos de ensino formal de música.

Fazer música na Comunidade da Velha Central se refere a várias categorias sociais. A música, em especial quando feita no culto, é performance, é religião, é pretexto para o encontro, é pertencimento, é empoderamento, é aprendizado musical, é fruição, é construção de uma perspectiva estética, é compartilhar, é lazer, é trabalho, é compromisso, é uma válvula de escape e tantas outras coisas. Olhar para essas diferentes perspectivas é, também, compreender a multiplicidade do ser humano e a importância de se olhar para música em seu contexto social, buscando interpretar os diversos sentidos e papéis que ela ocupa na vida de um indivíduo ou comunidade.

Como pesquisadora, mas também como educadora musical, penso que um importante aspecto deste estudo é a perspectiva coletiva das diversas práticas. Estudar uma comunidade e uma prática musical que é pensada e só faz sentido em grupo, em especial no mundo em que a lógica socioeconômica vigente é centrada no individualismo, é impulso para o desenvolvimento de uma sociedade mais solidária. "Educar é vivenciar laços de sensibilidade social para construir comunidades nas quais a amizade seja o esteio político." (TEDESCO; STRIEDER, 2014, p. 115).

Nesse sentido, embora a Igreja Cristã Protestante seja vista como grande influenciadora do capitalismo (WEBER, 1987), a prática musical luterana pode caminhar para outra direção. Marcel Steuernagel, ao falar de critérios para a escolha de repertório para o canto comunitário, diz que "[...] o canto congregacional precisa contribuir para a preservação do impulso doxológico original da Igreja Cristã, estabelecendo limites e parâmetro para a adoração do fiel e questionando continuamente as tendências de consumo e de individualismo de uma cultura cada vez mais orientara para o 'eu'." (STEUERNAGEL, 2015, p. 92).

O canto comunitário, que é uma prática central na vida da Igreja do Caminho, é essencialmente coletivo. As músicas, embora mesclem um certo leque de gêneros e estilos musicais, são sempre pensadas para serem executadas em grupo. Grupo este que não é um coro e que não ensaia o repertório antes. É uma música feita por uma comunidade, onde os saberes musicais formais pouco importam. Não é apresentação, nem ensaio. É musicar (e como tal, é sempre "pra valer"), recheado de aspectos comunitários e parte indispensável da vivência cristã e de vivências particulares. (SMALL, 1989; 2002).

Os sentimentos compartilhados nas vivências comunitárias, e, nesse contexto, as múltiplas aprendizagens que são tecidas no contexto estudado, apontam para um ritual que é eficaz. Os *habitus*, que são as estruturas estruturantes que fazem e reafirmam a Comunidade do

Caminho, assim como os mecanismos de contágio da emoção vivida em comum (como, por exemplo, o musicar da comunidade), fazem com que os valores que constituem o *ethos* dessa comunidade sejam profundamente interiorizados. Assim, o ritual comunitário funciona, uma vez que o discurso nativo aponta para essa força e essa vontade (que é quase necessidade) de estar no coletivo. E isso é também veiculado pelas práticas musicais.

O musicar envolve todos os movidos por essa prática musical. Na nota de rodapé 20, conto que as estantes de partituras utilizadas pelos grupos musicais da comunidade foram feitas por um senhor, hoje com 85 anos, que resolveu construir 20 estantes com restos de madeira e pedaços de ferro que ele tinha em sua oficina de torneiro mecânico. Este exemplo, assim como tantos outros que acontecem na comunidade, ilustram o que Small aponta quanto à importância da música para o ser humano e que isso se refere também a tudo aquilo que é movido pela e para a performance musical e todos aqueles que se engajam a partir dela.

Este estudo foi escrito a partir do olhar e da escuta de uma etnógrafa aprendiz, e em diversos momentos tive dificuldades de deixar o olhar da pesquisadora superar o olhar da filha, musicista da comunidade ou da luterana convicta. Ainda assim, ao apresentar a minha comunidade e refletir sobre práticas tão naturalizadas para mim, pude ampliar o meu olhar de pesquisadora e de educadora musical e, durante todo o processo, refleti junto com as pessoas da comunidade, buscando um crescimento mútuo. Além disso, este estudo ainda pretende contribuir para os estudos sobre produção de subjetividades a partir de práticas/performances musicais, ampliando discussões na área de educação musical.

### REFERÊNCIAS

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. **Em Pauta**, v. 13, n. 20, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECKER, Howard S. De que lado estamos. In: \_\_\_\_\_. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BONHOEFFER, Dietrich. Vida em Comunhão. 7. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BOURDIEU, Pierre. O Senso prático. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRITO, Carlos Renato de Lima; ALMEIDA, José Robson Mai de. Educação musical e religião: reflexões sobre o processo de ensino/aprendizagem de música na Congregação Cristã do Brasil. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 10. 2011, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2011. p. 264-271.

CAMPELO, Regina Celia Lopes. **O Coro como fator musicalizador na Igreja Presbiteriana do Brasil**. 1999. 203 f. Dissertação (Mestrado em Música)— Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1999.

CANDÉ, Roland de. História universal da música. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COOK, Nicholas. Agora somos todos (etno)musicólogos. Ictus, 7, p.7-32, 2006.

COSTA, Marcia Victorio de Araújo. **Música religiosa**: som de memória ou memória do som? Um estudo das relações entre educação, religião e música na igreja presbiteriana do brasil no presbitério do Rio de Janeiro. 1994. Dissertação (Mestrado em Música)— Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1994.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. 2004. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)— Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DREHER, Martin Norberto. **De Luder a Lutero:** uma biografia. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EBERLE, Soraya Heinrich. **Ensaio prá quê?** Reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de Louvor e Adoração como agente e espaço formador teológico-musical. 2008. Dissertação (Mestrado em Teologia)— Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

EWALD, Werner. **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal. 2010.

EWALD, Werner. **Reforma e a Música.** Portal Luteranos. 2012. Disponível em: <a href="http://www.luteranos.com.br/conteudo/reforma-e-musica">http://www.luteranos.com.br/conteudo/reforma-e-musica</a>> Acesso em: 08 jul. 2018.

EWALD, Werner (Org.). **Música Luterana**: 500 anos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

FERNANDES, Vanessa. **Itinerários e concepções do ensino de música na Rede Municipal de Blumenau.** 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação)— Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2017.

FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli M. V. **Um alemão nos trópicos**: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento/Instituto Blumenau 150 anos, 1999.

FIGUEIREDO, Theógenes Eugênio. **Koinonia e música**: uma comunidade evangélica no Rio de Janeiro e sua prática musical. 2004. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRARDI, Michelle Arype. **Aprender e ensinar música na Igreja Católica**: um estudo de caso em Porto Alegre/RS. 2015. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GOMES, Lúcia Helena Cysneiros Matos. **Rezas cantadas do mês de maio em uma comunidade rural da zona da mata norte (PE)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Música)—Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GRAF, Geraldo; RAMLOW, Leonardo. (Org.) **Nossa igreja:** nossa identidade: manual de estudo. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para "outra" música: uma pesquisa atual em sala de aula. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 20, n. 28, p. 61-80, 2012.

HÜLLE, Márcia Helena. Depoimento durante a Sessão Solene de 23/10/2017 - 500 anos da Reforma Luterana. **TvlBlumenau**. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=w391IXmJyqY">https://www.youtube.com/watch?v=w391IXmJyqY</a>. Acesso em: 24 out. 2017.

JOLY, Maria Carolina Leme. **Convivência em uma orquestra comunitária**: um olhar para os processos educativos. 2007. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

; JOLY, Ilza Zenker Leme. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 19, n. 26, p. 79-91, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pósmodernas. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 18, n. 23, p. 67-74, mar. 2010.

MENDONCA, Joezer De Souza. **A Mensagem na Música**: estudos da Teomusicologia sobre cânticos dos Adventistas do Sétimo Dia. 2014. Tese (Doutorado em Música). São Paulo: Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014.

MÜLLER, Vânia Beatriz. **A música é, bem dizê, a vida da gente**: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal Porto Alegre — EPA. 2000. 218 f. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. **Indivíduo músico,** *música universal*: uma etnografia na Itiberê Orquestra Família. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)— Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NETTL, Bruno. **The Study of Ethnomusicolgy**: thirty-one Issues and Concepts. Chicago: University of Illinois Press, 2005.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu**: Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

NOVO, Jose Alessandro Dantas Dias. **Educação musical no espaço religioso**: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa — Paraíba. 2015. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA. Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: Olhar, escrever, escutar. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, São Paulo: USP, 1996.

ORDINE, Nuccio. A utilidade do inútil: Um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORTIZ, Renato (Org.). A Sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olho d'Água, 2013.

PELLANDA, Nize Maria Campos. À Guisa de introdução: Reflexões sobre neoliberalismo e subjetividade. In: MCLAEN, Peter. **A Pedagogia da Utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

QUEIROZ, Luís Ricardo. Educação musical é cultura: nuances para interpretar e (re) pensar a práxis educativo-musical no século XXI. **Debates** - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música, v. 18, p. 163-191, 2017.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Educação musical e etnomusicologia: lentes interpretativas para a compreensão da formação musical na cultura popular. **Opus**, Belo Horizonte, v. 23, p. 62-88, 2017a.

QUEIROZ, Luís Ricardo da Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídiso musicais e exclusões. **Revista da Abem,** Londrina, v. 25, n. 39, p. 132-159, 2017b.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Performance musical nos ternos de Catopês de Montes Claros**. Tese (Doutorado em Etnomusicologia)— Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

RIBEIRO, Fábio Henrique. Música e religião: interfaces na produção da performance. **Opus**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 243-264, dez. 2013.

ROSA, Leila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: nota sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. Curitiba: **Revista Vórtex**. v. 3, n. 2, p. 25-56, 2015.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. **A igreja como espaço educacional:** contribuições das práticas e vivências musicais no ambiente da igreja na formação de alunos do curso de artes — licenciatura em música — da Universidade Regional de Blumenau. 2006. Monografia. FURB, Blumenau, 2006.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 35-53.

SCHALK, Carl. F. **Lutero e a Música**: paradigmas de louvor. Tradução, Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal. 2006

SCHOLL MATTER, Suelen. A encantadora tradição germânica: uma etnografia da música entre "coralistas católicos" e "descendentes de alemães" na encosta da serra gaúcha. 2014. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Helena Lopes da. Música, juventude e mídia: o que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem. In: SOUZA, Jusamara. **Aprender e Ensinar Música no Cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SMALL, Christopher. El Musicar i el Multiculturalisme. In: **ACTES DE LES IV JORNADES DE MÚSICA**. Institut de Ciències de l'Educació. Universitat de Barcelona. 2002. p. 13-31.

. Música Sociedad	Educación.	Madrid:	Alianza	Editorial.	1989.
-------------------	------------	---------	---------	------------	-------

SOUZA. Jusamara. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e Música. In: EWALD, Werner. **Música e Igreja**: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal. 2010.

SOUZA, Priscila Gomes de. **Templo central da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Natal/RN**: um estudo sobre música e educação musical. 2015. Dissertação (Mestrado em Música)— Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SOUZA, Zilmar Rodrigues. **A música evangélica e a indústria fonográfica no Brasil**: anos 70 e 80. Dissertação (Mestrado em Artes)— Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

STEUERNAGEL, Marcell Silva; EBERLE, Soraya Heinrich, EWALD, Werner [et al.]. **Livro de Canto da IECLB.** São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2017.

STEUERNAGEL, Marcell Silva. Cantando a verdade juntos: estabelecendo parâmetros na escolha de repertório para o canto comunitário. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 89-101, 2015.

TEDESCO, Anderson Luiz; STRIEDER, Roque. A formação do *ethos* contemporâneo: desafios à educação. In: **Conjectura**: Filos. Educ. Caxias do Sul, v.19, n.3, p. 96-116, 2014.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. Observando o Familiar. In: \_\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987. p. 123-132.

VOIGT, Emílio (Org.). **Quem é a IECLB?** São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2016.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1987

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim; ERTEL, Daniele Isabel; SOUZA, Jusamara Vieira. Música nas escolas: uma investigação sobre a implementação nos municípios do rio Grande do sul. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 16, n. 1, 2016.

ZIMMERMANN, Cleonir Geandro. **Música Teológica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Teologia)— Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

# ANEXO A - SUMÁRIO DO LIVRO DE CANTO

# Sumário

CANTO DO CULTO CRISTÃO Entrada Confissão de Pecados Anúncio da Graça Kyrie Louvor	1 31 45 52 65	Canto do Tempo Litúrgico Manhã Noite Advento Natal Ano Novo	3	34 43 53 67
Salmo	85	Epifania		.00
Gloria Patri	140	Paixão	4	.05
Palavra	148	Domingo de Ramos	4	16
Aclamação	177	Tríduo Pascal		
Confissão de fé	192	– Quinta-feira da Paixão		-22
Intercessão	195	<ul> <li>Sexta-feira da Paixão</li> </ul>		23
Amém	210	– Vigília Pascal		29
Ofertório	217	Canto de Páscoa		34
Diálogo Eucarístico	228	Ascensão		54
Santo	233	Pentecostes		56
Oração Eucarística	245	Ação de Graças		170
Oração do Senhor	257	Reforma		180
Gesto da Paz	260	Cristo Rei	5	19
Fração	265			
Agnus Dei	266	Canto da Igreja	_	
Comunhão	271	Criação		30
Bênção	283	Crianças		33
Envio	302	Cultura da Paz		556
Batismo	310	Diaconia		62
Confirmação	318	Ecumene		572
Instalação e Ordenação	320	Missão		581
Luto e Esperança	323	Confiança e Comunhão	5	593

FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

#### ANEXO B - LIVRO DE CANTO 150 - BUSCAI PRIMEIRO



FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

## ANEXO C – LIVRO DE CANTO 155 – DEUS É MEU AMPARO



FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

# ANEXO D – LIVRO DE CANTO 176 – DIZEI AOS CATIVOS, SAÍ



FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

# ANEXO E - ARRANJO DO HINO LC 176 - DIZEI AOS CATIVOS, SAÍ



Flauta doce



SOPRANO 2

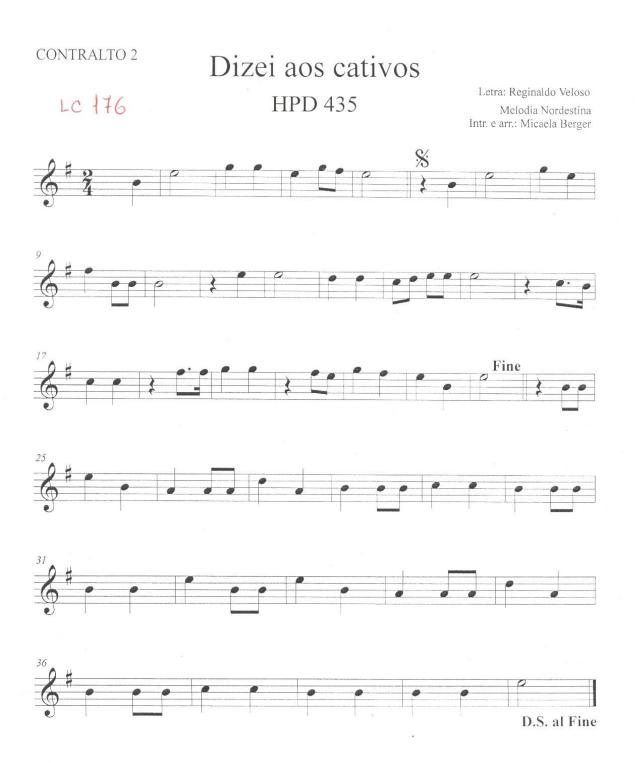
# Dizei aos cativos

LC 176

HPD 435

Letra: Reginaldo Veloso Melodia Nordestina





#### ANEXO F – LIVRO DE CANTO 258 – PAI NOSSO SERTANEJO

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

//: Pois teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém. ://

L: Versão ecumênica; M: Joaquim Ximenes Coutinho





- 1. Nosso Pai, que estás nos céus, seja santo o nome teu; O teu reino venha e faças teu querer e não o meu. Nosso Pai, nós te imploramos que nos dês o nosso pão; //:dá fartura pras cidades, manda chuva pro sertão!://
- 2. Nosso Pai, que estás nos céus, nos ajuda a desculpar, pois assim é que tu podes nossa vida melhorar, pois devemos perdoar o criado ou o patrão. //: Nos ajuda, ao que tem fome, estender a nossa mão. ://
- 3. Nosso Pai, que estás nos céus, livra-nos da tentação e nos guarda da maldade, com a tua proteção. Pois é teu somente o Reino, o poder é teu também //: e a glória é toda tua para sempre e sempre. Amém. ://

L e M: Nabor Nunes Filho, 1944-2013

FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

### ANEXO G - ARRANJO DO HINO LC 258 - PAI NOSSO SERTANEJO

# LC 258 - Pai Nosso Sertanejo

L e M: Nabor Nunes Filho, 1944 - 2013 Arr: Daniela Weingärtner





LC 258 - Pai Nosso Sertanejo





LC 258 - Pai Nosso Sertanejo



FONTE: Arquivo Grupo Laudate

#### ANEXO H – LIVRO DE CANTO 479 – GRAÇAS DOU POR ESSA VIDA

gra - ças re-ve - la - das, gra - ças dou pe-lo per-dão.

- 1. Graças dou por esta vida, pelo bem que revelou. Graças dou pelo futuro e por tudo que passou. Pelas bênçãos derramadas, pela dor, pela aflição, pelas graças reveladas, graças dou pelo perdão.
- 2. Graças pelo azul celeste e por nuvens que há também, pelas rosas no caminho e os espinhos que elas têm pela escuridão da noite, pela estrela que brilhou, pela prece respondida e a esperança que falhou.
- 3. Pela cruz e sofrimento e pela ressurreição, pelo amor que é sem medida, pela paz no coração pela lágrima vertida e o consolo que é sem par, pelo dom da eterna vida sempre graças hei de dar.

L: August Ludvig Storm, 1862-1914; M: Johannes Alfred Hultman, 1861-1942; T: Alice Östergreen Denyszczuk

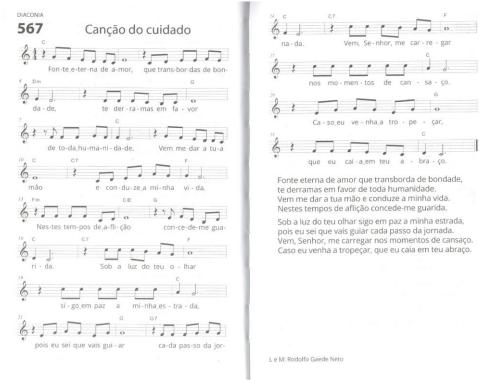
FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

## ANEXO I – LIVRO DE CANTO 511 – ALMA BENDIZE



FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

### ANEXO J - LIVRO DE CANTO 567 - CANÇÃO DO CUIDADO



FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

### ANEXO K – LIVRO DE CANTO 590 – QUÃO BONDOSO AMIGO É CRISTO



- 1. Quão bondoso amigo é Cristo! Revelou-nos seu amor e nos manda que levemos a seus pés a nossa dor. Falta ao coração dorido gozo, paz, consolação? É porque não confiamos tudo a ele em oração.
- 2. Andas triste e carregado de pesares e temor? A Jesus, refúgio eterno, vai, com fé, teu mal expor! Teus amigos te desprezam? Conta-lhe isso em oração, e, por seu amor tão terno, paz terás no coração.
- 3. Cristo é verdadeiro amigo! Disso prova nos mostrou, quando, para ver remido o culpado, se encarnou. Derramou precioso sangue, para as manchas nos lavar. Gozo em vida e no futuro já podemos alcançar!

L: Joseph Medlicott Scriven, 1819-1886; M: Charles Crozat Converse, 1834-1918; T: Robert Hawkey Moreton 1844-1917

FONTE: Livro de Canto (STEUERNAGEL; EBERLE; EWALD [et al.] 2017)

### ANEXO L – PARTITURA DA MÚSICA QUERO VERO O SOL NASCENDO



FONTE: Arquivo Coro Jovem